



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

ANA CLÁUDIA FABRE ELTERMANN
SUZY ZAPAROLI

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
ROMANTISMO BRASILEIRO: POESIAS, DIÁLOGOS E REFLEXOS ATUAIS

FLORIANÓPOLIS
2015

ANA CLÁUDIA FABRE ELTERMANN
SUZY ZAPAROLI

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
ROMANTISMO BRASILEIRO: POESIAS, DIÁLOGOS E REFLEXOS ATUAIS

Relatório Final de Estágio de Docência elaborado na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas sob a orientação da Professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS
2015

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora orientadora Isabel Monguilhott e às colegas de estágio por nos ajudarem nessa importante etapa de nossa formação.

À nossa família que nos ensinou a arte (manha) de ser educador.

O otimista é um tolo. O pessimista, um chato.

Bom mesmo é ser um realista esperançoso.

Ariano Suassuna

Aponta para a fé e rema.

Los Hermanos

RESUMO

O presente relatório tem como objetivo refletir sobre as atividades desenvolvidas durante a experiência de estágio de docência realizado pelas graduandas Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zaporoli, na disciplina “Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”, do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre de 2015, sob orientação da professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. A experiência de ensino-aprendizagem foi realizada na turma do 2º ano A do Ensino Médio, no Colégio de Aplicação da UFSC.

Palavras-chave: Estágio docência, Ensino-aprendizagem, Relatório.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO.....	9
1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	9
1.1.1. A escola.....	9
1.1.2. A turma.....	12
1.1.3. O professor.....	13
1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Ana Cláudia Fabre Eltermann.....	15
1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Suzy Zapparoli.....	18
1.2. PROJETO DE DOCÊNCIA.....	21
1.2.1. Problematização, escolha do tema e justificativa.....	21
1.2.2. Referencial teórico.....	22
1.2.2.1. Sujeito, língua e gêneros do discurso.....	22
1.2.2.2. O professor.....	24
1.2.2.3. Eixos do processo de ensino-aprendizagem.....	25
1.2.2.4. Poesia romântica.....	26
1.2.3. Objetivos.....	30
1.2.3.1. Objetivo geral.....	30
1.2.3.2. Objetivos específicos.....	30
1.2.4. Metodologia.....	30
1.2.5. Recursos utilizados.....	32
1.2.5.1. Recursos materiais.....	32
1.2.5.2. Recursos bibliográficos.....	32
1.2.6. Avaliação.....	34
1.2.7. Planos de aula.....	37
1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA.....	95
1.3.1. Relato das aulas.....	95
1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica.....	100
2. DOCÊNCIA EM PROJETO EXTRACLASSE.....	103
2.1. O PROJETO EXTRACLASSE – Do papel ao corpo: movimentos teatrais no espaço escolar.....	103
2.1.1. Apresentação.....	103

2.1.2. Referencial teórico.....	103
2.1.3. Objetivos.....	105
2.1.4. Metodologia.....	106
2.1.5. Recursos.....	107
2.1.6. Avaliação.....	107
2.1.7. Planos de aula.....	107
2.2. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA NO EXTRACLASSE.....	114
2.2.1. Relato das aulas.....	114
2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica em projeto extraclasse.....	116
3. VIVÊNCIA DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	118
4. ENSAIOS INDIVIDUAIS.....	120
4.1. A experiência de estágio: reflexões e desafios, por Ana Cláudia Fabre Eltermann.....	120
4.2. Um novo passo: reflexões sobre uma prática pedagógica, por Suzy Zapparoli.....	122
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
6. REFERÊNCIAS.....	125
6.1. REFERÊNCIAS DA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	125
6.2. REFERÊNCIAS DO PROJETO DE DOCÊNCIA.....	125
6.3. REFERÊNCIAS DO PROJETO EXTRACLASSE.....	126
6.4. REFERÊNCIAS DOS ENSAIOS INDIVIDUAIS.....	127
7. ANEXOS.....	128

INTRODUÇÃO

Este relatório foi elaborado com base na experiência de estágio docente realizada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, na turma do 2ºA, no período matutino, bem como no projeto extraclasse realizado na *Ação Social Coloninha*, com a orientação da professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. O relatório segue o nosso percurso durante o semestre.

Em um primeiro momento, trazemos a seção “Descrição do espaço escolar”, na qual descrevemos o colégio, seu Projeto Político Pedagógico, seu espaço físico, bem como a turma e a prática pedagógica observadas. Esta descrição foi feita com base no período de observação inicial, na qual assistimos 10h/a da prática do professor da turma na qual iríamos trabalhar.

Após isso, trazemos o “Projeto de docência”, que foi parte de nosso planejamento das aulas, em que justificamos a escolha da temática e do gênero trabalhado, a teoria que embasou nosso planejamento, os objetivos com o projeto, a metodologia utilizada, a forma como avaliaríamos as atividades, os conhecimentos a serem desenvolvidos, assim como os planos de aula. Trazemos, em seguida, a descrição das aulas realizadas e uma reflexão acerca de nossa prática, na seção intitulada “Relatos do exercício de docência”.

Na sequência, apresentamos o tópico “Docência nos projetos extraclasse”, no qual trazemos o projeto elaborado, na seção “O projeto extraclasse”, apresentando, assim como no projeto de docência, a justificativa para o tema e o gênero propostos, nosso referencial teórico, os objetivos, a metodologia, os recursos utilizados, nossa forma de avaliação e os planos de aula. Em seguida, descrevemos e refletimos acerca das aulas realizadas no tópico “Relatos do exercício de docência no extraclasse”.

Após isso, apresentamos nossos ensaios individuais, nos quais refletimos sobre toda a experiência do estágio docência, nossas considerações finais, as referências utilizadas e os anexos, em que trazemos fotos, textos escritos pelos alunos, material utilizado nas aulas, entre outros.

1. DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

1.1.1. A escola

Situado no bairro Trindade, no município de Florianópolis, o Colégio de Aplicação oferece Ensino Fundamental e Ensino Médio para a comunidade. Por estar localizado no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o colégio possui um ambiente de estudo diversificado e bastante rico, pois a aproximação com a universidade possibilita troca de experiências com as várias áreas de conhecimento.

Fazendo um percurso histórico para refletirmos sobre a realidade atual do Colégio de Aplicação, vemos que sua formação começa em 1961, quando foi criado o *Ginásio de Aplicação* com o propósito de ser um “laboratório de prática docente” do curso de didática da Faculdade Catarinense de Filosofia, atendendo os filhos dos professores e técnico-administrativos que trabalhavam na própria faculdade. O colégio vai mudar de nomenclatura apenas em 1970, quando é nomeado Colégio de Aplicação, ou como é conhecido, CA.

A partir de 1992, o colégio define o número de três turmas por séries, cada uma com 25 alunos e implementa o sorteio como forma de ingresso na escola, construindo assim, em nossa visão, uma escola mais democrática e com maior diversidade cultural. Aqui ainda se faz necessário destacar a inclusão de pessoas com deficiência na escola, pois vai ao encontro da escolha do processo de sorteio para o ingresso de alunos no CA. A entrada de alunos com deficiência já ocorria através do sorteio, mas, atualmente, por ordem judicial, 5% das vagas no sorteio devem ser destinadas a portadores de deficiência.

O colégio ainda segue o princípio de sua criação, “proporcionando o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação, segundo as exigências da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB)” (PPP, 2012, p.3). Sendo assim, o colégio ainda é, de certa forma, um campo de práticas docentes conduzidas e orientadas por seus profissionais.

A primeira impressão que temos ao entrar no CA é de que estamos em um colégio que, diferentemente das outras escolas públicas de esfera estadual e/ou municipal, possui múltiplos ambientes diferenciados que facilitam o trabalho dos profissionais que atuam na escola, fazendo o processo de aprendizado ser mais dinâmico e interdisciplinar. O CA conta com sala de informática e multimídia, um consultório médico e odontológico, sala de dança,

sala de teatro, sala de música, biblioteca, uma sala para brinquedos, cozinha, auditório e mini-auditórios, etc. Aqui se faz necessário um parêntese para pensarmos no espaço da biblioteca escolar do CA, que possui três espaços: um espaço para os anos iniciais, com livros infantis, mesas e cadeiras adaptadas para crianças, tapetes e almofadas; um espaço para o público de maior idade com *pufs* e livros tanto didáticos quanto literários; e por fim, uma sala de estudos monitorados que possui um *datashow* e uma mesa grande para a disposição dos alunos. Também podemos destacar que a biblioteca é arejada, iluminada e confortável, possuindo um sistema antifurto de livros, sendo que os alunos devem deixar suas mochilas e materiais em armários que estão localizados na entrada da biblioteca. A área de português conta ainda com seu próprio laboratório, o *Laboratório de Linguagem*, onde os professores se encontram em suas reuniões de disciplina e levam os alunos para atividades diferenciadas.

As salas de aulas do colégio possuem quadro de vidro, armário para guardar os livros didáticos, *datashow* e ar condicionado, sendo que se faz necessário pegar o controle de ambos na sala de inspetoria. As salas são amplas, possuindo janelas e cortinas, tendo assim uma boa iluminação para a condução da aula.

O colégio também possui áreas externas, tendo um ambiente arborizado, com jardins, parque para crianças, quadra de esportes descoberta e um campo de areia para futebol. Dessa forma, os docentes, discentes e funcionários usufruem um espaço tranquilo e agradável, não sendo raro observar alunos dialogando entre si, lendo ou tocando instrumentos musicais sentados em bancos espalhados pelos ambientes da escola. Ainda é necessário destacar que o colégio em geral possui rampas de acessibilidade e banheiros adaptados para alunos cadeirantes.

Atualmente o colégio conta com 27 servidores técnico-administrativos e 107 educadores, sendo que 18 são substitutos e 89 efetivos. Por estar atrelado à universidade, encontramos também bolsistas de diversos cursos de graduação atuando dentro do colégio em espaços como a biblioteca e os laboratórios.

Saindo do aspecto da estrutura física do colégio e entrando mais internamente nas relações construídas entre sujeitos na escola, encontramos no PPP algumas pistas de eixos e metas propostas pelo CA. De acordo com o mesmo, os objetivos da escola frente à comunidade são:

- a) Propiciar os conhecimentos necessários para instrumentalizar o educando na sua atuação, tornando-o crítico e produtivo no processo de transformação no mundo e na conseqüente construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária;

- b) Possibilitar ao educando a vivência de práticas democráticas concretas para que este possa desenvolver-se como sujeito livre, consciente e responsável na construção coletiva de sua realidade histórica.
- c) Proporcionar e desenvolver atividades de pesquisa e extensão que contribuam para a melhoria do ensino, como para formação continuada dos docentes. (PPP, 2012, p.8)

Assim, o ensino, a prática, a pesquisa e a extensão se tornam elementos presentes na atuação pedagógica dos docentes do CA, para uma formação mais crítico-reflexiva frente à sociedade. Também podemos destacar, a partir da leitura do PPP, os quatro pilares estruturais no currículo da escola: alfabetização e letramento, interdisciplinariedade, iniciação científica e formação de leitores.

Entre os projetos presentes na escola, podemos citar o projeto *Córdoba*, que possibilita o intercâmbio entre professores e estudantes da Escuela Manuel Belgrano de UNC e do Colégio de Aplicação da UFSC; o projeto *Coral*, que realiza aulas de canto semanalmente; *Arte na escola*, uma parceria entre o DAC (Departamento Artístico Cultural da UFSC) e o CA, que busca maior formação do professor de artes e disponibilização de materiais para o ensino artístico na escola. Há, também, o projeto *Pés na estrada*, que possui o objetivo de estimular a pesquisa científica através de visitas de campo. Esse projeto está relacionado à *Iniciação Científica Junior*, que possibilita os discentes desenvolverem um projeto de pesquisa junto a um orientador da escola e escrever um artigo científico sobre o seu objeto de pesquisa. Tanto o *Pés na estrada*, quanto a *Iniciação Científica* são projetos desenvolvidos no nono ano que buscam a formação de alunos pesquisadores. De acordo com o PPP da escola, a iniciação científica é um dos pilares do currículo sendo uma prática constante durante todo o trajeto do aluno na escola: “A prática da IC implementada desde os Anos Iniciais do EF, proporcionará acesso ao conhecimento científico e despertará interesse pela ciência e pelas relações entre os conceitos científicos e a vida.” (PPP, 2012, p. 11).

Outro projeto que se destaca na escola é *A revista sobre tudo*, sendo resultado de uma iniciativa da disciplina de Língua Portuguesa. Nessa revista pode-se encontrar a publicação de várias produções literárias e artísticas dos alunos. Ainda, na entrevista realizada com o professor da turma, descobrimos que os projetos desenvolvidos no laboratório de linguagem se constituem uma “atividade permanente da escola de pesquisa e extensão que procura pensar justamente a questão do trabalho com a linguagem na sala de aula em vários níveis”.

Por fim, a escola também traz a *educação inclusiva*, que oferece cursos para os docentes e para a equipe pedagógica do colégio com o objetivo de ampliar os conhecimentos no ensino para alunos com deficiência. No período de observação foi percebido que havia um

curso de libras, pertencente a este projeto. Há outros projetos em andamento na escola como o *LabrinCA*, o *Projoit*, o *PACH*, entre outros.

1.1.2. A turma

A aproximação com a turma se deu através da observação das aulas e da aplicação de um questionário, em que perguntamos aos alunos sobre os seus contextos familiar, escolar e cotidiano. A turma, do 2º ano B, é composta de vinte e cinco estudantes, sendo onze meninos e quatorze meninas, na faixa dos quatorze aos dezoito anos, a maioria tendo a faixa esperada dos quinze e dezesseis anos.

Foi possível constatar que grande parte dos alunos mora longe do Colégio de Aplicação, utilizando, dessa forma, o ônibus como meio de transporte principal, embora alguns poucos alunos venham também de carro e, somente dois, a pé. Além disso, percebemos que a maioria é natural de Florianópolis, sendo apenas cinco vindo de outras cidades e estados.

Quanto ao acesso à internet, observamos que todos os alunos possuem internet em casa, que utilizam para entrar no *Facebook*, no *Whatsapp*, no *Youtube*, entre outros. Como planejamos utilizar alguma ferramenta *online* com os alunos nas aulas, como uma página no *Facebook*, esta pergunta tinha um caráter fundamental para nós. Questionamos ainda sobre os hábitos de leitura, mas a maior parte comentou apenas que gostava de ler, sem especificar.

Sobre atividades fora da escola, percebemos que onze alunos fazem alguma, normalmente ligada a esportes ou aulas de língua estrangeira, como inglês e espanhol. Constatamos ainda que dois alunos possuem trabalho remunerado.

A turma, em geral, é bem tranquila, não havendo, na maior parte do tempo, conversas que atrapalhem o andamento da aula. Percebemos, ao contrário, que muitas conversas e piadas que os alunos contam é relacionada com o que o professor está falando. Muitos discentes gostam de participar da aula, tirando dúvidas ou relacionando com algo da realidade deles. Alguns alunos, no entanto, parecem indiferentes ao que acontece, muitas vezes mexendo no celular, ou conversando com o colega ao lado.

Nos questionários percebemos, ainda, que a maior parte dos estudantes gosta do colégio em que estuda e, principalmente, do professor de Língua Portuguesa. Afirmam gostar muito dos espaços que o colégio possui, em especial as áreas externas, que permitem que eles descansem e conversem com os amigos. No entanto, notamos a partir dos questionários que alguns alunos gostariam que a merenda escolar melhorasse, outros destacam a estrutura como

um ponto a ser desenvolvido, e outros estudantes destacam as atitudes dos professores como um aspecto que deixa a desejar. Apenas dois discentes destacaram a falta de enfoque no preparo para o vestibular como algo negativo na escola.

1.1.3. O professor

Para que pudéssemos conhecer o trabalho do professor da turma, além de fazermos a observação de dez horas-aula, realizamos uma entrevista. O docente se mostrou receptivo, sempre apoiando e auxiliando o planejamento das estagiárias.

O professor possui formação em Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina, além de mestrado e doutorado em literatura pela mesma instituição. Trabalha no Colégio de Aplicação há quatro anos, como professor efetivo, em dedicação exclusiva. Sua carga horária semanal é de quarenta horas, sendo vinte horas em trabalhos administrativos da escola, oito horas em sala de aula, duas horas para recuperação, oito horas para planejamento e duas horas em projeto de pesquisa.

Quanto ao planejamento, afirma que as competências de leitura, produção escrita, produção oral e análise linguística estão interligadas e que os alunos devem passar por cada uma dessas competências, finalizando com uma produção em determinado gênero. Para que isso aconteça, comenta que cada professor precisa equalizar a quantidade de coisas que serão trabalhadas com o tempo necessário para que o trabalho seja bem feito. Apesar disso, o docente considera o planejamento dinâmico, ou seja, embora tenha em vista em que ponto vai começar e em que ponto vai parar, é o andamento das aulas que vai ditar os andamentos das próximas. Sobre a avaliação, acredita que os alunos devem ser avaliados de diferentes modos e em diferentes suportes, permitindo diversas formas de expressão.

Em suas aulas, o professor afirma que possui uma ementa que precisa atender, fruto de uma construção coletiva com a escola, e possui liberdade na escolha do material para abranger a mesma. A autonomia se dá, portanto, de duas formas: tanto na escolha coletiva e histórica quanto na escolha individual do material. O livro didático também é definido coletivamente com os outros professores, a partir das seleções feitas pelo PNLD. Ele é utilizado principalmente para a leitura de textos e como material de apoio, não ficando o professor preso a ele.

No que se refere ao diálogo com outros professores, o educador procura fazer o planejamento junto com a outra professora da mesma série, mantendo o mesmo andamento nas turmas, embora lembre que as aulas são diversas, pois cada sujeito é único. Além disso,

comenta sobre os professores da educação especial, recentes no colégio, com os quais faz o planejamento, de forma que estes possam adaptar as aulas e os conteúdos da melhor forma para cada aluno com deficiência. Em relação aos professores de outras áreas, afirma que os diálogos acontecem em alguns projetos extraclasse, como viagens de estudo e projetos de pesquisa, e funciona bem em algumas séries, mas que no andamento das aulas em geral este diálogo não acontece com frequência.

Sobre concepções de sujeito e de língua, o docente possui afinidade com as reflexões de Michel Foucault e Roland Barthes. O professor afirma que, na inserção na ordem do discurso, o sujeito ao mesmo tempo que é assujeitado pelo próprio discurso, tem uma espécie de agenciamento com esse mesmo discurso. O discurso seriam todas as nossas instituições e a nossa história, a que somos atravessados, porém, o sujeito aqui não é algo imutável, pois o indivíduo se forma na maneira com que lida com o discurso.

Quanto à língua, associa com o pensamento de Roland Barthes em *Aula*, no qual o autor discorre sobre o caráter fascista da linguagem, isto é, esta ao mesmo tempo que nos impede de dizer, nos obriga a dizer; ou seja, pelo fato de a língua ter uma história, ela nos impede de realizar certos discursos de uma determinada maneira em detrimento de outros discursos e de outras formas. É na relação do sujeito com as diferentes linguagens que vai ocorrer, no entanto, alguma liberdade, permitindo que ele escape desse assujeitamento. A arte seria justamente esse campo em que o indivíduo consegue subverter esses discursos, ser “outros” sujeitos, daí a importância da literatura nas aulas de português.

Observando a relação do professor com a turma durante as aulas, e pelo questionário aplicado, percebemos que os estudantes gostam muito das aulas de Língua Portuguesa. Os alunos elogiam a contemplação de múltiplas linguagens na disciplina, afirmando ser uma das aulas mais diversificadas do colégio. O professor tem uma postura amigável e respeitosa em sala de aula, sempre permitindo e incentivando a participação dos estudantes.

Sobre a inclusão de alunos com deficiência, o docente conta que o trabalho com eles tem melhorado, mas que, mesmo com o apoio dos bolsistas e dos professores de educação especial, é um desafio constante e dinâmico, pois nas licenciaturas não há um preparo para lidar com esses alunos e nem sempre o professor sabe se está fazendo a coisa certa. Comenta ainda que não se pode dizer que o aluno “não dá conta”, pois o professor muitas vezes é que não dá conta, tendo assim uma parcela de responsabilidade nesse processo, de inclusão desses alunos e de propiciar aos outros o convívio com a diferença. Lembra ainda que uma deficiência em determinada habilidade pode vir acompanhada de qualidade em outras

habilidades. Considera o trabalho com esses estudantes, dessa forma, embora difícil, um trabalho rico.

1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Ana Cláudia Fabre Eltermann

O período de observação auxilia os estagiários a conhecer melhor o ambiente escolar e a turma com a qual vão trabalhar, bem como no planejamento das aulas que serão ministradas. Ao assistir as aulas, os estagiários podem perceber como o professor da turma trabalha e analisar sua prática docente, aprendendo e conhecendo, dessa forma, uma abordagem e algumas estratégias de ensino.

O Colégio de Aplicação, diferente de grande parte das escolas, prevê, ao professor, uma hora de planejamento para cada uma hora em sala de aula. Além disso, para completar a sua carga horária, o professor pode incluir horas de trabalho administrativo ou de pesquisa e extensão. Dessa forma, o professor deixa de ser simplesmente um reproduzidor, preso ao livro didático, e passa a ser um professor pesquisador, sempre em busca de atualização e de produção de conhecimento. De acordo com Antunes, “não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos” (2003, p. 40). Foi possível perceber que o professor da turma possuía posições teóricas e conhecimentos claros sobre sua prática e mantinha uma pesquisa constante em sua área, a literatura. Isso significa dizer que o professor está em constante formação e nunca terá respostas prontas para os alunos, respostas estas produzidas por uma autoridade maior, o livro didático. Assim como afirma Geraldí, em *A aula como acontecimento*, “(...) trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis” (2010, p. 97-98).

Por não se considerar pronto e dono de um conhecimento que deve “passar” aos estudantes, o professor não trata sua aula como algo acabado e que deve seguir fielmente o planejamento. Ao contrário, percebemos que conduz sua aula como acontecimento, como proposto por Geraldí, dando a voz aos discentes. Como exemplo observamos que, em uma aula sobre o período romântico, uma aluna questiona sobre o que é cultura e sobre quando podemos afirmar que alguém “possui cultura”. O professor aproveita a pergunta da discente e discute o conceito, desconstruindo estereótipos e fazendo os alunos refletirem sobre o assunto. Assim, percebe que “(...) a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade. Tomar a aula como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como

inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida no passado” (GERALDI, 2010, p.100).

Dessa forma, adota uma concepção interacionista da língua, que vê o aluno como um sujeito não passivo e, assim sendo, interlocutor. A unidade dessa interação, para o Círculo de Bakhtin, é o enunciado, ou seja, o texto como unidade de interação. Os eixos que devem nortear o ensino da língua devem ser, portanto, de acordo com Geraldi (1996), o uso dessa linguagem e a reflexão sobre ela. O uso ocorre na escuta, na leitura e na produção de textos (orais e escritos), em diversos gêneros, e a reflexão ocorre na análise linguística. O professor da turma procura contemplar, como afirmou em entrevista e percebemos na observação, todas essas competências de leitura, produção escrita, produção oral e análise linguística, embora nas dez aulas o foco tenha permanecido nas duas primeiras.

É importante observar ainda que, na produção escrita, o professor do 2ºB compreende as etapas de sua realização, que de acordo com Antunes (2003, p.54) são: planejamento, operação e revisão. Destacamos a importância da reescritura de textos, com a mediação do professor, como forma de fazer uma reflexão sobre a língua. Observamos um momento como este quando o professor entregou os textos dos alunos para que eles refizessem em casa, comentando alguns pontos que a turma em geral estava com dificuldade. Permitir a refacção é acreditar que há várias maneiras de se dizer algo e que nenhum texto está completamente pronto; sempre é possível aperfeiçoá-lo.

Outro ponto a destacar, já comentado brevemente, é o incentivo do professor para que os estudantes falem em sala de aula. O docente procura não fazer uma aula meramente expositiva, com a preponderância de sua voz, mas ao contrário, sempre faz questionamentos aos alunos, levando-os a refletir sobre o assunto tratado e dar suas opiniões e apontamentos. Dessa forma, mostra ao aluno que este deve contribuir com a aula, para que possam construir o conhecimento juntos, sem que haja uma única resposta ou uma única perspectiva sobre o tema tratado. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (PCNEM), podemos perceber essa orientação:

O confronto de opiniões e pontos de vista fundamentados faz parte da necessidade de entendimento e de superação do achismo. Procurar a herança do agora, discutindo as diferentes perspectivas em jogo, faz com que professores e alunos conquistem a possibilidade de rearticular o conhecimento de forma organizada, sem a imposição de uma única resposta, sempre parcial. (BRASIL, 2000, p.9)

Percebemos, no entanto, que ainda há pouca participação em aula e sempre dos mesmos alunos, e até nessas ocasiões, na maior parte das vezes, é uma intervenção tímida,

envergonhada, como se aquela posição de locutor não pertencesse a eles naquele espaço. Muitos ainda permanecem quietos, conversando com o colega ou mexendo no celular, ou até mesmo prestando atenção, mas sem se manifestarem. Isto se deve, talvez, ao hábito já arraigado de que na escola o professor (autoridade) fala, enquanto os alunos escutam, hábitos esses que podem vir de outros colégios de que vieram esses alunos, ou até mesmo da atitude de professores do CA, em outras disciplinas.

Apesar disso, vimos alunos comentarem e fazerem relações surpreendentes, muitas vezes com outras leituras que haviam feito anteriormente na disciplina, ou com o próprio cotidiano fora da escola. Como afirma Antunes, “(...) as *informações prévias* com que o *leitor chega ao texto*, derivadas de seu próprio *conhecimento de mundo* e das *relações simbólicas* que, aí, estabelece, também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão de texto” (ANTUNES, 2003, p.78). Além dos próprios alunos, o professor também procurava relacionar o assunto tratado, no caso o período do romantismo, com o que estava na realidade dos alunos, como filmes, músicas ou livros que são populares entre eles.

O uso de outras linguagens, a propósito, é uma constante nas aulas, pois o docente traz pinturas, músicas, fotografias e filmes para os alunos, mostrando-os sempre que possível, ou dando indicações para que os estudantes vejam em casa. Presenciamos aulas em que a turma assistiu a um filme, integralmente, e depois viu trechos de uma mesma cena, realizada por outras versões da mesma história. O professor discutiu, dessa forma, a adaptação da literatura para o cinema, bem como as inúmeras maneiras de fazer a mesma cena, discutindo ponto de vista, roteiro, caracterização dos personagens, entre outros aspectos. Este aspecto, de abordar outras linguagens, também está presente nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)*:

O nome da disciplina – Língua Portuguesa – refere-se a um dos tipos de linguagem, a verbal.

Atualmente entende-se que também a linguagem não-verbal perpassa os conteúdos e temas da nossa disciplina. Por exemplo, ao aproximar um texto literário de outro texto, construído em linguagem não-verbal, analisando os recursos expressivos de cada um deles com base em critérios de semelhanças e diferenças, podem ser relacionados textos e contextos de uso. (BRASIL, 2002, p. 59)

Outro ponto indicado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM)*, abordado pelo professor, se refere ao:

(...) exame do caráter histórico e contextual de determinada manifestação da linguagem [que] pode permitir o entendimento das razões do uso, da valorização, da

representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos, ou seja, a consciência do poder constitutivo da linguagem. (BRASIL, 2000, p. 7)

O professor, observamos, procura sempre trazer esse contexto para a turma, principalmente histórico e social, o que os ajuda a relacionar com conteúdos de outras disciplinas estudadas. Devido a isso, bem como ao já exposto, é possível perceber que o docente faz um trabalho consciente e que foge do ensino tradicional, incentivando a participação dos alunos e fazendo do ensino-aprendizagem uma construção de saberes.

1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Suzy Zapparoli

O primeiro passo do processo de estágio docência foi a realização da observação da costura de 10 aulas de língua portuguesa na turma do segundo ano do ensino médio. O próximo movimento, aqui, é refletir sobre a costura exposta no tecido, não buscando um julgamento do processo ensino-aprendizagem realizado, mas encarando este como um processo (ir)repetível e único, como o *passo* responsável e responsivo.

Seguindo essa linha, observamos que as aulas realizadas se aproximam de um constante diálogo aberto, pois o educador abre espaço para a participação dos alunos em sala de aula, sempre buscando questionar os mesmos. Dessa forma, podemos pensar que o educador se aproxima da teoria interacionista de Vygotsky, onde o sujeito não é visto como alguém passivo que só recebe o conhecimento, mas aquele que se constitui através da interação com o outro na e pela linguagem. Ou seja, ao mesmo tempo que o sujeito, de certa forma, modela essa linguagem, ele é atravessado pelas palavras do *outro*. Sendo assim, o aluno é encarado como um sujeito que constrói a aula (re)significando-a e (re)significando-se com outras vozes de forma ativa. Ainda permeando a teoria de Vygotsky, o professor é aquele que faz o passo a partir do conhecimento que o aluno já possui (*Zona de Desenvolvimento Real*) e o conhecimento que pode ser desenvolvido (*Zona de Desenvolvimento Potencial*). Assim, o educador, o outro, atuará na chamada *Zona de Desenvolvimento Proximal*, não desconsiderando o que o aluno já sabe, mas mostrando outros conhecimentos para o mesmo.

Debruçando-nos, agora, sobre a estrutura propriamente dita da aula de português construída pelo docente, percebemos que o ponto de partida que dá seguimento para a sua aula é a literatura, vista, nos parece, como um direito humano já que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2004, p.180). Para desenvolver o

conhecimento literário, o educador segue o modelo de temática das grandes escolas literárias, também presentes em livros didáticos, mas não se restringe apenas nelas. Assim, ele parte de um trecho da obra literária para refletir com os alunos sobre as questões da língua dialogando com várias linguagens, tais como, pinturas, adaptações cinematográficas, imagens, entre outros. Dessa forma, a literatura não é vista como algo fechado em gavetas, mas de múltiplos significados.

Nesse sentido, as aulas observadas lembra-nos Geraldi, que discute o ato de ler como um ato que possui uma interação de enunciados entre leitor/obra/escritor. Sendo assim, o professor não deve fechar o texto para um significado, mas buscar abrir o texto em seus vários sentidos, propiciando várias e variadas leituras para o aluno, formando, assim, um tecido de olhares sobre a realidade. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) também encontramos essa proposta de ensino que busca:

[...] desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das *múltiplas possibilidades de expressão linguística*, sua capacitação como leitor efetivo dos mais *diversos textos representativos de nossa cultura*. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (PCNEM, 2000, p. 55, *grifos nossos*)

Ainda no plano da literatura, o educador encara esta como algo que não está solto no tempo, sempre fazendo relações entre a manifestação literária com a sua época histórica, lembrando-nos os gêneros do discurso de Bakhtin, onde o gênero é um tipo de enunciado relativamente estável que não pode ser visto separado da sua formação histórica. Então, entender o motivo do romance ter sido uma manifestação privilegiada nos séculos XVIII e XIX, pressupõe entender o que estava acontecendo nessa época, e o pensamento que os sujeitos atuantes possuíam.

Também podemos relacionar a forma de organização e condução das aulas observadas com a proposta de Geraldi, em que o aprendizado *operacional e reflexivo* da língua se dá através de três unidades de ensino: a prática de leitura, a prática de produção textual e a prática de análise linguística. Esses três módulos estão costurados entre si e devem estar interligados na prática docente das aulas de português. Observamos isso, na prática do docente, quando este, ao entregar uma produção escrita para os alunos, fez apontamentos sobre as dificuldades de escrita encontradas nos textos, analisando linguisticamente os mesmos. Por sua vez, a produção escrita realizada durante o período de observação estava entrelaçada com a leitura de um filme de temática romântica. Dessa forma a leitura está

interligada à produção, que, por sua vez, se constitui em *pano de fundo* para a análise linguística.

Para a produção de textos, observamos que o professor busca munir os alunos com uma bagagem de conhecimento antes da mesma, para que estes possam escrever. Nesse aspecto, o educador se aproxima de Antunes, já que este destaca que a “pobreza de repertório, falta de informação, não ter o que dizer não são problemas que se solucionam com regras de gramática nem com exercícios de análise sintática, Para escrever bem, é preciso, antes de tudo, *ter* o que dizer, conhecer o objeto sobre o qual se vai discorrer.” (ANTUNES, 2003, p. 70). Também encontramos uma aproximação com Antunes na prática da (re)escritura. O educador ao devolver a primeira versão do texto dos alunos e fazer os apontamentos necessários, estipula uma semana de prazo para reescrita da segunda versão, tendo em seu planejamento a etapa da revisão e da reescrita. Antunes destaca que “a escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões.” (ANTUNES, 2003, p. 54). Portanto, a reescrita abre para a reflexão sobre o texto escrito e faz com que o aluno não encare o texto, o seu texto, como algo fechado e estagnado.

1.2. PROJETO DE DOCÊNCIA

1.2.1. Problematização, escolha do tema e justificativa

Ao entrarmos na sala de aula do 2ºB do Colégio de Aplicação, para a observação de dez horas-aula da prática pedagógica do educador de língua portuguesa, bem como as relações que os sujeitos construíaem naquele espaço, sabíamos que seria um novo desafio. O fato de serem alunos de Ensino Médio em uma escola de esfera federal, portanto com uma estrutura mais elaborada e com o corpo docente mais especializado, em um primeiro momento, nos preocupou em como daríamos conta de realizar uma experiência docente naquele lugar com aqueles sujeitos.

No entanto, a observação da escola e da prática docente nos mostrou que os sujeitos naquele espaço, também buscavam um ensino com mais qualidade e uma *escola mais democrática e participativa*, sendo que isso se dá através de uma construção coletiva do ensino. Em um de seus escritos, Paulo Freire, destaca que “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte.” (FREIRE, 2000, p. 79). Nesse sentido, assim como Freire, refletimos que os sujeitos e a escola, que se faz através destes, não estão feitos, mas em constante construção através da prática pedagógica.

A observação nos mostrou que o docente busca fazer da aula de língua portuguesa um espaço democrático e participativo, em que ele incentiva os alunos a participar, sempre questionando-os. Também notamos que as aulas de português estão atreladas ao Projeto Político Pedagógico da escola, já que buscam uma interdisciplinariedade, o desenvolvimento da pesquisa e a formação de leitores.

Dessa forma, em nossa prática docente buscaremos, assim como o educador da turma, atar nossa prática com o PPP da escola, sempre levando em conta a interdisciplinariedade e a formação de leitores e escritores, buscando incentivar a participação dos alunos em sala de aula, através de discussões *abertas*, não encarando o discente como um sujeito passivo, mas alguém que está se fazendo e fazendo o *outro* através da prática em sala de aula.

No estágio obrigatório supervisionado, conforme as suas normas, devemos seguir o planejamento feito pelo professor da turma. Este nos orientou que fizéssemos um trabalho sobre poesia do romantismo brasileiro, visto que o docente estaria abordando o gênero romance deste mesmo período antes de entrarmos em sala de aula, seguindo o currículo da escola para esta série - 2º ano do Ensino Médio. Delimitado o gênero discursivo e a época a serem desenvolvidos, optamos por realizar aulas com poesias diversas, procurando abarcar as

principais temáticas do romantismo, trazendo materiais diversificados e atividades que estimulassem a criatividade e a integração da turma.

Através da observação do colégio, da turma e da prática pedagógica do professor, pudemos planejar nossas aulas de forma que estas atendessem as expectativas. Percebemos que o trabalho feito pelo docente da turma tinha um resultado positivo, visto que utilizava referências de linguagens diversas (literatura, arte visual, cinema, música, etc.), bem como procurava sempre trazer o contexto histórico, social e político dos textos com os quais trabalhava, além de estimular a reflexão e a participação dos discentes em aula. Além disso, a turma se mostrou tranquila e, de acordo com os questionários respondidos, parece gostar das aulas, principalmente por trazer materiais diversificados.

Assim sendo, procuramos continuar o trabalho realizado pelo professor, utilizando uma metodologia variada, que fizesse uso de outras linguagens artísticas além da poesia, como curta-metragens, trechos de filmes, músicas, pinturas, etc., bem como fazendo relações com outras disciplinas, como a história. Essa ligação entre disciplinas é discutida também no PPP do próprio colégio que destaca a interdisciplinaridade como uma base do currículo da escola, sendo que é necessário que haja no espaço pedagógico um trabalho, em que “se possa pensar em momentos mais pluri/interdisciplinares ou mesmo disciplinares [sendo] fundamental que exista um DIÁLOGO entre as Disciplinas/Núcleos Disciplinares” (PPP, 2012, p.12). Portanto, o entrelaçamento de disciplinas é legitimado como prática pedagógica pelo PPP da escola e será nosso ponto de partida para uma aula mais aberta e mais dinâmica.

Além disso, optamos por trazer poesias com temáticas diversas do período estudado, como o nacionalismo, o amor, a morte, a infância e o social, procurando refletir sobre a escolha desses temas em determinado contexto histórico-social. Ainda procuramos elaborar aulas que permitissem que os alunos pensassem sobre poesia e sobre as características próprias do gênero, tais como a musicalidade, a divisão em estrofes e versos, entre outros aspectos.

1.2.2. Referencial teórico

1.2.2.1. Sujeito, língua e gêneros do discurso

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra.

Carlos Drummond de Andrade

Para pensarmos em língua, é necessário pensarmos em sujeitos que constituem e são constituídos pela linguagem através da interação. Lembramos aqui da teoria de Vygotsky em que a linguagem é vista em sua esfera de interação do *eu* com o *outro*, em que o sujeito se constitui *na e pela* linguagem. Ou seja, ao mesmo tempo em que nós construímos e marcamos nossa identidade através da linguagem, esta não fica intacta pois ela é encarada como um processo em constante mudança, não um produto acabado.

Nesse sentido concordamos com Faraco quando este fala que a língua “[...] é uma complexa realidade semiótica estruturada sim, mas necessariamente aberta, fluída, cheia de indeterminações e polissemias, porque é atravessada justamente por nossa condição de seres históricos.” (XAVIER, CORTEZ, 2003, p. 64). Da mesma forma, Geraldi destaca que “a língua enquanto esse produto de trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico, está sempre sendo retomada pela comunidade de falantes.” (XAVIER, CORTEZ, 2003, p.78). Dessa forma, os dois pensadores concordam que a língua e o próprio sujeito estão em *aberto*, ou seja, são um processo e não um produto acabado. Como Geraldi destaca: “o que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim, mas que, internalizado por mim, constitui heterogeneamente uma unidade, única e irrepetível.” (XAVIER, CORTEZ, 2003, p. 81). O sujeito, é visto como uma *construção permanente*, que se faz através da interação social com outro(s) sujeito(s) através da linguagem.

Essas teorias discutidas nos faz lembrar do conceito de enunciado do filósofo russo Mikhail M. Bakhtin, que no capítulo *Os gêneros do discurso*, do livro *Estética da criação verbal*, elege o enunciado como unidade concreta da língua, fazendo oposição à palavra e à oração, já que nem uma, nem a outra levam em conta o papel do *outro* na produção de sentidos do discurso, tomando a língua em uma abstração, fora de seu uso social.

Dessa forma, de acordo com Bakhtin, a língua não pode ser vista fora do seu contexto histórico-social, pois como o pensador destaca, a enunciação não depende apenas do indivíduo que se expressa, mas de seu interlocutor, no sentido de que sempre falamos para o *outro*, e buscamos uma resposta, ou seja, uma *atitude responsiva*: “Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda a compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (BAKHTIN, 1997, p. 291). Assim, nenhuma palavra é neutra. Todo signo é ideológico, contendo “mil faces secretas” escondidas sobre a intenção do falante, que através de uma escolha de modos discursivos, expressa o seu modo de ver e agir no mundo.

Os enunciados se concretizam na materialidade do discurso através de gêneros, que Bakhtin conceitua como tipos relativamente estáveis, não sendo algo pronto e estagnado, mas dinâmico e criativo, constituindo uma heterogeneidade ordenada, já que eles estão intimamente ligados às atividades humanas que também se modificam através dos usos sociais históricos. Assim todo enunciado é construído pelo falante através de tipos discursivos relativamente estáveis, que não diminuem o enunciado a algo fechado, pois este possui uma dimensão inesgotável, no sentido que sempre está aberta à uma resposta do *outro*.

Dessa forma, ao pensarmos ensino, precisamos levar em conta os aspectos da linguagem já problematizados anteriormente. Assim, concordamos com Antunes, em que “[...] somente uma *concepção interacionista da linguagem*, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante.” (ANTUNES, 2003, p.41). Portanto, ao pensarmos no ensino de um gênero, a saber poesia romântica, pretendemos olhar para este através de sua construção social e histórica, buscando refletir sobre determinados usos da linguagem atrelados a acontecimentos na sociedade da época em que determinado gênero era dominante, nesse caso, século XIX.

1.2.2.2. O professor

Vygotsky em sua obra *A formação Social da Mente*, desenvolve o conceito de Zonas de Desenvolvimento, para pensar nos processos cognitivos que a criança perpassa para chegar ao conhecimento. Segundo Vygotsky, existe três momentos no processo que permeiam a aprendizagem: *Zona de Desenvolvimento Real*, *Zona de Desenvolvimento Potencial* e *Zona de Desenvolvimento Proximal*. A primeira (ZD Real) seria o conhecimento que o sujeito já dominou, enquanto que a segunda (ZD Rotencial) representaria aquilo que ele pode vir a desenvolver. O processo de transição, a ponte, da primeira para a segunda se daria pela *Zona de Desenvolvimento Proximal* que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão em estado embrionário.” (VYGOTSKY, 1991, p. 97). Dessa forma, o fazer-se educador seria agir nessa ponte, como mediador entre o conhecimento que o aluno possui e aquilo que ele pode vir a conhecer. Assim, o aluno não pode ser encarado como um sujeito passivo, que apenas recebe o conhecimento. Ao contrário, o discente deve ser compreendido como participante do processo de ensino-aprendizagem, já que ele possui uma bagagem de conhecimento através de sua prática social.

Nesse sentido, Geraldi, em *A Aula como acontecimento*, reflete a nossa relação com a herança cultural, em que “a cabeça do professor, vazia por natureza, é enchida pelo aprendido na formação inicial, e isto é transmitido para a cabeça do aluno, também vazia por natureza.” (GERALDI, 2010, p. 93). Dessa forma, o conhecimento, nossa herança cultural, é algo que deve ser adquirido e transmitido através de uma *linearidade* - do mestre para o discípulo. A partir disto, Geraldi propõe a inversão da flecha, onde a herança cultural não é encarada como um conjunto de disciplinas fechadas, mas um conjunto de conhecimento e de saberes que são construídos através da interação de sujeitos:

Na inversão da flecha, o professor do futuro, a nova identidade a ser construída, não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem um vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas. (GERALDI, 2010, p. 95-96)

Dessa forma, ao encarar o aluno como participante ativo do processo ensino-aprendizagem, não mais como uma “tábula rasa” que recebia o conhecimento sem questionar, muda-se também o papel do professor nesse processo. Este, não deve ser visto como o dono do saber e das respostas já prontas, mas aquele que será a *ponte* para o *passo concreto e responsável*.

1.2.2.3. Eixos do processo de ensino-aprendizagem

Geraldi (1997) propõe, em *Portos de passagem*, o ensino de natureza operacional e reflexiva da língua, em que há três unidades de ensino: as práticas de leitura, de produção textual e de análise linguística. Assim sendo, os eixos que devem nortear o ensino devem ser o uso da língua, que ocorre na escuta, na leitura e na produção de textos, tanto orais quanto escritos, e a reflexão sobre a língua, que acontece na análise linguística. Para o autor, a produção textual devolve a voz ao aluno em sala de aula, voz essa que era somente da autoridade, o professor, e por isso deve ser o ponto de partida e de chegada do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Geraldi:

Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que uma simulação da língua escrita. Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leitura. Por fim, na escola não se faz análise linguística, aplicam-se a dados preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise linguística (GERALDI, 2006, p. 90).

Dessa forma, para que haja um ensino que fuja dessa simulação, são necessárias algumas mudanças. Irandé Antunes, em *Aula de português*, apresenta alguns princípios que podem respaldar uma prática pedagógica que explore os diversos eixos do processo de ensino-aprendizagem da língua. Alguns destes, que irão respaldar o planejamento de nossas aulas, expomos a seguir.

No que se refere à escrita, Antunes afirma que, para que o aluno obtenha êxito, é necessário que ele tenha *o que* dizer e para *quem*. A referência do outro é essencial, pois o texto se adéqua ao seu destinatário. Para que o aluno seja estimulado a escrever, seu texto não pode ficar restrito aos limites da escola, reduzido a um treino ou exercício escolar. Além disso, Antunes afirma que a produção textual deve compreender três etapas distintas: uma de planejamento, uma de operação e uma de revisão. Diferentemente do que ocorre muitas vezes nas aulas de português, é necessário que se tenha tempo para a escrita e, principalmente, oportunidade para que o aluno aperfeiçoe seu texto.

Quanto à leitura, a autora comenta que aquela completa a atividade de produção escrita e é uma forma de interação entre sujeitos, e não somente uma decodificação de sinais gráficos. Cita ainda três benefícios que a leitura traz: amplia o repertório de informações do leitor, possibilita o prazer estético e é uma forma de acesso às especificidades da escrita.

Sobre a oralidade, Antunes afirma que pode ser muito produtivo ao professor mostrar em que a oralidade e a escrita se aproximam e se afastam. Além disso, a visão de que a fala é homogênea é muito equivocada. Nas aulas de português, é preciso que o educador mostre que há variados tipos e gêneros de textos orais e ajude o aluno a desenvolver novas formas de atuação verbal.

Por fim, no que diz respeito à análise linguística, Antunes fala sobre a gramática, que deve ser relevante e funcional, ou seja, deve selecionar noções e regras que sejam úteis para a compreensão e o uso da língua, bem como ter como referência o funcionamento efetivo da língua, não por frases soltas, mas através de textos. Além disso, deve ser contextualizada e trazer algum tipo de interesse aos alunos. Como afirma Paulo Freire (2000), “Sem negar a gramática, é preciso realmente superar a sua compreensão *colonial* segundo a qual ela é uma espécie de *cabo de eito* de nossa atividade intelectual”.

1.2.2.4. Poesia romântica

Candido em sua obra “A formação da literatura brasileira”, destaca que “[...] só se pode falar todavia de literatura nova, entre nós, a partir do momento em que se adquiriu consciência da transformação e claro intuito de promovê-la, praticando-a intencionalmente.” (CANDIDO, 1971, p. 11). Dessa forma, o romantismo iniciou em Paris, através do movimento de um grupo de jovens em 1833, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco de Sales Tôrres Homem, João Manuel Pereira da Silva, Candido de Azeredo Coutinho, liderados por Domingos José Gonçalves de Magalhães. Foi através dos encontros do grupo em que se discutia arte e ciência, que se desenvolveu a ideia de uma literatura nacional independente dos padrões europeus que correspondesse ao momento político vivido no país (Independência), ou seja, a criação de uma literatura brasileira. Mais tarde, o grupo publicou a revista *Niterói, Revista brasileira de ciências, letras e artes*, em 1836, em Paris, que tinha como epígrafe a frase “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”, enquanto Gonçalves de Magalhães publicava o primeiro livro considerado de romantismo nacional, *Suspiros poéticos e saudades*, no mesmo ano.

Aqui é necessário uma pausa para destacar a importância do momento político vivido pelo país e a formação da corrente romântica. Segundo Candido a independência se constituiu uma força que desenvolveu o patriotismo, contribuindo para a formação da ideia romântica, redefinindo as posturas literárias que se tinha até então com o movimento do Arcadismo:

(a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura *independente, diversa* não apenas uma *literatura*, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional. (CANDIDO, 1971, p. 11, *grifos do autor*).

O romantismo, portanto, irá tratar dos temas como o nacionalismo, manifestado na exaltação da natureza brasileira, o saudosismo de um passado histórico e a criação de um herói nacional, no caso, o índio. Os escritores românticos valorizavam ainda o sentimentalismo, a subjetividade e o individualismo, levando a variadas maneiras de fuga da realidade, como a valorização da infância, da mulher, do amor e da morte. No período final do romantismo, os temas se tornam mais realistas, por causa das transformações econômicas, políticas e sociais, como a luta abolicionista e o fortalecimento do ideal de República. Assim, há o surgimento de uma poesia mais voltada para temas políticos e sociais.

Assim, grande parte dos historiadores que procuraram interpretar a progressão da poesia romântica brasileira, a classificaram em três gerações de poetas. A primeira, de Magalhães, definida na década de 1830, partia de um processo de modernização e nacionalização da literatura. Então a geração de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, de 1840 e 1850, que foram a nossa primeira geração de grandes poetas românticos. E por fim, a geração de Varela e Castro Alves, já por volta de 1860, com uma perspectiva menos intimista de natureza e de vida, compromissados com a revolução política e social que surgia no país. É possível perceber que essa maneira de classificação da poesia do romantismo é simplificadora, mas de certa forma corresponde a uma verdade histórica, e é uma forma de entrar em contato pela primeira vez com o período (AMORA, 1969, p.123-124).

Os românticos utilizavam também como um pano de fundo a *religiosidade*, tanto no sentido de crença e fé, como no sentido de postura afetiva demonstrada através do espiritualismo. Além de ter influências francesas, esse sentimento de religiosidade ia contra a corrente Neoclassica da cultura pagã. Candido ainda destaca o romantismo como uma *literatura local* e ao mesmo tempo *universal*, já que “tendo-se originado de uma convergência de fatores locais e sugestões externas, é ao mesmo tempo, nacional e universal.” (CANDIDO, 1971, p. 14). Dessa forma, havia um paradoxo: os escritores românticos seguiam uma tendência literária europeia, mas buscavam o rompimento dos padrões impostos pelo colonizador através da valorização do nacional, criando uma “afirmação do próprio para o imposto” (CANDIDO, 1971, p. 15).

Sobre a construção da literatura com uma “cor local”, é necessário destacar sobre a poesia romântica brasileira da segunda geração que sobrepunha os sentimentos individuais sobre o nacionalismo e patriotismo. Segundo Candido, na peça “Macário”, escrita por Álvares de Azevedo, há um confronto entre essas ideias através da discussão entre dois personagens: um que critica a poesia subjetiva e outro, que seria o próprio poeta Álvares, que aponta a artificialidade da poesia indianista e nacional: “Falam nos gemidos da noite do sertão, nas tradições das raças perdidas das florestas, nas torrentes das serranias como se lá tivessem dormido ao menos uma noite. [...]. Mentidos! Tudo isso lhes veio à mente lendo as páginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de contar que nos mangues e nas águas do Amazonas e do Orenoco há mais mosquitos e sezões do que inspiração.” (CANDIDO, 1971, p. 16). Álvares de Azevedo, a partir desta obra, demonstra uma postura crítica frente ao movimento da primeira geração de poesia que constrói uma poesia nacionalista por essência.

Dessa forma, o nacional tinha como base a artificialidade de *mitos*, ou seja, estava longe de ser a realidade concreta que o país vivia. Joaquim Manuel de Macedo construiu um relatório, em 1872-1873, no qual ele mostrava vários mitos que fundamentariam a sociedade brasileira, mitos esses de engrandecimento do país, que construiriam as bases da nova nacionalidade. Esses mitos, chamados de “verdades”, deveriam ser conscientizados por todos, para surgir e avigorar o sentimento patriótico. Antônio Amora seleciona aqueles que considera mais importantes para a criação dessa consciência coletiva no país:

1. Mito da grandeza territorial do Brasil;
2. Mito da majestade e da opulência da natureza brasileira;
3. Mito da igualdade de todos os brasileiros;
4. Mito da benevolência, da hospitalidade e da grandeza do caráter do povo brasileiro;
5. Mito das grandes virtudes de nossos costumes patriarcais;
6. Mito das invulgares qualidades afetivas e morais da mulher brasileira;
7. Mito do alto padrão da civilização brasileira;
8. Mito de nossa privilegiada “paz otaviana”.

Muitos desses mitos ainda aparecem nos sentimentos patrióticos atuais e influenciaram o espírito dos brasileiros na época do romantismo. Criaram, de acordo com Amora, “uma peculiar concepção de realidade material e moral da Pátria, e, muito particularmente, (...) uma temática literária” (AMORA, 1969, p. 37).

No que se refere a traços estruturais, para Afrânio Coutinho, devido à liberdade, espontaneidade e individualismo, característicos do romantismo, não existiam regras ou formas prescritas, pois a inspiração individual era a regra principal. O estilo, a forma, eram modelados pelo próprio autor, que era guiado pelas suas emoções e reflexões. Até mesmo em relação aos gêneros, o romantismo se diferenciou da poética neoclássica, pois houve a ausência de um gênero fixo, imutável, puro e isolado, surgindo a ideia de mistura, evolução e transformação. Assim, em uma mesma obra, apareciam “lado a lado a prosa e a poesia, o sublime e o grotesco, o sério e o cômico, o divino e o terrestre, a vida e a morte” (COUTINHO, 1978, p.149).

Em geral, o romantismo trazia como gêneros a poesia lírica, o drama e o romance. Mas houve inovações da estrutura dos gêneros, na ideia de inspiração, na temática, bem como na língua, no estilo e na versificação. Apesar de não renunciar à sintaxe e à disciplina poética, os românticos reagiram contra a tirania da gramática e ao estilo pomposo, defendendo o uso de uma língua mais natural e real. Candido destaca uma nota feita por Pôrto-Alegre encontrada no número 2 da revista de *Niterói* em que o escritor discute sobre a poesia:

“Algumas expressões se encontram, pode ser, desusadas, mas elas são filhas das novas impressões; e de mais vemos a natureza como Artista, e não como Gramático.” (CANDIDO, 1971, p. 13). Quanto à versificação, as métricas se tornaram mais variadas, com novos ritmos e mais harmoniosas (COUTINHO, 1978, p. 151).

1.2.3. Objetivos

1.2.3.1. Objetivo geral

Desenvolver as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, através de poesias do romantismo brasileiro e de outras linguagens, conhecendo ainda o contexto histórico, social e político do século XIX.

1.2.3.2. Objetivos específicos

- Desenvolver a participação e a integração através de atividades em grupo e discussões coletivas conduzidas pelas educadoras;
- Ampliar o repertório de leitura e produção escrita;
- Aprofundar o conhecimento sobre o gênero poesia romântica através de leituras e discussões;
- Interpretar poesias realizando as atividades e discussões propostas pelas professoras;
- Aperfeiçoar o olhar para novas linguagens, como a audiovisual, relacionando com a literatura;
- Criar uma versão de poesia a partir de um poema romântico do período, desenvolvendo a habilidade de criação e declamação;
- Conhecer o contexto histórico, social e político do período romântico no Brasil.

1.2.4. Metodologia

A primeira aula iniciará com a apresentação das estagiárias e do que será trabalhado com os alunos ao longo do mês. Em seguida, os alunos escreverão em papéis pequenos a resposta para a pergunta “O que é poesia?”, colocarão em um saquinho e pegarão a descrição de um colega para ler para a turma. Por fim, a professora irá distribuir a letra da música “O poeta está vivo”, para que os alunos escutem a música e acompanhem a letra, para uma discussão sobre a relação da música com o tema trabalhado.

Nas segunda e terceira aulas, o foco será na poesia nacionalista, suas características e seu contexto histórico. A professora irá contar um pouco da vida de Gonçalves Dias e fazer a leitura do poema “Canção do exílio”. Após isso, irá discutir aspectos poéticos, temáticos e contextuais do poema lido. Em seguida, a professora fará a leitura do poema “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes, para conversar com os alunos sobre as semelhanças e diferenças entre os dois textos lidos. Por fim, a turma se distribuirá em grupos, com os quais ficarão poemas que fazem intertextualidade com a “Canção do exílio”: “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, “Canção”, de Mário Quintana, “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, e uma versão de Jordana Cruvinel. Os grupos deverão fazer uma relação entre o poema original e a outra versão, apresentando suas ideias para a turma depois. A quarta aula terá a mostra da música “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque, com posterior discussão sobre a relação entre a música e o poema “Canção do exílio”, lido nas aulas anteriores.

Já na quinta aula, haverá a exibição de um curta-metragem sobre “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, e posterior leitura de um trecho do poema. Após isso, a professora irá discutir elementos da poesia, como a idealização do índio e a valorização de um elemento nacional.

Nas sexta e sétima aulas, a professora falará sobre o poeta Álvares de Azevedo e haverá a leitura do soneto “Pálida à luz”, com uma discussão sobre o tema do sofrimento amoroso e da idealização da mulher. Em seguida, a turma lerá o poema “É ela! É ela! É ela! É ela!”, do mesmo autor, com uma discussão voltada para seu tema e o elemento da ironia. A professora então irá exibir um trecho do filme “500 dias com ela” e questionará os alunos sobre os elementos românticos que ainda permanecem em nossa cultura. Para fazer em casa, os alunos terão que escolher uma poesia romântica e elaborar uma imagem (foto ou desenho) para relacionar com o texto.

Na oitava aula, a professora falará sobre o poeta Casimiro de Abreu, e ler com os alunos o poema “A valsa”. Antes da leitura, passará para os alunos escutarem a “Valsa do imperador”. Por fim, a professora irá explicar a produção textual, que será feita em casa, em que os alunos farão um ensaio crítico relacionando alguma poesia romântica com uma produção atual.

Na nona aula, a professora falará sobre o poeta Castro Alves e lerá “A balada do desesperado”, discutindo com os alunos o tema da morte. Em seguida, lerá o poema de Lord Byron, “Uma taça feita de crânio humano”, para que a turma relacione as duas poesias lidas.

As aulas dez e onze iniciarão com uma explicação sobre o contexto histórico e político do período, com a exposição de obras de arte visuais sobre esse contexto. Em seguida, a educadora distribuirá o poema “Navio negreiro”, de Castro Alves, para os alunos, para que eles ouçam uma declamação do ator Paulo Autran. Após isso, haverá uma discussão sobre o poema, complementada com cenas do filme “Amistad”. A décima segunda aula será uma continuação da discussão, incitada pela música “O navio negreiro”, de Caetano Veloso e Maria Bethânia.

A décima terceira aula iniciará com a entrega pela professora dos textos dos alunos, para a reescrita, e comentários a respeito dos problemas encontrados. Em seguida, a turma se dividirá em grupos e terá que escolher uma poesia romântica e criar outra, que faça intertexto com a primeira, bem como criar uma forma de declamar e performatizar essa poesia.

Nas décima quarta e décima quinta aulas, a professora irá ler com os alunos o poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, e fazer uma discussão sobre o tema da infância. Após isso, será lido o poema “Meus oito anos”, de Oswald de Andrade, e será exibido o curta-metragem, com o mesmo nome, de Humberto Mauro. Por fim, a educadora irá apresentar a classificação em gerações da poesia romântica brasileira, discutindo os problemas relacionados às categorizações.

Na última aula, os alunos irão apresentar as poesias criadas por eles. Em seguida, haverá um fechamento, com a entrega de notas e despedida das estagiárias.

1.2.5. Recursos utilizados

1.2.5.1. Recursos materiais

- Datashow (disponível na sala de aula);
- Computador (disponível na sala de aula);
- Folhas de papel almaço;
- Folhas coloridas;
- Quadro branco (disponível na sala de aula);
- Caneta para quadro branco;
- Saco ou caixa de papelão;
- Fotocópias dos textos.

1.2.5.2. Recursos bibliográficos

- ABREU, Casimiro de. *Meus oito anos*. Disponível em: <<https://poemasdomundo.wordpress.com/2006/06/14/meus-oito-anos/>>. Acesso em: 24/04/2015.
- ALVES, Castro. *A balada do desesperado*. Disponível em: <<http://www.carcasse.com/letras/obra.php?obra=342>> Acesso em: 24/04/2015.
_____. *Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo e Samira Campedelli*. Abril: São Paulo, 1980.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova canção de exílio*. Disponível em: <<http://ninitelles.blogspot.com.br/2011/08/as-varias-cancoes-do-exilio-6-carlos.html>>. Acesso em: 24/04/2015.
- ANDRADE, Oswald de. *Canto de regresso à Pátria*. Disponível em: <http://www.releituras.com/oandrade_canto.asp>. Acesso em: 24/04/2015.
_____. *Meus oito anos*. Disponível em: <http://www.mensagenscomamor.com/poemas-e-poesias/poemas_oswald_de_andrade.htm>. Acesso em: 24/04/2015.
- AZEVEDO, Álvares. *É ela, É ela, É ela*. Disponível em: <http://www.releituras.com/alvazevedo_eela.asp> Acesso em: 24/04/2015.
_____. *Soneto: pálida à luz*. Disponível em: <<http://escritosamesa.blogspot.com.br/2011/11/o-soneto-palida-luz-da-lampada-sombria.html>> Acesso em: 24/04/2015.
- BYRON, Lorde. *Uma taça feita de um crânio humano*. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/byron/taca.htm>> Acesso em: 24/04/2015.
- CRUVINEL, Jordana. *Paródia de "canção do exílio"*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTYzZmZU5MA/>>. Acesso em: 24/04/2015.
- DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>>. Acesso em: 24/04/2015.
_____. *I-Juca Pirama*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000113.pdf>>. Acesso em: 24/04/2015.
- PAES, José Paulo. *Canção do exílio facilitada*. Disponível em: <<http://tagarelicesoblog.blogspot.com.br/2013/10/170-anos-de-cancao-do-exilio-jose-paulo.html>>. Acesso em: 24/04/2015.
- QUINTANA, Mário. *Uma Canção*. Disponível em: <<http://www.moinhoamarelo.com/2011/07/serie-cancoes-do-exilio-mario-quintana.html>>. Acesso em: 24/04/2015.

YOUTUBE. *Brasilianas 1955 "Meus Oito Anos" direção Humberto Mauro*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UuhkUa0bOck>>. Acesso em: 24/04/2015.

_____. *I Juca Pirama*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ra2yyPLc2Z0>>. Acesso em: 24 de Abril de 2015.

_____. *Improvável - Poesia #1*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pTsCyN0Ig-0>>. Acesso em: 24/04/2015.

_____. *Navio negreiro - Paulo Autran*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L8DPeaSw1Fc>> Acesso em: 24/04/2015.

_____. *O Navio Negreiro - Caetano Veloso & M^a Bethânia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9v1hZE8fbDM>>. Acesso em: 24/04/2015.

_____. *Valsa do Imperador*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DMQ12PEs77A>> Acesso em: 24/04/2015.

1.2.6. Avaliação

Partindo do pressuposto que a escola deve ser um lugar que possibilite uma democracia, sendo assim um espaço aberto para a construção de saberes entre sujeitos, encaramos a avaliação como parte desta construção, sendo “um processo reflexivo e interpretativo” (MARTINS, 1997, p. 46). Dessa forma, a avaliação não pode ser vista como a finalidade do processo ensino-aprendizagem - estudar para ser aprovado - mas deve estar entrelaçada com a prática pedagógica, já que, “a avaliação é um elemento-chave de todo o processo de ensinar e aprender, sua função se encontra estreitamente ligada à função que se atribui a todo o processo.” (ZABALA, 1998, p. 220).

Temos consciência, no entanto, que a forma de avaliação que um educador adota para fazer parte do seu planejamento será reflexo das situações didáticas adotadas pelo mesmo. Essas situações, segundo Zabala, podem ser encaixadas em quatro tipos de conteúdo, sendo esses: factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Esses conteúdos são abordados e desenvolvidos de maneira diferenciada em sala de aula, possuindo, portanto, avaliações diferenciadas. Enquanto os dois primeiros tipos de conteúdo possuem um cunho mais formal, com atividades fechadas, ou seja, com respostas exatas, em que o aluno deve provar que dominou determinado conceito ou fato, nos conteúdos procedimentais o professor cria atividades abertas desenvolvidas em sala de aula para que se possa fazer “a observação sistemática de como cada um dos alunos transfere o conteúdo para a prática” (ZABALA, 1998, p. 207). Assim se torna necessário que o aluno saiba determinado conteúdo e o aplique

na prática. Finalmente, os conteúdos atitudinais que pedem maior consciência e observação do professor, necessitando um olhar mais atento para as atitudes dos alunos no espaço escolar.

Portanto, a avaliação será considerada através dos quatro tipos de conteúdos que serão desenvolvidos no decorrer das aulas, factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, sendo uma avaliação formativa, ou seja, haverá um acompanhamento do desenvolvimento do aluno no decorrer das aulas, já que concordando com Perrenoud, que contrapõem a avaliação somativa à avaliação formativa:

A prova cumulativa e o exame dão ao aluno uma chance – real ou imaginária – de enganar: preparação intensiva de última hora, a cola, auxílio mendigado, sedução desarmadora, ausências calculadas, permitindo-lhe influenciar o julgamento do professor (...). A avaliação formativa, contínua e intensiva, não oferece proteção alguma aos alunos para quem a preguiça ou a indiferença do professor são as únicas chances. (PERRENOUD, 1999, p. 133)

Dessa forma, o professor deve diversificar seus instrumentos de avaliação, não se fixando a apenas uma forma avaliativa, mas construindo várias e variadas atividades pedagógicas, contemplando os quatro conteúdos, já explicitados anteriormente. A avaliação formativa também está presente na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que na seção intitulada “Das disposições gerais”, destaca o seguinte: “a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;” (LDB, 1996, p. 6).

Partindo das ideias expostas e levando em conta a singularidade dos sujeitos, cujo conhecimento construído não pode ser medido apenas por um instrumento ao final desse processo, procuramos possibilitar vários espaços para avaliação do aluno durante nossas aulas, tais como: discussões em sala de aula e observação dos posicionamentos realizados pelos alunos; relações entre poesia e imagem; produção de uma versão de poema pensada através de uma poesia romântica e declamação da mesma. Também abrangeremos a avaliação somativa, voltada para os aspectos quantitativos de um produto final, através da proposta da produção de um ensaio crítico em que os alunos deverão relacionar os conteúdos vistos com uma manifestação cultural atual. No ensaio, que será elaborado individualmente e que terá espaço para uma reescrita, serão analisados os aspectos: adequação ao gênero e ao tema, capacidade de relação entre as diferentes linguagens, coesão e coerência.

Essa proposta de avaliação se pauta nas considerações feitas pelo documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN+) que propõem vários instrumentos de avaliação :

- aferição das habilidades dos alunos de produzir um texto oral, em apresentação individual ou em grupo, de acordo com um gênero pré-estabelecido e com o nível de formalidade exigido para a situação enunciativa;
- observação das habilidades de leitura dos alunos, que podem ser medidas tanto por suas intervenções orais na discussão de uma obra literária ou de uma matéria jornalística quanto por seu desempenho escrito quando produzem uma resenha ou um texto crítico.
- abertura para outras formas de representação das obras originalmente lidas a partir de um suporte escrito: leitura dramática, dramatização com bonecos, montagem teatral, pintura, fotografia, entre outras;
- trabalho a partir de situações-problema que mobilizem uma série de conhecimentos relacionados às três competências;
- implementação de centros de interesse e projetos cujos processos ou produtos finais possam ser avaliados;
- abertura para momentos de auto-avaliação, avaliação mútua, avaliação em grupo, de forma a deslocar a tarefa de avaliar como exclusiva do professor. (BRASIL, 2002, p.84)

De certa forma, analisando as aulas desenvolvidas, abrangeremos os quatro primeiros tópicos propostos pelo documento. Mas como avaliar uma produção escrita do aluno? Discorreremos até o momento sobre princípios norteadores da avaliação de modo geral. Se faz necessário agora uma aproximação para o aspecto avaliativo do texto, para refletir sobre a forma como vamos olhar para as produções escritas, a saber ensaio crítico e poesia construídas pelos discentes.

Em *Avaliação da produção textual no ensino médio* (2006), Irlandé Antunes analisa a produção textual na escola e chega a conclusão que a escrita, neste ambiente, é vista como uma atividade pontual, estática e mecânica, que acontece em um tempo definido. Para ela, a avaliação de um texto não deve ser feita através de um resultado final, mas de um processo ocorrido ao longo da escrita. Isto porque o aluno, ao produzir um texto, já o preparou há muito tempo, através de suas leituras e outras escritas, bem como de suas aprendizagens. É a partir do conhecimento do que se vai escrever que é feito um bom texto, e não por dicas.

Antunes observa que normalmente o professor aponta erros cometidos, erros esses em sua maioria situados na superfície do texto, mas não apresenta outras maneiras de se dizer o mesmo, ou então tece comentários muito vagos e imprecisos. A sugestão da autora é a de que a avaliação seja feita não só com apontamentos sobre inadequações no texto, mas com indicações de alternativas, para que o aluno possa aprimorá-lo. O foco sai do erro, passando para a análise da língua e de suas múltiplas possibilidades. O momento da avaliação torna-se

uma oportunidade para reflexão, análise e aprendizado, em que se procura a melhor maneira de se dizer algo.

Para Antunes, não somente erros gramaticais devem ser avaliados em uma produção textual, mas a adequação do texto a cada situação interativa. Para a realização de um bom texto, seria necessário conhecimentos de: elementos linguísticos (léxico e gramática), elementos de textualização (propriedades do texto, tais como coesão, coerência, informatividade, intertextualidade, etc.) e elementos da situação em que o texto ocorre (intenções pretendidas, gênero textual, domínio discursivo, interlocutor previsto, etc.).

Para concluir, é fundamental o docente ter objetivos e princípios bem estabelecidos em sua prática pedagógica que devem servir como orientação concreta da avaliação. Isso não é tarefa fácil, pois “exige uma atitude observadora e indagadora por parte dos professores, que os impulsionem a analisar o que acontece e a tomar decisões para reorientar a situação, quanto for necessário.” (ZABALA, 1998, p. 220). Avaliar, portanto, é questionar, é investigar e refletir sobre o *fazer docente*, para indicar o caminho que se deve seguir no processo de ensino-aprendizagem.

1.2.7. Planos de aula

Plano de aula (1ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 11/05/2015 (segunda-feira)

Horário: 9h00-9h45

Tema

Poesia

Objetivo Geral

Identificar o conhecimento dos alunos sobre poesia, bem como fazê-los refletir sobre seu conceito.

Objetivos Específicos

Elaborar uma definição de poesia;

Realizar a leitura da descrição do colega;

Interpretar a letra de música “O poeta está vivo” e relacioná-la com o tema poesia.

Conhecimentos abordados

Poesia

Metodologia

Primeiramente, será feita a apresentação das estagiárias e do tema que será trabalhado com os alunos, a saber poesia romântica brasileira. Também será explicado o sistema de avaliação, para que os alunos conheçam os critérios estabelecidos. Em seguida será feita a pergunta “O que é poesia?” para que a turma reflita. Após, acontecerá uma dinâmica, na qual os alunos escreverão em papéis pequenos o que acham que é poesia para em seguida colocar suas descrições em um saquinho que a professora irá passar. Feito isso, cada aluno retira uma descrição do saquinho e lê para o grande grupo, enquanto a professora registra no quadro algumas ideias lidas pelos alunos, para em seguida, fazer o fechamento.

Por fim, a professora irá entregar para cada aluno uma cópia da música: “O poeta está vivo” de Barão Vermelho e discutir com o grupo as relações que se pode tecer entre a música e o tema.

Recursos

25 papéis pequenos, saquinho.

25 cópias da música “O poeta está vivo” de Barão Vermelho

Avaliação

Será avaliada a participação na atividade proposta, de escrita e leitura de uma descrição sobre o que é poesia.

Referências

BARÃO VERMELHO. *O poeta está vivo*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=4-VWd6zTKBM>. Acesso em: 05/05/2015.

Anexos

O poeta está vivo - Barão Vermelho

Baby, compra o jornal e vem ver o sol
Ele continua a brilhar, apesar de tanta barbaridade
Baby escuta o galo cantar, a aurora dos nossos tempos
Não é hora de chorar, amanheceu o pensamento
O poeta está vivo, com seus moinhos de vento
A impulsionar a grande roda da história
Mas quem tem coragem de ouvir
Amanheceu o pensamento
Que vai mudar o mundo com seus moinhos de vento
Se você não pode ser forte, seja pelo menos humana
Quando o papa e seu rebanho chegar, não tenha pena
Todo mundo é parecido, quando sente dor
Mas nu e só ao meio dia, só quem está pronto pro amor
O poeta não morreu, foi ao inferno e voltou
Conheceu os jardins do Éden e nos contou
Mas quem tem coragem de ouvir
Amanheceu o pensamento
Que vai mudar o mundo com seus moinhos de vento
Mas quem tem coragem de ouvir
Amanheceu o pensamento
Que vai mudar o mundo com seus moinhos de vento

Plano de aula (2ª e 3ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 13/05/2015 (quarta-feira)

Horário: 7h30-8h50

Tema

Romantismo e elementos nacionais

Objetivo Geral

Conhecer a poesia romântica brasileira, principalmente com a temática do nacionalismo, discutindo as características dessa poesia e o contexto histórico a qual pertence.

Objetivos Específicos

Conhecer o poeta romântico Gonçalves Dias;

Ler o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, identificando as características do romantismo, bem como outros poemas que fazem intertextualidade com este;

Relacionar a temática do poema lido com o contexto histórico da época;

Refletir sobre a intertextualidade, relacionando “A canção do exílio” com outras versões;

Desenvolver o trabalho em equipe, socializando sua maneira de pensar através de uma atividade em grupo.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro e suas características, poeta Gonçalves Dias e sua obra, contexto histórico da época (Independência do Brasil, criação do Hino Nacional Brasileiro), intertextualidade.

Metodologia

A estagiária iniciará a aula com uma pequena explicação da época e do discurso nacionalista em que a poesia romântica se constituiu, para, logo em seguida, explicar sobre a vida do poeta Gonçalves Dias. Depois disso, cada aluno deverá acompanhar a leitura do poema “Canção do exílio” através de seu livro didático.

Após a leitura, a professora irá conduzir uma discussão com a turma sobre os elementos românticos que aparecem nessa poesia, a saber o nacionalismo, valorização da cultura e da língua e comparação com outras nações através de uma apresentação no programa *PowerPoint*. Em seguida, será refletido sobre a referência que o poema traz e que está presente ainda hoje em nosso imaginário nacional (Hino Nacional Brasileiro). Através desse apontamento, a educadora irá fazer uma relação histórica com a poesia, comentando sobre a Independência do Brasil (1822) e a criação do Hino Nacional.

Em seguida, a educadora irá realizar a leitura do poema “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes, para conversar com os alunos sobre semelhanças e diferenças entre um poema e outro. Após o encerramento da discussão, a professora fará a distribuição de poemas que fazem intertextualidade com “A canção do exílio” em grupos: “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, “Canção”, de Mário Quintana, “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, “Jogos florais”, de Cacaso, e uma versão de Jordana Cruvinel. Os cinco grupos deverão fazer a relação entre o poema original e a segunda versão, para em seguida ler e expor suas ideias para a turma.

Recursos

Livros didáticos dos alunos;

Cópias dos poemas “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, “Canção”, de Mário Quintana, “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, “Jogos florais”, de Cacaso, e da versão de Jordana Cruvinel;

Datashow.

Avaliação

Participação nas atividades propostas, principalmente a atividade em grupo de análise intertextual de poesias.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova canção de exílio*. Disponível em: <<http://ninitelles.blogspot.com.br/2011/08/as-varias-cancoes-do-exilio-6-carlos.html>>. Acesso em: 24/04/2015.

ANDRADE, Oswald de. *Canto de regresso à Pátria*. Disponível em: <http://www.releituras.com/oandrade_canto.asp>. Acesso em: 24/04/2015.

BRITO, Antônio Carlos. *Lero-lero [1967-1985]*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CRUVINEL, Jordana. *Paródia de "canção do exílio"*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTYzMzU5MA/>>. Acesso em: 24/04/2015.

DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>>. Acesso em: 24/04/2015.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; JÚNIOR, José Hamilton Maruxo. *Linguagem e interação*. São Paulo: Ática, 2010.

QUINTANA, Mário. *Uma Canção*. Disponível em: <<http://www.moinhoamarelo.com/2011/07/serie-cancoes-do-exilio-mario-quintana.html>>. Acesso em: 24/04/2015.

PAES, José Paulo. *Canção do exílio facilitada*. Disponível em: <<http://tagarelicesoblog.blogspot.com.br/2013/10/170-anos-de-cancao-do-exilio-jose-paulo.html>>. Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

Canção do exílio - Gonçalves Dias

*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!*

*Möcht ich... ziehn.*¹

Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras

¹ “Conheces o país onde florescem as laranjeiras?/ Ardem na escura fronde os frutos de ouro.../ Conhecê-lo? Para lá, para lá quisera eu ir!”/ O Canto do Guerreiro

Onde canta o sabiá.

Canção do Exílio Facilitada - José Paulo Paes

lá?

ah!

sabiá...

papá...

maná...

sofá...

sinhá...

cá?

bah!

Canto de regresso à pátria - Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo

Uma Canção - Mario Quintana

Minha terra não tem palmeiras...

E em vez de um mero sabiá,

Cantam aves invisíveis

Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios,

Cada qual com sua hora

Nos mais diversos instantes...

Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?

Terra ingrata, ingrato filho,

Sob os céus da minha terra

Eu canto a Canção do Exílio!

Nova Canção do Exílio - Carlos Drummond de Andrade

Um sabiá

na palmeira, longe.

Estas aves cantam

um outro canto.

O céu cintila

sobre flores úmidas.

Vozes na mata,

e o maior amor.

Só, na noite,

seria feliz:

um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Jogos florais - Cacaso

I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho
vira direto vinagre.

II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética

Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses
que se escreve paçarinho?)

Versão de Jordana Cruvinel

Minha terra tem funkeiros
onde canta o MC
tem axé e sertanejo
não sei porque "tô" aqui

Nosso céu tem mais fumaça
nos enterros tem mais dores
nossas praças tem mais manos
nossos humanos sem valores

Se andar sozinho à noite
é pedir pra ser roubado
dos ladrões não tão discretos
quanto os que estão no senado

Não permita Deus que eu morra
sem conseguir o que almejei
mudar o circo dos horrores
onde quem tem dinheiro é rei

Plano de aula (4ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºB Turno: matutino

Data: 14/05/2015 (quinta-feira)

Horário: 11h35-12h15

Tema

Romantismo brasileiro e elementos nacionais

Objetivo Geral

Desenvolver um olhar para a intertextualidade de textos relacionando a literatura com outras linguagens.

Objetivos Específicos

Refletir sobre a intertextualidade entre o poema “A canção do exílio” e a música “Sábida” de Tom Jobim e Chico Buarque;

Participar da discussão proposta pela educadora.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro, intertextualidade e relação com outras linguagens.

Metodologia

No primeiro momento, a professora irá colocar a música “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque, e entregar a letra para que os alunos acompanhem enquanto escutam. Em seguida, fará uma discussão com a turma sobre a relação entre o poema lido na aula anterior,

“Canção do exílio”, e a música apresentada, procurando observar como foi feita a intertextualidade e quais são as semelhanças entre o poema e a música.

Recursos

25 cópias da letra da música “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque.

Avaliação

Será avaliada a participação na discussão proposta.

Referências

BUARQUE, Chico; JOBIM, Tom. *Sabiá*. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=GKIhg5gAFL0>>. Acesso em: 05/05/2015.

Anexos

Sabiá - Tom Jobim e Chico Buarque

Vou voltar!

Sei que ainda vou voltar

Para o meu lugar

Foi lá e é ainda lá

Que eu hei de ouvir

Cantar uma Sabiá...

Vou voltar!

Sei que ainda vou voltar

Vou deitar à sombra

De uma palmeira que já não há

Colher a flor que já não dá

E algum amor

Talvez possa espantar

As noites que eu não queria

E anunciar o dia...

Vou voltar!
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer...

Plano de aula (5ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação
Professor da turma: George França
Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino
Data: 16/05/2015 (sábado)

Tema

Romantismo brasileiro e elementos nacionais

Objetivo Geral

Desenvolver a leitura e a participação nas discussões propostas pela professora, refletindo sobre a relação entre literatura e outras linguagens.

Objetivos Específicos

Assistir o curta-metragem “I-Juca Pirama”, atentando aos elementos narrativos presentes no mesmo;

Ler e interpretar um trecho da obra “I-Juca Pirama” de Gonçalves Dias, relacionando com o filme visto.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro, a construção de um herói nacional, relação com outras linguagens (audiovisual).

Metodologia

Primeiramente a professora exibirá, através do *datashow*, o curta de animação “I-Juca Pirama” (15 min, direção de Elvis Kléber e Italo Cajueiro), disponível no *Youtube*. Em seguida, distribuirá cópias de um trecho do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, e lerá junto com os estudantes. Por fim, fará uma discussão com os alunos sobre o poema lido e o curta assistido, questionando a turma sobre os elementos observados, como a idealização do índio e a valorização de um elemento nacional.

Recursos

Cópias do trecho de “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias.

Avaliação

Será avaliada a participação nas propostas desenvolvidas.

Referências

YOUTUBE. *I Juca Pirama*. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ra2yyPLc2Z0>>. Acesso em: 24 de Abril de 2015.

DIAS, Gonçalves. *I-Juca Pirama*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000113.pdf>>. Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Seren e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,

Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessorsego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixa-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.

Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

Plano de aula (6ª e 7ª aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação
Professor da turma: George França
Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino
Data: 20/05/2015 (quarta-feira)
Horário: 7h30-8h50

Tema

Romantismo brasileiro e o tema do amor

Objetivo Geral

Desenvolver a leitura e a interpretação de poemas, refletindo sobre os elementos da poesia romântica brasileira e a relação entre esta e outras linguagens, a saber, um trecho de filme.

Objetivos Específicos

Conhecer o poeta romântico Álvares de Azevedo;
Ler e interpretar os poemas “Pálida à luz” e “É ela, É ela, É ela” de Álvares de Azevedo;
Refletir sobre elementos da narrativa poética presentes nos poemas, tais como a idealização da mulher, o amor romântico e a ironia;

Desenvolver a intertextualidade, relacionando literatura com um trecho do filme “500 dias com ela”;

Pensar sobre a relação poesia e imagem, buscando uma imagem que tenha ligação com o poema escolhido.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro, amor romântico, intertextualidade, relação com outras linguagens.

Metodologia

No começo da aula, a professora irá falar um pouco sobre quem foi o poeta Álvares de Azevedo através de *PowerPoint*. Em seguida, entregará cópias e lerá o soneto “Pálida à luz”, com o qual discutirá com os alunos a questão do sofrimento amoroso e da idealização da mulher. Após isso, fará a leitura do poema “É ela! É ela! É ela! É ela!”, do mesmo autor, e discutirá os mesmos temas, mas dessa vez frisando a ironia do poeta.

A educadora exibirá então um trecho do filme “500 dias com ela” (7 min) e fará uma discussão com os alunos sobre as características românticas que ainda permanecem em nossa cultura.

Como atividade para fazer em casa, as professoras pedirão que os alunos escolham, dentre as cópias de poemas disponibilizadas em uma mesa, uma delas para, em casa, tirar uma foto ou fazer um desenho que se relacione com alguma das poesias.

Recursos

25 cópias dos poemas “Pálida à luz” e “É ela! É ela! É ela! É ela!”, de Álvares de Azevedo;
Cópias de poemas variados para atividade em casa.

Avaliação

A avaliação será através da participação da proposta da educadora.

Referências

AZEVEDO, Álvares. *É ela, É ela, É ela*. Disponível em: <http://www.releituras.com/alvazevedo_eela.asp> Acesso em: 24/04/2015.

AZEVEDO, Álvares. *Soneto: pálida à luz*. Disponível em: <<http://escritosamesa.blogspot.com.br/2011/11/o-soneto-palida-luz-da-lampada-sombria.html>> Acesso em: 24/04/2015.

Anexos**Pálida à Luz - Álvares de Azevedo**

Pálida à luz da lâmpada sombria,
 Sobre o leito de flores reclinada,
 Como a lua por noite embalsamada,
 Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
 Pela maré das águas embalada!
 Era um anjo entre nuvens d'alvorada
 Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando
 Negros olhos as pálpebras abrindo
 Formas nuas no leito resvalando

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
 Por ti - as noites eu velei chorando,
 Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

É ela! É ela! É ela! É ela! - Álvares de Azevedo

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
 e o eco ao longe murmurou — é ela!
 Eu a vi... minha fada aérea e pura —
 a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro
 eu a vejo estendendo no telhado
 os vestidos de chita, as saias brancas;
 eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido,
nas telhas que estalavam nos meus passos,
ir espiar seu venturoso sono,
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso...
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
um bilhete que estava ali metido...

Oh! decerto... (pensei) é doce página
onde a alma derramou gentis amores;
são versos dela... que amanhã decerto
ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! — repeti tremendo;
mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim tão bela... eu mais te adoro

Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela, meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela!

Plano de aula (8ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 21/05/2015 (quinta-feira)

Horário: 11h35-21h15

Tema

Romantismo e o tema do amor

Objetivo Geral

Ampliar o repertório de poesias do período romântico, através da leitura de um poema de Casimiro de Abreu, atentando principalmente para a sua musicalidade e a sua temática.

Objetivos Específicos

Conhecer o poeta Casimiro de Abreu, bem como o seu poema “A valsa”;

Reconhecer a musicalidade presente na poesia, através da comparação com uma música de valsa;

Ampliar o conhecimento sobre a poesia do período romantismo brasileiro, bem como de suas características;

Realizar em casa uma produção textual, relacionando uma poesia do período romântico com uma produção atual.

Conhecimentos abordados

Poesia romântica com temática amorosa e sua relação com a música.

Metodologia

Primeiramente, a professora fará uma breve exibição da vida do poeta Casimiro de Abreu através de *PowerPoint*, e em seguida fará a pergunta “Quem sabe dançar uma valsa?” deixando tocar um trecho da música “Valsa do imperador”. Após esse primeiro momento, será realizada a leitura: “A valsa”, de Casimiro de Abreu e discussão do poema através das questões: “O que vocês entenderam da poesia lida?”; “O que vocês acham do ritmo deste poema?”; “Lembrou a música? Por quê?”

Em seguida, as educadoras irão explicar a proposta da produção textual individual, que deverá ser escrita no molde do gênero ensaio crítico, onde os alunos deverão buscar relacionar uma poesia romântica com outra produção *atual*, tais como filmes, músicas, cliques, pinturas, etc.

Recursos

25 cópias do poema “A valsa”, de Casimiro de Abreu.

Avaliação

Serão avaliadas a participação nas atividades propostas e a produção textual individual, a ser feita em casa, na qual serão avaliados os seguintes pontos: adequação à configuração do gênero e do tema proposto, capacidade de relação entre as diferentes linguagens, coesão e coerência.

Referências

YOUTUBE. *Valsa do Imperador*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=DMQ12PEs77A>> Acesso em: 24/04/2015.

Anexos**A valsa - Casimiro de Abreu**

Tu, ontem,

Na dança

Que cansa,

Voavas

Co'as faces

Em rosas

Formosas

De vivo,

Lascivo

Carmim;

Na valsa

Tão falsa,

Corrias,

Fugias,

Ardente,

Contente,

Tranqüila,

Serena,

Sem pena

De mim!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

— Não negues,

Não mintas...

— Eu vi!...

Valsavas:

— Teus belos

Cabelos,

Já soltos,

Revoltos,

Saltavam,

Voavam,

Brincavam

No colo

Que é meu;

E os olhos

Escuros

Tão puros,

Os olhos

Perjuros

Volvias,

Tremias,

Sorrias,

P'ra outro

Não eu!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

— Não negues,

Não mintas...

— Eu vi!...

Meu Deus!

Eras bela

Donzela,

Valsando,

Sorrindo,

Fugindo,

Qual silfo

Risonho

Que em sonho

Nos vem!

Mas esse

Sorriso

Tão liso

Que tinhas

Nos lábios

De rosa,

Formosa,

Tu davas,

Mandavas

A quem ?!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

— Não negues,

Não mintas,..

— Eu vi!...

Calado,
Sozinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!

Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!

Quem dera
Que sintas!...
— Não negues

Não mintas...

— Eu vi!

Na valsa

Cansaste;

Ficaste

Prostrada,

Turbada!

Pensavas,

Cismavas,

E estavas

Tão pálida

Então;

Qual pálida

Rosa

Mimosa

No vale

Do vento

Cruento

Batida,

Caída

Sem vida.

No chão!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

— Não negues,

Não mintas...

Eu vi!

Plano de aula (9ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 25/05/2015 (segunda-feira)

Horário: 9h00-9h45

Tema

Romantismo e o tema da morte

Objetivo Geral

Desenvolver a leitura de duas poesias do período romântico, uma brasileira e uma britânica, relacionando suas temáticas da morte.

Objetivos Específicos

Conhecer os poetas Álvares de Azevedo e Lord Byron;

Realizar as leituras de “Lembrança de morrer” e “Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo, e “Uma taça feita de crânio humano”, de Lord Byron, relacionando os poemas e encontrando semelhanças entre eles;

Identificar as características do romantismo brasileiro que tiveram influência de movimentos literários de outros países;

Ampliar o conhecimento sobre o período romântico brasileiro, em especial sobre a temática da morte.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro e britânico com temática da morte.

Metodologia

Primeiramente, a professora contará brevemente a história de Lord Byron através de *PowerPoint*, para em seguida realizar a leitura do poema “Uma taça feita de crânio humano” do mesmo poeta e discussão do texto com os alunos, na qual a educadora comentará sobre a influência de Lord Byron na poesia ultrarromântica brasileira.

Após, será feita a leitura do poema “Lembrança de morrer” e “Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo, para que os alunos relacionem as poesias através de questionamentos da professora.

Recursos

25 cópias dos poemas “Uma taça feita de crânio humano”, de Lord Byron, e de “Lembrança de morrer” e “Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo.

Avaliação

A avaliação será realizada através da participação nas discussões e propostas realizadas pela educadora.

Referências

AZEVEDO, Álvares de. *Lembrança de morrer*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/avz4.html#lembranca>> Acesso em: 24/05/2015.

_____. *Se eu morresse amanhã*. Disponível em: <<http://www.amoremversoeprosa.com/cirandas/463seeumorresse.htm>> Acesso em: 24/05/2015.

BYRON, Lorde. *Uma taça feita de um crânio humano*. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/byron/taca.htm>> Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

Uma taça feita de crânio humano - Lord Byron - traduzido por Castro Alves

Não recues! De mim não foi-se o espírito...
Em mim verás - pobre caveira fria -
Único crânio que, ao invés dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a larva
Tem beijos mais sombrios do que os teus

Mais vale guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
- Taça - levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do réptil.

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros o espírito acender.
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fossos,
Pode do abraço te livrar da terra,
E ébria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dor ai repousa?
É bom fugindo à podridão do lado
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa!...

Lembrança de morrer – Álvares de Azevedo

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda

É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo....
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.—

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!

Se eu morresse amanhã – Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!

Plano de aula (10ª e 11ª aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação
Professor da turma: George França
Estagiária responsável pela aula: Suzy Zaparoli
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino
Data: 27/05/2015 (quarta-feira)
Horário: 7h30-8h50

Tema

Romantismo e poesia social

Objetivo Geral

Ampliar o conhecimento sobre o romantismo brasileiro, em especial no que se refere à temática social e política, relacionando com outras linguagens.

Objetivos Específicos

Fazer a leitura do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, para posterior discussão sobre a sua temática social e política;

Conhecer o contexto histórico do período, para melhor entender a temática abordada;

Relacionar o poema lido com outras linguagens audiovisuais, como filme e obras de arte.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro (temática social), contexto histórico, relação com outras linguagens.

Metodologia

A educadora iniciará a aula com uma explicação sobre o contexto histórico e político do período, mostrando telas para usar como referência aos acontecimentos através de *PowerPoint*. Em seguida, será realizada a leitura do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, através do áudio com a declamação da poesia pelo ator Paulo Autran. O poema estará em uma folha para que cada aluno acompanhe.

Após, será discutido sobre o poema lido, a partir de alguns apontamentos no poema feitos pela professora, que conduzirá uma discussão mais aprofundada em um trecho, a saber, parte V do poema. Depois da discussão, será exibido um trecho do filme “Amistad” (10 min), para que os alunos relacionem o trecho lido e analisado com o filme.

Recursos

25 cópias de “Navio Negreiro”, de Castro Alves.

Avaliação

A avaliação será realizada através da participação nas discussões conduzidas pela professora.

Referências

ALVES, Castro. *Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo e Samira Campedelli*. Abril: São Paulo, 1980.

YOUTUBE. *Navio negreiro - Paulo Autran*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L8DPeaSw1Fc>> Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

O Navio Negreiro - Castro Alves

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
 Brinca o luar — dourada borboleta;
 E as vagas após ele correm... cansam
 Como turba de infantes inquieta.
 'Stamos em pleno mar... Do firmamento
 Os astros saltam como espumas de ouro...
 O mar em troca acende as ardentias,
 — Constelações do líquido tesouro...
 'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
 Ali se estreitam num abraço insano,
 Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
 Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...
 'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
 Ao quente arfar das virações marinhas,
 Veleiro brigue corre à flor dos mares,
 Como roçam na vaga as andorinhas...
 Onde vem? onde vai? Das naus errantes
 Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
 Neste saara os corcéis o pó levantam,
 Galopam, voam, mas não deixam traço.
 Bem feliz quem ali pode nest'hora
 Sentir deste painel a majestade!
 Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
 E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
 Que música suave ao longe soa!
 Meu Deus! como é sublime um canto ardente
 Pelas vagas sem fim boiando à toa!
 Homens do mar! ó rudes marinheiros,
 Tostados pelo sol dos quatro mundos!
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pélagos profundos!
 Esperai! esperai! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia
 Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
 E o vento, que nas cordas assobia...

.....
 Por que foges assim, barco ligeiro?
 Por que foges do pávido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar — doudo cometa!
 Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
 Onde é filho, qual seu lar?
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! que a morte é divina!
 Resvala o brigue à bolina
 Como golfinho veloz.
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!
O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir.. .
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!
Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!

Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador!
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!
 E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...
 Presa nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!
 No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,

Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."
 E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?...
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!
 Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são? Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa Musa,
 Musa libérrima, audaz!...
 São os filhos do deserto,

Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .
São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.
Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...
Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...

Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.
Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...
Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Plano de aula (12ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 28/05/2015 (quinta-feira)

Horário: 11h35-12h15

Tema

Romantismo e poesia social

Objetivo Geral

Relacionar o poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, com a música “O navio negreiro”, de Caetano Veloso e Maria Bethânia, discutindo seus pontos em comum e suas especificidades.

Objetivos Específicos

Continuar a discussão sobre o poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves;

Desenvolver uma relação entre o poema lido e outra linguagem, no caso, uma música.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro (temática social), relação com outras linguagens.

Metodologia

No início da aula, a professora receberá as produções textuais dos alunos, que eles realizaram em casa. Em seguida, colocará a música “O navio negreiro”, de Caetano Veloso e Maria Bethânia, para os alunos escutarem. Após isso, continuará a discussão sobre o poema, realizada na aula anterior, fazendo relações com a música ouvida.

Recursos

Não há.

Avaliação

Será avaliada a participação na discussão proposta.

Referências

YOUTUBE. *O Navio Negreiro - Caetano Veloso & M^a Bethânia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9v1hZE8fbDM>>. Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

O navio negreiro - Caetano Veloso e Maria Bethânia

'Stamos em pleno mar
Era um sonho dantesco... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Presas dos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,

Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanaz!...
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós

Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...

São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,

Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma das noites nos véus...
...Adeus! ó choça do monte!...
...Adeus! palmeiras da fonte!...
...Adeus! amores... adeus!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade

Tanto horror perante os céus...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no seu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...

Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
...Mas é infâmia demais...
Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!

Plano de aula (13ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação
Professor da turma: George França
Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino
Data: 01/06/2015 (segunda-feira)
Horário: 9h00-9h45

Tema

Poesia brasileira romântica

Objetivo Geral

Desenvolver a criatividade e o espírito de grupo através da elaboração de uma adaptação de poesia romântica.

Objetivos Específicos

Desenvolver o olhar crítico para o próprio texto, observando os apontamentos das professoras sobre o mesmo;

Produzir uma adaptação de poesia romântica, desenvolvendo a criatividade;

Realizar atividade em grupo, ampliando o espírito de equipe.

Conhecimentos abordados

Poesia romântica brasileira e adaptações

Metodologia

A professora iniciará a aula entregando os textos dos alunos para que eles possam fazer a reescrita (segunda versão) em casa. Fará então alguns comentários sobre os principais problemas encontrados nos textos da turma.

Em seguida, a educadora fará a proposta de criação de uma paródia ou poema que possua um intertexto com alguma poesia romântica, em grupos de três. Serão dadas várias poesias para que o grupo escolha a sua. Além da criação do texto, os alunos terão que criar uma forma de declamar seu poema, performatizando-o. Para ajudar a turma a ter novas ideias, será passado um vídeo do grupo teatral “Improvável”. Para a apresentação, poderão usar objetos cênicos, uma voz diferente, música, gestos, etc. A apresentação será realizada posteriormente.

Recursos

Cópias de poemas variados do romantismo brasileiro.

Avaliação

A avaliação será realizada através da participação do aluno nas atividades propostas pela educadora.

Referências

YOUTUBE. *Improvável - Poesia #1*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=pTsCyNOIg-0>>. Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

Não há.

Plano de aula (14^a e 15^a aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 03/06/2015 (quarta-feira)

Horário: 7h30-8h50

Tema

Romantismo e a temática da infância

Objetivo Geral

Ampliar o conhecimento sobre poesia romântica brasileira, principalmente sobre a temática da infância, realizando intertexto com outra poesia e com um curta-metragem.

Objetivos Específicos

Realizar a leitura do poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, percebendo como a temática da infância aparece no romantismo brasileiro;

Relacionar o poema lido com “Meus oito anos”, de Oswald de Andrade, e com o curta-metragem “Meus oito anos”, de Humberto Mauro, percebendo como cada um fez o intertexto com o poema de Casimiro de Abreu;

Conhecer a categorização dos poetas em gerações românticas, discutindo os problemas das classificações.

Conhecimentos abordados

Romantismo brasileiro (temática da infância), intertextualidade, relação com outras linguagens.

Metodologia

Primeiramente a educadora irá receber a segunda versão do ensaio crítico dos alunos. Em seguida, será entregue e lido o poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu e discutido sobre os elementos narrativos e temáticos presentes no poema. Após, será realizada a leitura do poema “Meus oito anos” de Oswald de Andrade, uma intertextualidade com o primeiro. Logo após, a professora irá mostrar o curta-metragem “Meus oito anos”, de Humberto Mauro e irá fazer relações entre o audiovisual e o poema.

A professora irá finalizar a aula com uma exposição sobre a categorização da poesia romântica brasileira em gerações e irá discutir sobre os problemas relacionados a essas classificações, tais como o encaixamento de determinados autores em dadas gerações.

Recursos

25 cópias do poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu

25 cópias do poema “Meus oito anos” de Oswald de Andrade

Avaliação

Será avaliada a participação nas atividades propostas.

Referências

ABREU, Casimiro de. *Meus oito anos*. Disponível em: <<https://poemasdomundo.wordpress.com/2006/06/14/meus-oito-anos/>>. Acesso em: 24/04/2015.

ANDRADE, Oswald de. *Meus oito anos*. Disponível em:
<http://www.mensagenscomamor.com/poemas-e-poesias/poemas_oswald_de_andrade.htm>.
Acesso em: 24/04/2015.

YOUTUBE. *Brasilianas 1955 "Meus Oito Anos" direção Humberto Mauro*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=UuhkUa0bOck>>. Acesso em: 24/04/2015.

Anexos

Meus oito anos - Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia

As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Meus oito anos - Oswald de Andrade

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões
Da cocaína da infância
Nos banhos de astro-rei
Do quintal de minha ânsia
A cidade progredia
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

Plano de aula (16ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Turno: matutino

Data: 08/06/2015 (segunda-feira)

Horário: 9h00-9h45

Tema

Poesia, intertextualidade e performance

Objetivo Geral

Apresentar para a turma as versões das poesias românticas criadas pelos grupos, como forma de descontração e integração da turma.

Objetivos Específicos

Fazer a apresentação da adaptação da poesia escolhida, em grupos;

Desenvolver a criatividade e a integração da turma, através da leitura e da performance das poesias;

Realizar um fechamento das atividades realizadas nas aulas de português com as estagiárias.

Conhecimentos abordados

Poesia brasileira romântica, intertextualidade e teatro

Metodologia

A aula terá início com a apresentação da poesia construída por cada grupo que deverá realizar uma teatralização da mesma.

Em seguida, será feito o fechamento do período de estágio com a entrega de notas e despedida das professoras.

Recursos

Diversos objetos cênicos.

Avaliação

A avaliação será realizada através da participação nas atividades propostas pela educadora.

Referências

Não há.

Anexos

Não há.

1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

1.3.1. Relato das aulas

Aula 1 - segunda-feira - 11/05

As estagiárias iniciaram a aula apresentando a si mesmas, o projeto e explicando como seria realizado o estágio ao longo das dezesseis horas-aula. A professora responsável pela aula perguntou aos alunos o que eles entendiam por poesia e pediu que escrevessem em um papel uma descrição da palavra, de acordo com o que eles pensavam. Após isso, colocou as descrições em um saquinho, misturou e pediu que cada um escolhesse um papel e lesse para a turma. Enquanto os alunos foram lendo, a professora foi escrevendo no quadro os pontos principais e discutindo com a turma se eles concordavam ou não com as descrições feitas pelos colegas.

Feito isso, a professora distribuiu cópias da letra da música *O poeta está vivo*, de Barão Vermelho, e colocou a música para os alunos ouvirem. Fez então uma discussão sobre a descrição da figura do poeta que aparece na música, relacionando com as descrições feitas anteriormente.

Por fim, a professora leu *Poesia*, de Paulo Leminski, poema no qual há vários recortes definindo o que é poesia para vários autores e teóricos. Junto com os alunos, a professora comparou os conceitos com aqueles elaborados pela turma.

Aula 2 e 3 - quarta-feira - 13/05

A professora iniciou a aula discutindo sobre o contexto histórico-social no período romântico através de uma apresentação no *Power Point* utilizando o *datashow*: revolução industrial, ascensão da burguesia, urbanização, etc. Em seguida, relacionou os fatos históricos com a construção de características do movimento romântico tais como a idealização, a subjetividade, a melancolia, a exaltação da natureza.

Após isso, a educadora discutiu o contexto social e histórico no Brasil bem como a criação de um grupo de intelectuais e poetas para o surgimento de uma poesia romântica brasileira. Em seguida, a professora discorreu sobre a vida de Gonçalves Dias, pedindo para que um aluno lesse o poema *Canção do exílio* do já citado poeta. Após a leitura, a educadora discutiu sobre a relação da poesia com as características românticas apontadas anteriormente,

frisando a idealização à natureza e o nacionalismo. Foi discutido em sala sobre a referência que o poema lido possui do Hino Nacional Brasileiro.

Finalizando a aula, a educadora pediu para que os alunos se reunissem em grupo de seis de acordo com suas preferências e entregou para cada grupo um poema que realizava intertextualidade com a *Canção do exílio*, a saber: *Jogos Florais* de Cacaso, *Canto de regresso à pátria* de Oswald de Andrade, *Canção* de Mário Quintana, *Nova canção do exílio* de Carlos Drummond de Andrade e uma versão de Jordana Cruvinel. Após a distribuição dos poemas, os alunos discutiram as semelhanças e diferenças entre o poema original e a paródia, anotando em uma folha que foi recolhida pelas educadoras ao final da aula.

Aula 4 - quinta-feira - 14/05

A professora retomou a atividade da aula anterior, na qual os alunos, em grupos, discutiram as semelhanças e diferenças encontradas entre o poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, e as versões dos outros poetas. Os grupos falaram um pouco sobre o poema selecionado para eles e, após cada consideração, a professora analisou os poemas junto com a turma, procurando contextualizar cada uma das versões.

Depois disso, a professora distribuiu cópias da letra da música *Sabiá*, de Tom Jobim e Chico Buarque, e colocou a música para que todos ouvissem. Terminou a aula fazendo relações entre a música e o poema de Gonçalves Dias.

Aula 5 - sábado - 16/05

A quinta aula ocorreu no sábado, pois o colégio precisava repor uma de suas aulas. A aula de segunda-feira, do dia 18 de maio, não ocorreu, pois estava acontecendo uma palestra sobre a redução da maioria penal, que os alunos assistiram. A aula no sábado, no entanto, aconteceu com apenas seis alunos.

A professora iniciou a aula com a exibição de um curta-metragem de animação, *I-Juca Pirama*, com direção de Elvis Kléber e Ítalo Cajueiro, baseado no poema homônimo de Gonçalves Dias. Após isso, contextualizou os alunos sobre o tema do indianismo na poesia romântica brasileira e sobre a história retratada no vídeo.

Por fim, a professora distribuiu as cópias e iniciou a análise do Canto IV de *I-Juca Pirama*, a partir da leitura e das considerações feitas pelos alunos.

Aula 6 e 7 - quarta-feira - 20/05

A aula teve início com a retomada do que havia sido feito no sábado. Como muitos alunos haviam faltado, a professora contextualizou o poema e o tema do indianismo para a turma, pedindo para que os alunos que estavam presentes lembrassem o que havia sido discutido. Após isso, a professora distribuiu o restante das cópias e fez a leitura do Canto IV de *I-Juca Pirama* junto com os alunos.

Após isso, a professora apresentou, por meio de *datashow*, a biografia de Álvares de Azevedo e o tema do amor no romantismo brasileiro. Leu com a turma o poema *Pálida à luz*, do poeta já citado, e fez uma análise junto com os alunos. Em seguida, leu o poema *É ela! É ela! É ela! É ela!*, do mesmo autor, e fez um diálogo entre os dois textos, comparando-os.

Em seguida, a professora exibiu um trecho do filme *500 dias com ela* e discutiu com a turma sobre as características do romantismo, no que se refere ao tema do amor, que permanecem nos dias de hoje.

Por fim, a professora distribuiu folhas com duas atividades para os alunos fazerem em casa. Na primeira eles deveriam escolher um trecho de uma poesia romântica, tirar uma foto e postar na página do *Facebook* criada pelas estagiárias. Na segunda, deveriam escrever um ensaio relacionando uma poesia romântica com alguma produção atual (música, filme, quadrinhos, novela, etc.).

Aula 8 - quinta-feira - 21/05

A professora iniciou a aula com uma apresentação em *datashow* sobre o poeta Casimiro de Abreu, sua vida e obra. Após isso, perguntou aos alunos se eles sabiam como era uma música de valsa e falou um pouco sobre esse gênero musical. Leu então o poema *A valsa*, do poeta estudado, e fez uma discussão com os alunos sobre seu tema e estrutura, principalmente no que se refere ao ritmo e a musicalidade da poesia. Passou então um vídeo de uma animação feita por Paulo Brabo, na qual ele trabalhou a visualidade e a musicalidade da poesia lida. Terminou a aula com uma discussão sobre o vídeo e a poesia.

Aula 9 - segunda-feira - 25/05

A professora distribuiu as cópias dos poemas que seriam trabalhados no dia. A aula teve início com uma apresentação em *datashow* sobre o poeta inglês Lord Byron, sua vida e

as características de suas obras. Após isso, foi feita a leitura, por um aluno em voz alta, do poema *Uma taça feita de crânio humano*, com a tradução de Castro Alves. Em seguida, a professora conduziu uma discussão e uma análise da poesia e de sua temática da morte.

Feito isso, a educadora pediu que um aluno lesse o poema *Lembrança de morrer*, de Álvares de Azevedo, e fez com a turma uma análise do texto. Comparou a temática do poema com a de Lord Byron, para que os alunos percebessem a influência dos movimentos literários de outros países no romantismo brasileiro.

Em seguida, leu com a turma os poemas *Se eu morresse amanhã* e *Adeus, meus sonhos!*, também de Álvares de Azevedo, continuando a discussão sobre a temática da idealização da morte.

Aula 10 e 11 - quarta-feira - 27/05

A educadora inicia a aula recolhendo as primeiras versões das produções escritas dos alunos e relendo o poema *Adeus, meus sonhos* de Álvares de Azevedo, tecendo alguns comentários sobre o mesmo. Há de se observar que todos os alunos entregaram o ensaio crítico, portanto, respondendo positivamente à proposta feita pelas educadoras.

Dando continuidade à aula, a docente discutiu com os alunos sobre a construção de uma poesia brasileira romântica voltada para o social, expondo através do recurso de *datashow*, o contexto sócio histórico e seus reflexos na literatura. Após, a docente explicou a vida do poeta Castro Alves trazendo o trecho de seu poema *O povo ao poder* e discutindo a crítica social presente no mesmo.

Enfim, a professora entregou cópias de *O Navio Negreiro* de Castro Alves para cada aluno e pediu para que um aluno lesse o Canto I do mesmo. Feita a leitura, a educadora discutiu alguns pontos presentes no poema, destacando algumas palavras que não são de uso comum e sua significação dentro do poema. Por último, a docente passou um trecho do filme *Amistad*, que por questões de conexão com a internet, não foi possível ver em sua totalidade.

Aula 12 - quinta-feira - 28/05

A educadora iniciou a aula com a exibição do trecho de *Amistad* para em seguida continuar lendo com a turma o Canto II e o Canto III do poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves. Em seguida, a professora discutiu os trechos lidos relacionando-os com o trecho do vídeo assistido.

Aula 13 - segunda-feira - 01/06

A professora iniciou a aula com a leitura do Canto IV do poema *Navio Negreiro* discutindo com os alunos sobre o mesmo. Em seguida, a educadora entregou aos alunos as produções escritas que eles haviam construído e discutiu alguns pontos fracos observados nos ensaios, tais como a não contextualização do tema, o não cuidado em situar o leitor, falta de desenvolvimento do texto, fuga da proposta (escolha de uma poesia que não pertencesse ao romantismo brasileiro). A professora, além de discutir os pontos mencionados, comentou sobre o gênero ensaio e sua configuração.

Por fim, a docente entregou para cada aluno uma cópia da letra da música *Navio Negreiro* de Caetano e Maria Bethânia e ouviu uma parte da canção com a turma. Por falta de tempo, não houve discussão sobre a música e sua relação com o poema lido.

Aula 14 e 15 - quarta-feira - 03/06

Primeiramente a educadora recebeu a segunda versão do ensaio crítico feita pelos alunos. Em seguida, conversou com os educandos sobre a infância deles, os jogos e brincadeiras que tinham quando crianças. Feito isso, a docente pediu para que um aluno fizesse a leitura de *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu, mostrando a construção métrica do poema lido. Após isso, é exibido o vídeo *Meus oito anos* de Paulo Brabo.

Em seguida, a professora separa a turma em 4 grupos para uma atividade avaliativa de criação, em que os alunos devem construir uma paródia a partir de um poema do romantismo brasileiro e declamá-la performatizando-a na próxima aula (08/06). Se faz necessário lembrar que os grupos foram divididos através de sorteio, em que cada aluno retirava um papel onde estava escrito o nome de um poeta romântico. Dessa forma, os alunos deveriam se reunir de acordo com o poeta sorteado. Após explicar a atividade, destacando o peso avaliativo (2,5), a educadora exibiu *Poesia* do programa *Improvável* e discutiu o papel do corpo e da encenação no vídeo.

Por fim, a educadora entregou um conjunto de poemas brasileiros românticos e deixou um tempo para que cada grupo escolhesse uma poesia e criasse uma paródia para a mesma. A educadora pediu para que cada grupo criasse um nome para o time. Vale destacar que dois grupos não “funcionaram”, fazendo exercícios de outra matéria e conversando assuntos que não condiziam com a proposta da aula.

Aula 16 - segunda-feira - 08/06

A aula teve início com a reunião dos grupos, durante dez minutos, para fazerem os últimos preparativos para a apresentação. Após isso, cada grupo, na ordem escolhida através de sorteio, foi até a frente da turma e leu a poesia original escolhida e a versão parodiada. Alguns alunos leram em coro, mudaram o tom de voz e se caracterizaram criando uma “barriga falsa”. Um grupo não pôde apresentar, pois o integrante que estava com o texto estava doente e não veio à aula, de modo que prometeram gravar um vídeo em casa e mandar posteriormente.

Feito isso, a professora entregou cópias da poesia *Juramento*, de Casimiro de Abreu, e leu com os alunos. Em seguida, mostrou uma animação do poema feita por Paulo Brabo.

Por fim, as estagiárias se despediram e fizeram o encerramento das atividades.

1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

Ao analisarmos o percurso do nosso segundo estágio e fazendo uma relação com o estágio anterior, não podemos deixar de destacar que tivemos nossas expectativas um pouco frustradas. Diferentemente do que ocorreu em nosso estágio no Ensino Fundamental, não conseguimos criar um vínculo com os alunos e com a escola, o que nos deixou com a sensação de ser uma parte externa ao ambiente escolar, e não integrada a ela.

A turma com a qual trabalhamos, o 2º ano A, já havíamos notado desde a observação, era silenciosa e pouco participativa. Isto nos criou uma dificuldade ao longo da nossa prática docente, pois não sabíamos se as aulas estavam agradando a eles e se eles estavam entendendo o conteúdo. No entanto, notamos que a turma realizava todas as atividades propostas, mesmo que grande parte destas fossem feitas de forma incompleta ou sem envolvimento.

Durante a feitura de nossas aulas, pensamos em trabalhar com formas avaliativas diferenciadas, desenvolvendo nos discentes a criatividade, a escrita, a oralidade e a capacidade de relacionar um determinado tema (poesia romântica brasileira) com outras produções em diferentes linguagens (música, filme, imagem, paródia). Dessa forma, tínhamos três atividades: a primeira era fazer uma relação com uma poesia romântica brasileira e foto/desenho; a segunda era uma atividade escrita, um ensaio relacionando uma poesia com uma produção atual; e por fim, a terceira avaliação se constituía em fazer uma paródia a partir

de um poema romântico brasileiro. Os alunos, ao nosso ver, conseguiram cumprir a meta de relacionar poesia com outras linguagens, tendo um bom desempenho nas atividades 1 e 3. Mas, para nossa surpresa, a maioria dos alunos não alcançaram as nossas expectativas quanto à avaliação escrita. Nos deparamos com textos, pensando no nível de escolaridade dos alunos, bastantes simples e sem um “bom desenvolvimento”.

Nos questionários feitos após a observação da prática do professor, muitos discentes comentaram que gostariam de aulas diferenciadas, o que nos deixou assustadas, porque para nós as aulas que eles já possuíam eram aquilo que nós considerávamos condizente com as teorias atuais de ensino. Procuramos, dessa forma, em nosso planejamento, pensar em atividades que articulassem diferentes linguagens, com o uso de recursos audiovisuais, e que fizessem um paralelo com a realidade dos discentes, mostrando que as características do movimento romântico ainda permanecem nos dias de hoje. No entanto, o que parecia a nós um ensino inovador, para os alunos do Colégio de Aplicação já era recorrente, e não os motivou.

Os alunos também apontaram, através dos questionários aplicados, que houve muito desperdício de papel, já que procurávamos sempre entregar cópias dos poemas trabalhados. Nesse momento, pensando sobre o nosso *fazer* pedagógico, consideramos que não poderia ser de outra forma, pois as indicações que recebemos é de que todos os alunos tenham em mãos o texto escrito para acompanharem e lerem em outro momento caso o texto desperte interesse.

Outra dificuldade encontrada foi a temática e o gênero selecionados, a poesia romântica. Muitos alunos acharam as aulas cansativas e repetitivas, isto devido à quantidade de poemas lidos. Refletindo agora após a prática, não conseguimos pensar como faríamos uma aula mais diferenciada do que fizemos, trazendo vídeos de animação, trechos de filmes, imagens e música, com o tema que foi proposto para nós.

Contudo, não podemos deixar de elogiar o colégio, bem equipado, com bons espaços para atividades diferenciadas, com recursos audiovisuais, bem como de sua proposta de fazer do aluno não apenas um estudante, mas um pesquisador. Além disso, o professor da turma se mostrou receptivo e prestativo, nos oferecendo ajuda para o que precisássemos, nos dando dicas e colaborando com a aula.

Por fim, se faz necessário comentar sobre um aluno da turma que possuía paralisia cerebral e apenas se comunicava por um sistema dual (sim/não) através dos movimentos da mão esquerda e da mão direita. No início de nossa prática acabamos ficando angustiadas por não saber lidar com alunos deficientes: “Como saber se ele está aprendendo?”; “Como interagir com ele?”; “Como avaliar?”; “Estamos o incluindo em nossas aulas?”, entre outras

dúvidas que nos acompanharam durante nosso estágio. Apesar do colégio contar com uma profissional especializada que sempre o acompanhava durante as aulas e se preocupava com o processo de ensino-aprendizagem do aluno, adaptando os materiais da aula que entregávamos para ela, sempre estávamos inquietas com a situação desse aluno.

Nos surpreendeu também o fato de que a turma o recebeu positivamente. Observamos no conselho de classe vários alunos criticando a didática e a relação que alguns professores tinham com o seu colega, citando um acontecimento em que um professor expulsou o aluno da sala por se sentir incomodado com a sua presença. Além de observarmos a boa relação que a turma possui com o aluno, podemos tirar, a partir disso, uma outra reflexão: os professores do colégio também não sabem lidar com as especificidades dele, provavelmente por não terem, como nós não tivemos também, uma formação voltada para as necessidades especiais. Então fica a pergunta “O que mais aprendemos nesse estágio?”. Talvez a resposta seja que o educador vai esbarrar, ao longo de sua prática pedagógica, com turmas diferentes e com sujeitos diferentes. É necessário, dessa forma, que o professor tenha *jogo de corpo* e saiba lidar com as diversas situações que ele vai encontrar no processo de ensino-aprendizagem.

2. DOCÊNCIA EM PROJETO EXTRACLASSE

2.1. O PROJETO EXTRACLASSE – Do papel ao corpo: movimentos teatrais no espaço escolar²

2.1.1. Apresentação

Em nosso primeiro estágio de docência, no segundo semestre de 2014, estava em nossos planos trabalhar com teatro no projeto extraclasse. Isso não foi viável na medida em que atendemos ao pedido de preparar, com os alunos, uma edição do jornal da escola. Nesse primeiro semestre de 2015, no entanto, foi-nos possível trabalhar com uma peça teatral e realizamos a proposta.

Acreditamos que desenvolver uma proposta centrada no teatro é interessante, pois este permite a ressignificação da palavra escrita por meio da sua representação. O educando pode, então, participar ativamente da construção dos sentidos do texto ao se envolver com todos os aspectos que permeiam uma produção teatral, desde a atuação até a preparação dos elementos cênicos. Ademais, a promoção de um ensino interdisciplinar nos permite dialogar com outras linguagens que ampliam a compreensão do texto literário.

A peça com a qual escolhemos trabalhar é *O santo e a porca*³ (1957), de Ariano Suassuna (1927-2014). A escolha foi motivada pelo fato da obra fazer parte da lista de leituras para o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deste ano, o que, potencialmente, cativará os alunos a participarem do projeto. Por consequência, além da contribuição nos estudos para a prova, no caso dos participantes e interlocutores que forem do terceiro ano, o envolvimento agregará conhecimentos e contribuirá para o desenvolvimento dos alunos, desde a aproximação com elementos do gênero discursivo peça teatral até as dinâmicas de que os alunos participarão ao longo dos encontros.

2.1.2. Referencial teórico

² Este projeto foi elaborado pelas estagiárias do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Catarina, Ana Cláudia Fabre Eltermann, Cryslyayne Schetz, Letícia Cortelette Melo, Mariany Teresinha Ricardo, Silvana Braga Martins e Suzy Zaparoli, no ano de 2015.

³ Na implementação do projeto não trabalharemos com a versão original da obra, tendo em vista o tempo que teremos para a preparação da encenação. Para tanto, usaremos uma adaptação feita por nós, autoras do projeto.

Refletindo sobre o conceito da linguagem e suas problemáticas, nos lembramos do filósofo russo Mikhail M. Bakhtin (1895-1975,) que defende o *enunciado* como a unidade concreta do discurso dentro da materialidade da interação social. Dessa forma, a língua não pode ser vista apenas como um sistema, pois é compreendida enquanto um processo dialógico do *eu* com o *outro*, em que se exige uma compreensão e uma resposta: “Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda a compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (BAKHTIN, 2010, p. 271). O processo responsivo do discurso está de acordo com a *alternância dos sujeitos da fala*, que é um dos elementos constituintes do enunciado, bem como a *expressividade* e a *conclusibilidade*. Esse último elemento se refere ao acabamento relativo do enunciado e está intimamente ligado ao conceito de gênero.

Para garantir o entendimento e a resposta do nosso interlocutor, os enunciados são construídos pelos falantes através de tipos discursivos relativamente estáveis chamados *gêneros do discurso*. Os gêneros não são formas prontas e acabadas, mas, por estarem associados ao processo histórico-social, já que a linguagem é um processo de interação social, são dinâmicos e modificam-se ao longo de seu uso. Dessa forma, concordamos com Bakhtin (2010) quando este afirma:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós ouvimos e que nós mesmos produzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas dos enunciados e justamente com essas formas. As formas da língua [...] e os gêneros do discurso chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculados. (BAKHTIN, 2010, p. 282-283)

Seguindo esse pensamento, em que temos o enunciado como a unidade da língua – não a palavra ou a oração – o papel do professor de língua portuguesa é refletir sobre as concepções de uso da linguagem em seus diferentes usos sociais, permeando, assim, o estudo de gêneros discursivos.

Schneuwly e Dolz (2004), por sua vez, compreendem os gêneros como um (mega)instrumento, na acepção vygotskyana do termo, cuja apropriação pelo falante permite o desenvolvimento e a aprendizagem. O instrumento medeia a relação entre o sujeito e a aquisição de novos saberes, ajuda a significar e internalizar novos conhecimentos. É nesse sentido que os gêneros do discurso assumem um papel instrumentalizador, pois são eles que possibilitam toda produção e compreensão de textos. Os gêneros medeiam todas as atividades humanas: é por meio deles que nossa comunicação discursiva é possível. Em outras palavras,

é por meio do domínio dos incontáveis gêneros que podemos agir discursivamente, construindo conhecimentos através da leitura e produção de textos orais e escritos. Ou, ainda, como aponta Bakhtin (2010), quanto maior o nosso domínio dos gêneros, melhor realizamos nosso livre projeto de discurso. Dessa forma, escolhemos o gênero teatral para ser o núcleo de nosso projeto extraclasse, discutindo e refletindo sua configuração ao longo das aulas, a partir de dinâmicas e jogos teatrais e leitura do texto dramático *O santo e a porca* de Ariano Suassuna.

No começo da história humana, nossos antepassados primitivos faziam uso dos movimentos corporais para se expressar e narrar histórias. Podemos pensar nesses primeiros movimentos, que depois foram constituídos em rituais, como a origem do teatro. Este último surgiu, na estrutura que conhecemos atualmente, na Grécia por volta do século VI a. C. através de pequenas encenações de mitos que faziam parte do rito de agradecimento ao deus Dionísio (deus do vinho, do prazer e dos excessos). Dessa forma, o teatro aproxima-se da literatura por possuir um enredo, uma narrativa, mas vai além da mesma, pois cria uma imagem utilizando-se da *representação*, mostrando por meio do movimento a história escrita: “A riqueza do teatro, [...], sua potência, está no espaço intermediário ocupado pelo gênero dentro das artes, entre a literatura e o cinema, entre as palavras-conceitos e a imagem.” (CORSO; RAMOS, 2011, p. 51).

Levando em conta os vários diálogos entre a disciplina de Língua Portuguesa e outras áreas de conhecimento, e encarando a *interdisciplinaridade* como algo que enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pensamos o teatro como um *ato* que vai além da própria disciplina. Vindo ao encontro disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) assinalam que um dos critérios para o ensino da Língua Portuguesa é que se:

[...] abra espaço para diferentes abordagens do conhecimento. Ainda que a palavra escrita ocupe um espaço privilegiado na disciplina, é possível que a produção de textos falados ganhe uma sistematização maior, por meio de gêneros orais [...], a presença de outras linguagens que dialoguem com o texto verbal é bem-vinda: a música, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a televisão, entre outras, podem proporcionar excelentes atividades intertextuais. (BRASIL, 2000, p.71)

2.1.3. Objetivos

- Conhecer o gênero discursivo peça teatral por meio da leitura e da encenação da obra *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna;

- Desenvolver um processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar de Língua Portuguesa por meio da aproximação da disciplina com o teatro;
- Estimular a confiança mútua e a desenvoltura corporal dos alunos por meio de dinâmicas e exercícios teatrais;
- Ampliar o conhecimento sobre outras culturas regionais, em especial a do Nordeste, bem como sobre características de suas variantes linguísticas.

2.1.4. Metodologia

O projeto se efetivará em quatro encontros de três horas aulas (3h/a). No decorrer desses encontros, faremos atividades que passam pela leitura da adaptação da peça e por diferentes dinâmicas para integração do grupo e aproximação com o gênero discursivo teatro.

Primeiramente, faremos uma dinâmica em que cada um dirá o seu nome e fará um gesto que o represente, para em seguida fazermos uma conversa para conhecer os objetivos de cada um com o projeto. Posteriormente faremos uma apresentação sobre o autor e a obra a serem estudados, a saber, *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna. Passaremos, após isso, à leitura da adaptação da obra, intercalando a leitura dos três atos com jogos teatrais.

A primeira dinâmica será um exercício de confiança, em que os alunos, divididos em duplas, terão de conduzir o colega, que estará de olhos fechados, a partir de algumas indicações. A segunda consistirá em os alunos caminharem pelo espaço realizando alguns comandos solicitados pelas professoras, como andar rápido, andar na ponta dos pés, imaginar uma situação, etc. Na terceira dinâmica, eles serão divididos em grupos e farão uma improvisação de alguma cena da obra lida.

O segundo encontro será iniciado com uma brincadeira de mímica, com palavras relacionadas à peça estudada. Feito isso, os papéis dos personagens serão distribuídos entre os alunos e faremos uma segunda leitura da adaptação. Terminada a leitura, realizaremos um exercício no qual os alunos terão de andar pelo palco inserindo elementos corporais e de voz para compor seus personagens. Depois da dinâmica, será feito um primeiro ensaio de algumas cenas.

No terceiro encontro, será exibido um trecho do filme *O auto da compadecida* e faremos uma discussão sobre a cultura e a variante linguística da região. A esta se seguirá um aquecimento corporal e de voz para posterior ensaio e composição de elementos como cenário, figurino e objetos de cena.

O quarto encontro embarcará o aquecimento de corpo e de voz e o ensaio final dos atos, no qual buscaremos uma aproximação maior com o momento da apresentação. Durante este ensaio será utilizado o figurino e o cenário e pediremos que os alunos deem atenção ao espaço e aos movimentos em/de cena.

2.1.5. Recursos

Os seguintes recursos didáticos serão necessários para a consecução deste projeto:

- *Datashow*;
- Computador com caixas de som ou aparelho de som;
- Caixa com papéis para dinâmica com mímica;
- Cópias da adaptação da peça teatral *O santo e a porca*;
- Materiais diversos (papelão, tecidos etc.) para a confecção de figurino e cenário.

2.1.6. Avaliação

Pela natureza deste trabalho, um projeto extraclasse, a avaliação dar-se-á em termos de participação e engajamento nas atividades propostas. Tais atividades incluem dinâmicas teatrais de grupo, que visam desenvolver as habilidades de representação dos educandos, e a encenação da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

2.1.7. Planos de aula

Plano de aula (1º encontro)

Escola: Colégio de Aplicação – CA/UFSC

Professor: George França

Estagiárias: Ana Cláudia Eltermann, Cryslayne Schetz, Letícia Cortellete, Mariany Teresinha Ricardo, Silvana Braga, Suzy Zapparoli

Turma: Alunos do Ensino Médio – contraturno vespertino

Data: 17/06/2015

Horário: 14h às 16h30

Horas/aula: 3

Tema:

Dinâmicas teatrais em torno da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

Objetivos:

- Conhecer a peça teatral *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna, a ser encenada pelos alunos, para que eles se situem em relação ao contexto de escrita da obra;
- Aproximar os educandos por meio de dinâmicas de grupo, a fim de que possam desenvolver confiança mútua e desenvoltura corporal, aspectos importantes para a performance teatral;
- Apropriar-se de elementos do gênero discursivo peça teatral por meio da leitura de uma adaptação, feita pelas professoras estagiárias, da obra supracitada.

Conhecimentos abordados:

- Leitura de peça teatral;
- Dinâmicas teatrais de grupo;
- Gênero discursivo peça teatral.

Metodologia:

Iniciaremos o encontro com as apresentações – nossas e dos alunos – por meio de uma dinâmica em que cada um deverá dizer o seu nome e fazer um movimento ou gesto que o represente. Em seguida, conversaremos com a turma para conhecermos os objetivos de cada um em relação ao projeto. Feito isso, faremos uma exposição sobre o autor Ariano Suassuna e a peça de sua autoria, *O santo e a porca*, mencionando o porquê da escolha desse texto para o projeto. Passaremos, então, à leitura conjunta da peça (que é dividida em três atos), em versão adaptada por nós. A leitura da versão adaptada dos três atos, por sua vez, será intercalada por dinâmicas. Depois de lida a adaptação do primeiro ato, realizaremos uma dinâmica em duplas na qual um aluno é vendado enquanto o outro o conduz, visando estimular a confiança entre a turma. Decorrida a leitura do segundo ato, envolveremos os alunos numa dinâmica na qual eles caminharão pelo palco reproduzindo alguns comandos solicitados por nós (por exemplo: andar rápido ou na ponta dos pés; repetir uma fala do texto com emoções diferentes; etc.). Por fim, após lermos a adaptação do terceiro ato, a dinâmica consistirá em os alunos escolherem uma cena da peça e fazerem uma improvisação da mesma.

Recursos didáticos:

- *Datashow*;
- Computador com caixas de som;
- Algumas cópias da peça teatral *O santo e a porca*.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com sua participação e engajamento nas dinâmicas realizadas, bem como a apropriação do gênero discursivo trabalhado.

Referências

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Plano de aula (2º encontro)

Escola: Colégio de Aplicação

Professor: George França

Estagiárias: Ana Cláudia Eltermann, Cryslayne Schetz, Letícia Cortellete, Mariany Teresinha Ricardo, Silvana Braga, Suzy Zaparoli

Turma: Alunos do Ensino Médio – contraturno vespertino

Data: 19/06/2015

Horário: 14h às 16h30

Horas/aula: 3

Tema:

Dinâmicas teatrais em torno da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

Objetivos:

- Realizar exercícios teatrais para integração e construção dos personagens;
- Aproximar os educandos por meio de dinâmicas de grupo, a fim de estimular a confiança mútua e a desenvoltura corporal, aspectos importantes para a performance teatral;
- Fazer leitura e ensaio da adaptação da peça *O santo e a porca*;
- Atribuir sentidos ao texto teatral.

Conhecimentos abordados:

- Leitura de peça teatral;
- Gênero discursivo peça teatral;
- Conceitos teatrais (personagens, cenário, figurino, corpo e voz).

Metodologia:

Inicialmente, haverá uma dinâmica em que cada aluno irá retirar um papel de uma caixa, sendo que em cada papel estará escrita uma palavra que tenha relação com a peça *O santo e a porca* e, após, fazer uma mímica, enquanto os outros alunos tentam adivinhar o que é. Em seguida, distribuiremos os papéis dos personagens da peça, bem como as funções que serão desempenhadas (escolha de figurino, cenário, maquiagem, etc.). Se não houver acordo, faremos um sorteio. Divididas as responsabilidades, leremos mais uma vez a adaptação do texto, agora com os personagens delimitados. Pediremos aos alunos que deem atenção à entonação, a possíveis sotaques e à representação de emoções. Terminada a leitura, realizaremos um exercício teatral, no qual os alunos terão que andar pelo palco, inserindo elementos corporais (modos de andar, gestos, características físicas particulares) e testando tons de voz e maneiras de falar para seus personagens. Depois disso, faremos um ensaio, pensando em questões de espaço e movimentos em cena, com a ajuda do texto em mãos. Ao final do encontro, combinaremos com todos que tragam elementos que possam ser usados como figurino e cenário na aula seguinte.

Recursos didáticos:

Datashow. Computador com caixas de som ou aparelho de som. Caixa com papéis para a mímica. Algumas cópias da peça teatral *O santo e a porca*.

Avaliação:

Serão avaliadas a participação do aluno na dinâmica proposta e a interação com as professoras estagiárias e com os colegas.

Referências:

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Plano de aula (3º encontro)

Escola: Colégio de Aplicação

Professor: George França

Estagiárias: Ana Cláudia Eltermann, Cryslãynne Schetz, Letícia Cortellete, Mariany Teresinha Ricardo, Silvana Braga, Suzy Zapparoli

Turma: Alunos do Ensino Médio – contraturno vespertino

Data: 24/06/2015

Horário: 14h às 16h30

Horas/aula: 3

Tema:

Ensaio da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

Objetivos:

- Ampliar o conhecimento sobre a cultura nordestina e sobre o contexto da peça a ser interpretada;
- Aproximar os educandos por meio de dinâmicas de grupo, a fim de que possam desenvolver a confiança mútua e desenvoltura corporal, aspectos importantes para a performance teatral;
- Realizar o ensaio da peça *O santo e a porca*.

Conhecimentos abordados:

Leitura de peça teatral. Gênero discursivo peça teatral. Conceitos teatrais (personagens, cenário, figurino, corpo e voz). Cultura nordestina.

Metodologia:

Exibiremos os trechos do filme *O auto da compadecida* para contextualização e discussão sobre a cultura nordestina e sobre as variedades linguísticas da região. Em seguida, faremos um aquecimento corporal e de voz, com exercícios de alongamento e massagem, para então darmos continuidade ao ensaio da peça *O Santo e a Porca*, pensando no espaço, em movimentos corporais, na voz e utilizando elementos cênicos. Acompanharemos tanto o ensaio quanto aqueles que ficaram responsáveis por trazer elementos para compor o cenário e os figurinos. Concederemos um tempo para que ambos os grupos possam conversar, a fim de

que os personagens também possam inferir sobre suas vestes e sobre o cenário, contribuindo para que todos contatem e reflitam sobre esses elementos.

Recursos didáticos:

Datashow. Computador com caixas de som. Algumas cópias da peça teatral *O santo e a porca*.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com a sua participação e engajamento nas dinâmicas realizadas e na encenação da peça.

Referências

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Plano de aula (4º encontro)

Escola: Colégio de Aplicação

Professor: George França

Estagiárias: Ana Cláudia Eltermann, Cryslayne Schetz, Letícia Cortellete, Mariany Teresinha Ricardo, Silvana Braga, Suzy Zapparoli

Turma: Alunos do Ensino Médio – contraturno vespertino

Data: 01/07/2015

Horário: 14h às 16h30

Horas/aula: 3

Tema:

Ensaio da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

Objetivos:

- Aproximar os educandos por meio de dinâmicas de grupo, a fim de estimular a confiança mútua e desenvoltura corporal, aspectos importantes para a performance teatral;
- Realizar o ensaio da peça *O santo e a porca*.

Conhecimentos abordados:

- Leitura e interpretação de peça teatral.;G
- Gênero discursivo peça teatral;
- Conceitos teatrais (personagens, cenário, figurino, corpo e voz).

Metodologia:

Nesse encontro, depois de fazermos um aquecimento de corpo e de voz, faremos o ensaio derradeiro da peça e daremos os encaminhamentos finais para a preparação do vestuário e do cenário. Prosseguiremos trabalhando com eles noções de espaço, movimento corporal e voz, conforme for necessário relembra-los de perceber esses elementos.

Recursos didáticos:

Algumas cópias da peça teatral *O santo e a porca*.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com a sua participação e engajamento na encenação da peça.

Referências:

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

2.2. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA NO EXTRACLASSE

2.2.1. Relato das aulas

1º e 2º encontros

As estagiárias passaram nas salas de aula do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, para convidar os alunos para participar da atividade extraclasse, na qual haveria a leitura, algumas dinâmicas e jogos teatrais, e a encenação de uma adaptação da peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna. Apesar de treze alunos terem assinado a lista, mostrando interesse na atividade, no primeiro encontro apenas um aluno compareceu, e a aula teve que ser adiada.

No dia seguinte, as estagiárias voltaram às salas de aula, desta vez acompanhadas do professor das turmas do segundo ano, para reconvidar os alunos para o projeto. No entanto, no segundo encontro, nenhum aluno compareceu, fazendo com que as estagiárias, junto com a orientadora, tivessem que pensar em uma alternativa.

3º encontro

Como não houve alunos interessados no Colégio de Aplicação, as estagiárias e a orientadora decidiram realizar o projeto para os alunos da graduação do curso de Letras - Português. Foram reservadas salas para a realização da atividade e divulgação no fórum do curso. Porém, no dia marcado, também não houve comparecimento dos alunos.

Foi decidido então, voltando ao Colégio de Aplicação, junto com os professores de Língua Portuguesa das turmas de segundo ano, que a atividade poderia ser realizada pela manhã, no horário de aula regular. No entanto, alguns dias depois, os alunos do colégio entraram em greve estudantil, tornando a atividade, mais uma vez, impraticável.

4º encontro

Apesar do contratempo dos encontros anteriores, decidiu-se desenvolver o projeto da prefeitura municipal na associação *Ação Social Coloninha*, no bairro Coloninha em Florianópolis, que atende alunos de várias faixas etárias e realiza suas atividades no prédio da

Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. O grupo escolhido para trabalhar com o texto proposto foram 13 alunos de 10 a 15 anos.

Primeiramente, após os alunos se acomodarem, as estagiárias se apresentaram e discutiram o projeto que seria desenvolvido. Em seguida, os alunos realizaram uma dinâmica, em que cada um deveria falar seu nome acompanhado de um gesto corporal. Após isso, as educadoras falaram sobre a vida de Ariano Suassuna e sobre o texto teatral *O santo e a porca* através de uma apresentação em *Power Point*. Em seguida, os alunos foram divididos em dois grupos que seriam acompanhados por 3 estagiárias cada. Cada grupo tinha o objetivo de escolher um aluno para cada personagem e ler a adaptação da peça *O santo e a porca* de Ariano Suassuna. Logo percebeu-se que era necessário encontrar espaços separados para os dois grupos, dessa forma, enquanto um grupo de alunos ficou no prédio da Igreja, o outro dirigiu-se para a sala de aula.

Após a leitura do primeiro ato, os alunos se reuniram em grande grupo para a realização de um aquecimento de voz e corpo (alongamentos) e a dinâmica I que desenvolvia a confiança no *outro*. A atividade consistia em um aluno ficar de olhos fechados e outro indicar o caminho para ele transitar no espaço através de indicações como “um passo para frente”; “para a direita/esquerda”; “meia volta”; etc. Após a realização desta dinâmica, os alunos voltaram para seus grupos de leitura e continuaram a ler a peça, até o momento da dinâmica II em que os alunos se reuniram no grande grupo novamente e começaram a andar pelo espaço e realizar os comandos ditados pela educadora, tais como, “andem depressa”; “andem na ponta dos pés”; “andem nos calcanhares”; “andem para trás”; etc. Os alunos realizaram a atividade proposta e notou-se que gostaram da mesma, muitos pedindo para que a “brincadeira” continuasse. Após o encerramento desta atividade, voltou-se aos grupos menores, continuando a leitura até o intervalo da aula (15h00 - 15h30).

Depois do intervalo, os alunos continuaram a leitura da peça. A aula encerrou com uma conversa sobre a vida de cada estudante no grande grupo, em que as educadoras pediram para que cada aluno falasse sobre a série, escola, o lugar onde moravam e os interesses pessoais de cada um. É necessário lembrar que a peça não foi lida em sua totalidade neste primeiro encontro e apesar dos dois grupos terem a mesma forma de desenvolver a atividade, os sujeitos, que faziam parte de cada um deles, eram diferentes. Dessa forma, um grupo estava mais atrasado na leitura em comparação com o outro, mas esse fator não interferiu no desenrolar do projeto.

5º encontro

A aula teve início com um aquecimento de voz. Após isso, os alunos se dividiram em dois grupos, para a continuação da leitura iniciada no encontro anterior. O grupo avançou na leitura do segundo ato, cada um lendo seu personagem, e as professoras ajudaram lendo alguns personagens que faltavam. Houve então uma pausa, na qual foi feita uma dinâmica de mímica com todos os alunos juntos, em que cada um deveria pegar um papel, contendo uma palavra relacionada à peça lida, e representar com gestos, para que os outros adivinhassem o que era.

Em seguida, os alunos se dividiram novamente para continuar a leitura, até o intervalo para o lanche. Depois de voltarem da pausa, continuaram a leitura, até o final do último ato. Um dos grupos, como terminou a leitura antes, preparou uma encenação de duas cenas da peça *O santo e a porca*, apresentando para os demais. O encontro terminou com a exibição de um trecho de um vídeo de uma encenação teatral da peça, para que os alunos pudessem perceber a transposição do texto em papel para a cena no palco.

2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica em projeto extraclasse

As atividades extracurriculares se distinguem do ensino de língua como disciplina curricular em vários aspectos, como a quantidade, o foco de atenção e o envolvimento dos alunos. É um momento que podemos dar uma atenção diferenciada e individual, pois temos menos discentes e mais educadores envolvidos. Além disso, o interesse é maior, pois é uma atividade em que os alunos participam por vontade própria e por identificação com o projeto proposto.

No entanto, não foi dessa forma que se deu a nossa prática no extraclasse. Os alunos do Colégio de Aplicação, talvez devido à quantidade de tarefas e de atividades fora do horário de aula, como as aulas de recuperação e de educação física, não mostraram interesse com o nosso projeto, nos deixando frustradas, pois havíamos pensado em trabalhar teatro justamente por acreditarmos que seria algo diferente e lúdico, que chamaria a atenção dos alunos. A escolha do texto, que havia sido selecionado para o vestibular da UFSC naquele ano, também foi uma maneira de incentivar a participação, mas que também não trouxe resultados.

Diante da falta de público para o andamento do projeto, pensamos juntamente com as colegas e a orientadora em várias alternativas para a concretização da proposta. Foi dessa forma que conhecemos a *Ação Social Coloninha*, projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal, no bairro Coloninha em Florianópolis. O projeto, que antes contava com 12h/a, foi

realizado em apenas em 6h/a, nos dias 2 e 6 de julho, durante o horário de 13h30 às 16h30, com tempo para o intervalo e lanche que iniciava às 15h00 e ia até 15h30. Dessa forma, foram aplicados apenas os dois primeiros planos de aula, não sendo possível desenvolver uma encenação elaborada da peça, um dos objetivos do projeto inicial.

Uma dificuldade que encontramos, dessa forma, foi que o projeto não havia sido desenvolvido para aquela faixa etária, sendo idealizado para alunos de Ensino Médio, e agora contávamos com alunos de 10 a 15 anos. Isso-nos deixou um pouco apreensivas no início, pois não sabíamos se os alunos mais novos iriam entender o texto proposto. No entanto, acabamos nos surpreendendo, pois apesar da dificuldade na leitura de alguns alunos mais novos, o projeto foi realizado com sucesso, e percebemos que houve um grande envolvimento por parte das crianças e adolescentes, que gostaram do texto dramático e das dinâmicas realizadas.

Aprendemos com a nossa atividade extraclasse que ser professor é também lidar com imprevistos. Muitas vezes planejamos uma atividade, acreditando que será a melhor para os alunos, mas não há interesse, ou não se torna viável, e temos que sempre readaptar, reelaborar, repensar a nossa prática.

3. VIVÊNCIA DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

É fundamental que o professor participe de momentos de integração com os outros professores da escola e com os alunos, para que possa refletir sobre sua prática e conhecer outras formas de pensar e ensinar. Nós, como estagiárias, consideramos que o envolvimento nesses momentos reforça a ideia de que ser professor vai muito além de estar no espaço da sala de aula. São momentos como esses que permitem que novos projetos interdisciplinares possam ser criados, bem como que haja um trabalho mais integrado entre as diferentes disciplinas.

Nós participamos de uma reunião pedagógica que ocorreu no dia 10 de abril. Anteriormente a este encontro, os professores de Língua Portuguesa se reuniram, no dia 6 de abril, para discutir o tema proposto, que era a avaliação tendo como base a leitura de um fragmento do PPP da escola. Juntos escreveram um texto pontuando o que havia sido discutido, fazendo relações com os textos teóricos selecionados pelo colégio para a reunião pedagógica.

No dia da reunião, ocorreu a exibição de um vídeo e em seguida os professores de diferentes disciplinas foram reunidos em grupos para discussão sobre a avaliação. Cada professor deveria colocar seu posicionamento, bem como trazer parte da discussão feita anteriormente com os professores da mesma disciplina. Percebemos, no entanto, que poucos professores se manifestavam e que a maior parte das disciplinas não havia feito uma reunião anterior. Após esse momento, os professores voltaram a se reunir com o restante e cada grupo colocou o que havia sido pontuado, para uma posterior reflexão e discussão entre todos.

Além desse espaço, o Colégio de Aplicação possui também um conselho de classe e um conselho de classe participativo. No primeiro, os professores de cada turma se reúnem e vão comentando, aluno por aluno, suas qualidades e dificuldades em sala de aula. No segundo, a turma, com seus representantes, reunida com seus professores, expõe os problemas observados nas aulas, bem como os docentes comentam sobre a turma em geral. Tivemos a oportunidade de participar dos dois conselhos, que ocorreram nos dias 25 de maio e 10 de junho, respectivamente.

Gostaríamos de falar mais sobre o último conselho que presenciamos pois julgamos ser importante destacar alguns pontos discutidos nele. O conselho participativo se dividiu em 3 momentos: primeiramente os professores discutiram sobre a turma de forma geral, apontando os aspectos positivos e negativos dos alunos; em um segundo momento os alunos dialogaram com os professores sobre as atitudes da turma e dos professores; e por último, os

professores conversaram sobre os pontos levantados pelos alunos. A reunião em termos gerais, em nosso parecer, se constituiu em um verdadeiro diálogo entre os alunos e os professores em busca de um processo ensino-aprendizagem de mais qualidade. Entre as críticas realizadas pelo nosso professor orientador, estavam problemas com cópias de trabalhos feitos pelos colegas e a falta de discussão e participação ativa dos alunos durante as aulas. Os alunos, por sua vez, se mostraram maduros e auto-críticos em suas colocações - fato que nos surpreendeu positivamente - e comentaram sobre a necessidade de alguns professores melhorarem a relação professor-aluno, a questão da recuperação RE, sobre a relação dos professores com o aluno com deficiência, e, finalmente, a estrutura física da sala (quadro deteriorado).

Por fim, estávamos presentes também na festa junina, que ocorreu no dia 13 de junho. Novamente, nos surpreendeu positivamente essa experiência, pois a comemoração estava bem organizada e foi um momento em que pudemos observar mais interações entre os alunos e os professores. Notamos que a coordenação de eventos do CA se preocupou em realizar várias apresentações dos alunos para a comunidade presente, incentivando e estimulando os mesmos a participar ativamente das atividades do colégio.

4. ENSAIOS INDIVIDUAIS

4.1. A experiência de estágio: reflexões e desafios, por Ana Cláudia Fabre Eltermann

O presente ensaio tem como objetivo fazer uma reflexão acerca da experiência do segundo estágio, no 2º ano A do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação, bem como fazer um paralelo com o primeiro estágio, realizado no Ensino Fundamental, no segundo semestre de 2014. Início com a afirmação de que, embora já estivesse mais preparada, o segundo foi muito mais desafiador do que o primeiro, devido a uma série de fatores.

Este semestre, já tendo a primeira experiência em sala de aula no semestre anterior, me trouxe um pouco mais de preparo e de confiança, fazendo com que eu me sentisse mais à vontade no papel de professora. No entanto, já na observação das aulas do professor, percebi que, além do conteúdo ser muito mais aprofundado e complexo, por ser agora Ensino Médio, o professor da turma possuía uma didática e uma forma de conduzir a aula que seria difícil alcançar. No entanto, nos questionários que entregamos aos alunos, muitos pediam aulas diferenciadas. Se os alunos estavam acostumados a aulas repletas de intertextos, de relações entre diferentes linguagens, de discussões, e não consideravam que fossem aulas “diferenciadas”, como eu e minha colega de estágio poderíamos agradar esses estudantes? Eu teria que fazer um esforço muito grande para, no mínimo, chegar perto daquelas aulas e, mesmo assim, muitos não ficariam satisfeitos.

Dessa forma, já no planejamento houve uma apreensão muito grande. O tema e o gênero que foi designado a nós, a poesia romântica, que fazia parte do conteúdo do segundo ano, também nos trouxe dificuldade, pois não era um assunto que dominávamos e tivemos que estudar muito antes de entrar em sala de aula. Além disso, queríamos fazer uma relação entre as características do romantismo e os dias de hoje, para que o conteúdo tivesse significação para os alunos, o que nos demandou um grande tempo de pesquisa e estudo.

Quanto à turma, embora tenha gostado muito dos alunos, muitas vezes me sentia desconfortável em sala, principalmente devido ao silêncio. Era uma turma pouco participativa, o que tornava o tempo em sala de aula extenso, pois as discussões não eram desenvolvidas e o diálogo muitas vezes não acontecia. Este foi um fato que me surpreendeu, pois o professor da turma estimulava muito a participação em aula, promovendo um espaço em que os alunos poderiam se colocar em situação de igualdade, mas, talvez devido aos outros professores de outras disciplinas, ou da própria trajetória escolar, os estudantes, na maior parte das vezes, não contribuía com a aula.

No que se refere às atividades realizadas, percebemos que os estudantes daquela turma, em sua totalidade, faziam o que era proposto. No entanto, ficamos surpresas, negativamente, com o resultado na produção escrita. Para alunos que estudavam em um ambiente como o Colégio de Aplicação, que possui uma boa estrutura, professores com uma boa formação, diversos projetos e atividades extraclasse, que estimula a participação em atividades de pesquisa e extensão, encontramos uma escrita confusa, descontextualizada e com vários problemas estruturais. Os alunos, apesar de acostumados com as diversas relações criadas pelo professor em sala de aula, tiveram uma grande dificuldade de realizar o que foi proposto, que era relacionar duas linguagens diferentes, um poema romântico com uma produção de ficção atual. Muitos não leram o que foi pedido, fugindo do tema; muitos não conseguiram relacionar as duas obras, simplesmente falando de uma e de outra separadamente; muitos não desenvolveram o texto, entregando apenas cinco, seis linhas, entre outros problemas. Mesmo com a possibilidade da reescrita e com diversas observações feitas por nós, muitos não se interessaram em melhorar o texto, ou refizeram sem que houvesse uma grande progressão.

Outro ponto, importante de ser destacado, foi o fato de termos um aluno com deficiência em sala de aula. No início fiquei apreensiva, pois durante toda a graduação não havia tido formação para trabalhar com alunos da educação especial. Apesar disso, o Colégio de Aplicação oferece o suporte necessário e professores especializados, que nos ajudaram na adaptação das atividades. Os próprios alunos da turma, ficamos felizes em constatar, têm uma preocupação de integrar o colega com deficiência nas atividades realizadas. Gostaria de ter tido um maior contato e mais tempo, pois acredito que é um grande aprendizado e um desafio em nossa prática docente.

Partindo agora para o projeto extraclasse, no início foi bastante decepcionante, pois havíamos preparado uma atividade que considerávamos divertida e que chamaria a atenção dos alunos, o que não ocorreu, pois não tivemos quórum. O Colégio de Aplicação, embora incentive a participação dos estudantes em atividades diferenciadas, possui uma grande quantidade de aulas fora do horário regular, de recuperação e educação física, fora a quantidade de exercícios e provas das disciplinas, o que dificultava a participação em projetos extraclasse por parte dos discentes.

Apesar disso, a realização do projeto, que foi a leitura do texto dramático *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna, que ocorreu na *Ação Social Coloninha*, foi para nós um presente. Nos deparamos com crianças e adolescentes interessados e participativos, que se envolveram com o projeto e desenvolveram todas as atividades com êxito.

O que posso concluir, após passar pelos dois estágios, é que ser professor é um eterno desafio. Não existe uma escola ideal, nem alunos ideais, nem situações ideais. O que existe somos nós, professores, sempre em busca de fazer o nosso melhor, de procurar contornar os problemas e de nos reinventarmos a cada aula.

4.2. Um novo *passo*: reflexões sobre uma prática pedagógica, por Suzy Zaparoli

Sempre que reflito sobre o meu trajeto de forma(ação) de educadora, penso no livro *Pinóquio às avessas* de Rubem Alves e como essa leitura sintetiza a minha ideia de educação. Educar uma pessoa não significa enfiar conceitos e fórmulas (saber) em sua mente, padronizando-a e criando um fantoche que segue o que lhe foi dito. Educar é desenvolver o olhar criativo e crítico sobre o saber em um sujeito singular. Essa reflexão me acompanhou a cada *passo* dado durante as aulas do estágio.

Para desenvolver esse olhar nos estudantes, contei com o apoio de minha parceira de estágio, Ana Cláudia Fabre Eltermann, que esteve comigo em todos os momentos desta construção, refletindo os melhores meios para motivar e desenvolver o tema proposto com a turma. Também é necessário destacar o papel do professor de língua portuguesa da turma que nos motivava durante as aulas seja através de olhares ou de comentários.

Aprofundando mais a reflexão na experiência em si, penso que o estágio II se resume na palavra *desafio*, sentimento provocado, de um lado, pelo conteúdo e do outro pelo perfil da turma. Senti que era necessário dominar mais o conteúdo teórico, no caso poesia romântica brasileira, para o desenrolar da aula, ao mesmo tempo que, já havia notado no período de observação, que a turma se constituía, na maioria do tempo, por sujeitos que não participavam das discussões orais propostas. Essa característica da turma em geral criou uma frustração, pois em meu modo de ver, não há processo de ensino-aprendizagem sem a interação com o *outro*, ou seja, o *diálogo*.

Essa falta de saber o que os alunos pensavam da aula e da forma como ela é construída também foi uma surpresa, já que as aulas foram elaboradas buscando relacionar o conteúdo com a realidade atual dos alunos, trazendo filmes, músicas, vídeos e fazendo mediação com outras linguagens e mídias, tais como a criação de uma página no *Facebook*. Sendo assim, esperava maior participação de uma turma de Ensino Médio. Não foi apenas na discussão oral, mas a escrita também me surpreendeu negativamente, pois a maioria dos textos não possuía uma escrita elaborada que se esperava do nível de escolaridade que estávamos trabalhando. Ao meu ver, a maioria dos textos trazia uma escrita apressada, “feita em cima da

hora”, o que pode ser explicado, na minha opinião, através da enxurrada de atividades que os alunos possuem e que são pressionados a dar conta. Apesar disso, é necessário destacar, todos os alunos da turma entregaram os trabalhos propostos.

Quanto a minha prática docente em si, notei que tinha a mesma dificuldade que encontrei no estágio I: a organização temporal durante as aulas. Esse fator se mostrou preocupante quando desenvolvi a aula sobre poesia romântica social trabalhando o poema *Navio Negreiro*. Ocupei o dobro de aulas propostas e, ainda assim, não consegui dar conta de todas as atividades propostas no planejamento, privando os alunos das mesmas. Aqui me deparei com uma pergunta muito difícil: “Aprofundo um ponto ou fico na superficialidade de diversos pontos?” Creio que os alunos responderam por mim. Como o assunto, que a princípio iria causar interesse na turma, não estava cativando os discentes, optei por seguir com o cronograma, deixando a leitura do poema incompleta.

Outro percalço que tive, e que também constituiu um *desafio*, foi a presença de um aluno com deficiência na turma. Em minha formação não tive oportunidade de aprender a ensinar alunos com necessidades especiais, o que trouxe uma série de dúvidas em como lidar com esse estudante em sala. Nesse sentido, o Colégio Aplicação, por ser de instância federal, está mais avançado que outras escolas, pois possui uma equipe de profissionais pedagógicos que acompanha os alunos deficientes.

Aqui devo destacar que o CA é uma escola bem equipada com *Datashow* e *ar condicionado* em todas as salas o que facilitou nosso trabalho como educador. A escola também conta com diversos espaços para desenvolver atividades diferenciadas com os discentes, tais como sala de teatro, sala de dança, sala de linguagem e outros. Além disso, o professor tem mais tempo para elaborar suas aulas e deve se dedicar exclusivamente ao colégio. Esperava-se, portanto, que os alunos possuíssem uma formação diferenciada. Porém, para nossa surpresa, os estudantes deste colégio não estão em um nível mais avançado em comparação com outras instituições que não possuem os mesmos recursos, nem estrutura física. Observei, justamente, um movimento de empilhamento de muitas atividades para que os alunos deem conta, mas que eles não conseguem aproveitar o desenvolvimento das mesmas. Acredito que esse seja um dos principais motivos por não termos conseguido desenvolver o projeto extraclasse na escola.

Por fim, acreditando que ser professor é estar diante de constantes *desafios* e propondo uma educação que não crie marionetes, mas que ajude os sujeitos em sua singularidade a darem um *passo concreto*, sendo críticos e criativos diante do mundo, penso que o estágio II, apesar dos contratempos, foi importante para a minha trajetória como educadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta que “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 2000, p. 79), encaramos o estágio como um palco para um *pequeno ensaio* da prática docente na formação do educador. Portanto, esse relatório buscou tecer algumas impressões e reflexões acerca desta prática, pensando essa *atuação* durante e depois do nosso período de docência.

Acreditamos ser extremamente difícil não comparar a experiência do estágio I, realizado semestre passado, com a vivência do estágio II. Enquanto no primeiro havia uma relação dialógica mais próxima com os discentes e com a equipe do colégio, a impressão que fica do estágio II é de não ter conseguido criar laços com a escola e com os sujeitos da mesma. Parte dessa disparidade entre as duas práticas se deve ao fato do funcionamento interno do colégio que possui diversos projetos educativos para os alunos, havendo uma riqueza cultural, mas ao mesmo tempo, ao nosso ver, um sobrecarregamento de atividades sobre o educando, impossibilitando que o mesmo pare para refletir sobre as atividades propostas. Apesar de sentirmos essa diferença, é necessário destacar que a escola, os alunos e em especial o professor orientador da turma nos receberam de forma animada.

Consideramos, porém, que o estágio consiste em uma situação artificial do *ser educador*, pois não há uma inclusão efetiva do estagiário na equipe pedagógica da escola e não há um acompanhamento dos sujeitos educandos, restringindo a relação professor-aluno apenas a um determinado tempo, no caso 16h/a. Não se trata aqui de invalidar a experiência do estágio, pois este foi um momento importante para o desenvolvimento de nossa prática docente e sabemos da importância dessa etapa na formação pedagógica.

6. REFERÊNCIAS

6.1. REFERÊNCIAS DA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *PCN+: Ensino Médio – orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 2002.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Duas Cidades/Ouro sobre azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 4ª. ed., 2004.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO. *Projeto Político Pedagógico - PPP*. 2012.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- _____. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo (SP): Ática, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

6.2. REFERÊNCIAS DO PROJETO DE DOCÊNCIA

- AMORA, A. S. *O romantismo (1833-1838/1878-1881)*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969. 356p. (A literatura brasileira; v.2).
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª edição. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *PCN+: Ensino Médio – orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 2002.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2v.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. *Projeto Político Pedagógico - PPP*. 2012.

COUTINHO, A. *Introdução a literatura no Brasil*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 321p. (Coleção Vera Cruz. Literatura brasileira, v.218).

FREIRE, P. *Política e Educação*. 4ªed. Cortez: São Paulo, 2000.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

_____. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo, SP: Ática, 2006.

_____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

XAVIER, A. C.; CORTEZ, S., Orgs. (2003). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ZABALA, A. Conteúdos da avaliação: avaliação dos conteúdos conforme sua tipologia. In: *A Prática Educativa: como ensinar*. Porto alegre: ARTMED, 1998.

6.3. REFERÊNCIAS DO PROJETO EXTRACLASSE

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2000.

CORSO, G. K.; RAMOS, T. R. O. *Literatura e outras linguagens*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ORIGEM do teatro. In: *Literatura em cena*. Disponível em: <http://www.literaturaemcena.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=78&AP=1>. Acesso em: 21 jun. 2015.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

6.4. REFERÊNCIAS DOS ENSAIOS INDIVIDUAIS

ALVES, R. *Pinóquio às avessas*. Ed. Campinas: Verus, 2010.

7. ANEXOS

DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

Anexo 1 - Termo de compromisso de estágio obrigatório - TCE

Anexo 2 - Registro de observação das aulas de português - Ensino Médio

Anexo 3 - Questionário para os alunos

EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

Anexo 4 - Amostra de atividade: Ensaio individual

Anexo 5 - Amostra de atividade: Paródia de poesia em grupo

Anexo 6 - Slides utilizados durante as aulas

Anexo 7 – Fotos

PROJETO EXTRACLASSE

Anexo 8 - Fotos

Anexo 1 - Termo de compromisso de estágio obrigatório - TCE



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 597746

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Profª. **Denise Pereira Leme**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Ana Claudia Fabre Eltermann**, CPF 028.546.961-40, telefone 96653328, e-mail ana_eltermann@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 11206379 no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 5 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 09/03/2015 a 10/07/2015, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) George Luiz Franca.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|---|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 597746

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma do segundo ano - Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração do projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 20 de março de 2015.

Ana Eltermann
Ana Claudia Fabre Eltermann - Estagiário

Denise Pereira Leme
Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC

Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

George Luiz Franca
George Luiz Franca - Supervisor(a) no local de Estágio



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 597755

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof^a. **Denise Pereira Leme**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Suzy Zapparoli**, CPF 028.846.780-93, telefone (048)91821900, e-mail suzyzapparoli@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 11201907 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 5 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 09/03/2015 a 10/07/2015, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) George Luiz Franca.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|---|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 597755

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de segundo ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 30 de março de 2015.

Suzy Zapparoli
Suzy Zapparoli - Estagiário

Denise Pereira Leme
Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC

Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

George Luiz Franca
George Luiz Franca - Supervisor(a) no local de Estágio

Anexo 2 - Registro de observação das aulas de português - Ensino Médio



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO

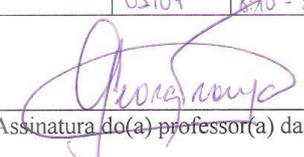


Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO MÉDIO

Escola: Colégio de Aplicação
Turma: 2ª A
Professor(a): George Franço
Estagiário(a): Ana Cláudia Galvão Estevesmann
Período de observação total: 40h/a

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/03	9:00 - 9:45	Romantismo / Romance	
Aula 2	18/03	7:30 - 8:10		
Aula 3	18/03	8:10 - 8:50		
Aula 4	19/03	11:35 - 12:15		
Aula 5	25/03	7:30 - 8:10		
Aula 6	25/03	8:10 - 8:50		
Aula 7	26/03	11:35 - 12:15		
Aula 8	30/03	9:00 - 9:45		
Aula 9	01/04	7:30 - 8:10		
Aula 10	02/04	8:10 - 8:50		


Assinatura do(a) professor(a) da turma



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO
MÉDIO

Escola: Colégio de Aplicação
Turma: 2ª A
Professor(a): George Franca
Estagiário(a): Suzy Zapardi
Período de observação total: 10 aulas

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/03	9:00 - 9:45	gênero romance romantismo	
Aula 2	18/03	7:30 - 8:10	romantismo	
Aula 3	18/03	8:10 - 8:50	romantismo	
Aula 4	19/03	11:35 - 12:15	romantismo	
Aula 5	25/03	7:30 - 8:10	romantismo	
Aula 6	25/03	8:10 - 8:50	romantismo	
Aula 7	26/03	11:35 - 12:15	romantismo	
Aula 8	30/03	9:00 - 9:45	Romantismo no Brasil	
Aula 9	03/03	7:30 - 8:10	Romantismo no Brasil	
Aula 10	03/03	8:10 - 8:50	Romantismo histórico-indianista	

Assinatura do(a) professor(a) da turma

Anexo 3 - Questionário para os alunos

QUESTIONÁRIO



Nome:

Apelido: _____

Data de nascimento: / /

Qual é o meio de transporte que você utiliza para chegar à escola? _____

Onde você nasceu?

Quantas pessoas moram com você?

Qual é o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino superior completo | <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto |

Você gosta do lugar onde mora? Por quê?

O que você mais gosta na escola em que estuda? O que poderia melhorar?

O que você acha das aulas de Língua Portuguesa? O que considera bom e que pensa que poderia melhorar?

Quais são as suas melhores qualidades como aluno? E que pontos você acha que deve melhorar?

Você faz alguma atividade fora da escola? (Outros cursos: língua estrangeira, esportes, informática, etc.).

Você exerce alguma atividade remunerada? Qual? Por quantas horas?

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Você gosta de ler? O quê (revistas, quadrinhos, jornal, livros)?

Você tem acesso à internet?

- Tenho internet em casa
- Não tenho internet em casa, mas tenho acesso à internet em outros lugares
- Não tenho acesso à internet

Se você utiliza a internet, é para:

- | | | | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> e-mail | <input type="checkbox"/> jogos online | <input type="checkbox"/> estudo | <input type="checkbox"/> tumblr |
| <input type="checkbox"/> facebook | <input type="checkbox"/> twitter | <input type="checkbox"/> instagram | <input type="checkbox"/> blogs |
| <input type="checkbox"/> whatsapp | <input type="checkbox"/> youtube | <input type="checkbox"/> quadrinhos | <input type="checkbox"/> notícia |

() Outros. Especifique:

Você assiste televisão? Qual o seu programa favorito?

Qual o seu estilo musical favorito?

Anexo 4 - Amostra de atividade: Ensaio individual

A seguir, expomos a primeira produção textual de alguns alunos com as respectivas versões corrigidas pelos próprios alunos (segunda versão):

As características, dos aspectos do XIX
 O romantismo do séc. XIX pode se ver ainda hoje. São diversas as obras em que notamos sua característica. Podemos relacionar "O Laço de Fita" de Castro Alva com o "Tempo de Pepa", uma música de Cássia Nastasi, que os dois têm um jeito apaixonado que pode ser sentido ao ler cada palavra. Ambos falam sobre o lugar "onde", falam sobre néscia e neblina¹. É falado também sobre astúcia e também sobre enleiar-se, prender-se nas fitas: "não via, prendi-me num laço de fita" Castro Alva / "Eu vou te acompanhar de fita" Cássia. É possível notar uma idealização no amor, mas ao mesmo tempo percebemos que há um tom de eflicação e decepção.

Diferenciando, podemos dizer que o poema é muito mais detalhado do que a música, mas os dois têm uma complexidade profunda, mas diferente.

1) É o que você acha que significam essas néscias e neblinas nas duas obras?

Olá Bárbara, gostamos das relações que você fez, mas você poderia explicar melhor essas semelhanças e diferenças que você viu. Você apontou vários aspectos, mas não os desenvolveu muito.

Outra dica é comparar mais textos, como você fez com as fitas falando também sobre as características do romantismo e o tema do amor (refinamento, idealização, sentimentalismo, não-realização, etc).

→ Ensaio: Relações Romantismo e XIX e atualmente

Para podermos relacionar o romantismo nestas duas épocas, vamos analisar "O laço de fita", um poema de Carlos Alves (1847-1871), último grande poeta da terceira geração romântica do Brasil. E analisaremos também "Tempo de papa", do álbum "Condição de apartamento" do ano de 2011, do cantor Léo. ⁽¹⁸⁷⁰⁾

Podemos notar que os dois, ao escrever essas obras, foram profundos. Porém Carlos Alves parece para um lado mais idealizado, e apaixonado, Léo também foi apaixonado, é notável, porém que ele vai para um lado mais melancólico. Observando esse trecho: "Pode me esquecer, se vai querer (...) O dia despedida (...)". Em o "tempo de papa", podemos notar a melancolia e o sentimento até mesmo no tom da música. Mas em alguns pontos a música dá um ar de idealização, esperança em trechos como "O dia vai sair pra gente se inventar de novo, (...) O mundo vai nascer de novo."

Carlos Alves ao escrever "laço de fita" foi um pouco mais complexo, mais apaixonado mas no final tem um toque mais funk brasileiro nos trechos que abordam sobre "sombra do rali" e "coral". Dando um grande contraste a trecho como: "Na volta lembra de tuas medusas, nos negos cabelos da meiga bonita."

Vemos semelhanças como nos dois de ombros os poemas estão em forma interrogativa. Também há semelhança nos trechos "Eu vou te acompanhar de fita" de Léo e "não vai, prendi-me num laço de fita" de Carlos Alves

Comparação entre o Poema "Navios Negreiros" e o filme "AMISTAD".

① O poema "Navios Negreiros" de Castro Alves, um abolicionista declarado, é um ^{poema, poesia} romance que vai de encontro ^{com} os da época, que tinham os índios como heróis e faziam repúdio à escravidão.

O filme "AMISTAD" relata a luta dos abolicionistas em libertar um grupo de escravos que tomaram o comando de um navio negreiro e foram parar na costa Americana. No filme são heróis não apenas os abolicionistas, mas também os escravos.

Tanto o romance quanto o filme fazem uma enorme crítica à sociedade escravagista, denunciando os abusos e maus tratos e crime, que era seqüestrar pessoas livres para transformá-las em escravos e de como eram tratados nos navios, perdendo a liberdade.

① A expressão "in de encontro" significa "estar em desacordo com, opor-se a". O poema "Navios Negreiros" não é contrário ao repúdio à escravidão, pois ele justamente repudia isso. Você pode usar a expressão "in de encontro de", que significa "estar de acordo com". Beleza?

② Transformá-los.

tilibra

Olá Eduardo, adoramos o seu texto. Você poderia apenas desenvolver um pouco mais, talvez comparando um trecho do poema com uma cena do filme. Ou falando um pouco sobre o contexto histórico de Castro Alves e do romantismo.

Atividade II

Temá: "Amor" - Álvares de Azevedo

Amemos! Quero de amor
 Tiver no teu coração!
 Saber e amar essa dor
 Que desmaia de paixão!
 Na tu' alma, em teus encantos
 É na tua palidez
 É nos teus ardentes prantos
 Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber
 Os teus amores do céu,
 Quero em teu seio morrer
 No enlevo do seio teu!
 Quero viver d'esperança,
 Quero tremer e sentir!
 Na tua cheirosa trança
 Quero sonhar e dormir!

Ôem, arjo, minha donzela,
 Minha' alma, meu coração!
 Que noite, que noite bela!
 Como é doce a vivação!
 É entre os suspiros do vento
 Da noite ao mole frescor,
 Quero viver um momento,
 Mover contigo de amor!





Música: "Monte Castelo" - Renato Russo

Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua dos anjos, sem amor eu
nada seria.

É só o amor, é só o amor;
Que conhece o que é verdade;
O amor é bom, não quer o mal;
Não sente inveja ou se enoja.

O amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua dos anjos, sem amor eu
nada seria.

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade;
Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem todos dormem,
Todos dormem;



Algo a vejo em parte, mas então viemos a face.



É só o amor, é só o amor;
 Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse a língua dos homens
 e falasse a língua dos anjos, sem amor eu
 nada sou.

Ensaio :

Relação das Obras

Em ambos os textos os autores destacam o amor.

O poema escrito por Álvares de Azevedo trata o amor de forma única da mesma forma que Renato Russo na música "mente castela".

Demonstram a compaixão, desejo, querer bem, atencões, o vínculo emocional com alguém.

Os autores falam sobre as infinitas formas de sentir o amor. Tratam o amor como um sentimento sublime, conexão entre duas pessoas.

"O amor é sofrer, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo vê, tudo espera, tudo suporá. 1 Coríntios 13: 4 - 7"

tilibra

Olá Fernanda, gostamos do seu texto, mas só poderia escrever mais. Que tal falar mais especificamente sobre o poema, seu autor e o contexto do romantismo? Você também poderia falar mais sobre a música e comparar trechos das duas obras.

Relação das Obras

No poema chamado "Amor" escrito por Álvares de Azevedo, conhecido como um dos principais nomes da poesia ultra-romântica brasileira. Demonstra o amor de uma forma única da mesma forma que Renato Russo conhecido como um dos maiores cantores e compositores brasileiros, vocalista e fundador da banda Legião Urbana, demonstrando em sua música chamado "Monte Castelo"

Rebatendo o companheirismo, desejo, querer bem, interação e o vínculo emocional com alguém.

Ambos os autores falam sobre as infinitas formas de sentir o amor. No trecho do poema "Amor" isso está bem presente:

"Amemos! Que de amor
 tiver no teu coração!
 Que de amar isso dor
 que desmaio de paixão!
 Na tu' alma, em teu encanto
 É na tua polidez
 É nos teus verdadeiros prantos
 Sussurrar de languidez!"

Assim como no trecho de música
 "Monte Castelo"

"O amor é fogo que arde sem se ver,
 É fúria que adá e mão se sente;
 É um contentamento descontento;
 É dor que desatina sem doer."

tilibra





Como podemos observar os autores. Teotom
 o amor como um sentimento sublime,
 uma conexão entre duas pessoas.

"O amor é paciente, é benigno; o amor não é
 invejoso; o amor não se vangloria; não se ensoberbece,
 não se porta inconvenientemente, não busca os seus
 próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal;
 não se regozija com a injustiça, mas se
 regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê,
 tudo espera, tudo suporta. 1 Coríntios 13: 4 - 7"

MEUS 8 ANOS

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 — Respira a alma inocência Como
 perfumes a flor;
 O mar é — lago sereno,
 O céu — um manto azulado,
 O mundo — um sonho dourado,
 A vida — um hino d'amor!
 Que aurora, que sol, que vida,
 Que noites de melodia Naquela doce
 alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!
 Oh! dias da minha infância!
 Oh! meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das mágoas de agora,

Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!
 Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta o peito,
 — Pés descalços, braços nus
 — Correndo pelas campinas
 A roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!
 Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

 Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 — Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 A sombra das bananeiras
 Debaixo dos laranjais!

Ensaio sobre o Casimiro de Abreu e o filme “Doce lar”

10,0
Amoroso
😊

O poema de Casimiro de Abreu “Meus 8 anos” faz parte do livro I da coletânea “As Primaveras”, publicada pelo poeta em 1859. A obra retrata a saudade de sua vida na infância aos oito anos de idade, que no caso se passava na cidade de Lisboa¹.

Neste poema, a infância é relatada com uma grande quantidade de detalhes. Por esse motivo, em 1956, a obra mereceu um dos melhores curtas-metragens de Humberto Mauro (pioneiro do cinema brasileiro).

Sua estrutura é composta por versos heptassílabos (redondilha maior), sendo a primeira sílaba e a última, idênticas. As rimas são alternadas. Quanto às estrofes, elas são semelhantes: vida/querida, fagueiras/bananeiras, cheia/areia, fazendo com que exista musicalidade no poema.

O poema tem início com uma homenagem a Victor Hugo: (poeta romancista Francês): “Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!” (Oh! Memória! Primavera! Aurora!). De certa forma é uma obra sentimentalista (característica do movimento romance), que representa a saudade.

É utilizado um vocabulário simples e adjetivado. O cenário é natural, com árvores e pássaros, o qual nos faz imaginar cidades rurais. Casimiro tem noção que essa época jamais voltará, mas é cantando que ele procura “esquecer as mágoas de agora”.

Um enredo que se assemelha ao tema do poema é o filme “Doce Lar” de Andy Tennant, lançado em janeiro de 2003. A obra retrata a história de Melanie (interpretada pela atriz Reese Witherspoon), que foge do Alabama para a cidade de Nova York, por causa de seu marido Jake. Na nova cidade, acaba conhecendo o filho da prefeita Kate Hennings, Andrew, com quem começa a namorar. Quando Andrew pede a mão de Melanie em casamento, ela precisa voltar a cidade que deixou, com o objetivo de pedir divórcio a Jake, para poder se casar com outro.

Melanie volta para Alabama, onde começa a reviver seu passado. Revê seus amigos, apenas os que permaneceram na cidade enquanto esteve fora, e isso a faz lembrar de suas experiências no local. Lembrou-se de sua fama de briguenta e encrenqueira que adquiriu por ter explodido um banco.

No final da história, ela resolve permanecer na cidade deixando Andrew para ficar com Jake e descobre que a verdadeira felicidade está naquela pequena cidade aonde cresceu.

A relação principal entre o filme e o poema, que apesar de serem histórias distintas, assemelham-se pelo fato de buscar a essência da felicidade, no saudosismo da infância vivida em um lugar simples. A natureza descrita na obra de Casimiro de Abreu é também relatada no filme, onde a protagonista que vivia numa cidade grande, retorna a sua cidade natal, que tem como principal característica a vida no campo. Enquanto o poema refere-se à saudade, à infância e ao prazer das coisas simples do cotidiano, o filme aborda o descontentamento da personagem ao voltar a sua cidade, que aos poucos vai descobrindo, ao rever seus familiares e seus amigos, que era feliz e não admitia.

¹ SANTOS, Paula Perin dos. **Meus oito Anos**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/livros/meus-oito-anos/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

Poema:

Meus oito Anos - Casimiro de Abreu

Música - Voltar a ser criança - Flávio Almeida.

Relacionei o poema "Meus Oito Anos", do Casimiro de Abreu com a música "Voltar a ser criança", do Flávio de Almeida, pois (os dois tratam da mesma coisa: infância. Retratam o quanto esse tempo da vida é bom e inesquecível, como passa rápido.

No poema, Casimiro generaliza, fala que tem saudade das "tardes faqueiras, à sombra das bananeiras, debaixo das laranjas!" Já na música, é dita cada brincadeira, danças, jogos, esportes, tudo que remete a infância, à nostalgia.

Além disso, a música fala de saudade, de como deseja ter essa época da vida novamente e Casimiro é conhecido como o poeta da saudade, ou seja, ambos falam da saudade e da infância.

Olá Gabriel, gostamos da relação que você fez entre os duas obras.
Para complementar, você poderia falar um pouco mais sobre a poesia e o poeta Casimiro de Abreu. Poderia comparar alguns textos também, como você fez no segundo parágrafo.

Poema Meus oito anos - Casimiro de Abreu

Música - Voltar a ser criança - Flávio Almeida

Singela saudade

Relacionei a música "Voltar a ser criança", de Flávio de Almeida, com o poema "Meus Oito Anos", o mais famoso do poeta brasileiro Casimiro de Abreu (1837-1860).

Nasceu na Barra de São João, no Rio de Janeiro, era filho de um rico comerciante português e de uma brasileira. Desde cedo já despertava um interesse pela literatura, com apenas 16 anos, por não se adaptar no trabalho, é enviado pelo pai para Lisboa, afim de perder as tendências literárias, o que não aconteceu.

Tanto a música quanto o poema tratam de um mesmo assunto: infância. Retratam o quanto esse tempo da vida é bom e inesquecível, o como passa tão rápido.

No poema, Casimiro generaliza, fala que tem saudade das "tardes faqueiras, à sombra das bananeiras, debaixo das laranjeiras!". Já na música, é dita cada brincadeira, danças, jogos, esportes, tudo que remete a infância, à nostalgia,

como pode-se ver no trecho da canção (o refrão):

"Quem um dia não brincou
não sabe o que perdeu.

Pela infância da vida passou,
só passou mas não viveu".

Isso remete uma saudade, em ambos a vontade de voltar no tempo e viver novamente a infância, ou tê-la para sempre, não crescendo e envelhecendo, sendo criança, inocente, sem problemas, sem ter que encarar a realidade da vida, de trabalhos, afazeres, incomodações, etc. Isso tudo é irreal.

Além disso, o poeta Casimiro é conhecido como o poeta da saudade, e seja, reforça o fato de tanto a música quanto o poema se encontrarem no quesito da lembrança, do desejo tão grande de reviver.

SEUS OLHOS (Gonçalves Dias)

Seus olhos, tão negros, tão belos, tão puros,
de vivo luzir,
estrelas incertas, que as águas dormentes
do mar vão ferir;

seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
de meiga expressão
mais doce que a brisa, — mais doce que a fruta
quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
de vivo luzir,
são meigos infantes, gentis, engraçados
brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
em jogo infantil,
inquietaos, travessos; - causando tormento,
com beijos nos pagam a dor de um momento,
com modo gentil.

Seus olhos são negros, tão belos, tão puros,
assim é que são;
às vezes luzindo, serenos, tranqüilos,
às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
tão frouxo brilhar,
que a mim parece que o ar lhes falece
e os olhos tão meigos, que o pranto umedece,
me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranqüilo,
desperta a chorar;
e mudo, sisudo, cismando mil coisas,
não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
às vezes do céu
cai doce harmonia duma harpa celeste,
um vago desejo; e a mente se veste
de pranto co'um véu.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
de vivo fulgor;
seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
que falam de amores com tanta poesia,
com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
assim é que são;
eu amo esses olhos que falam de amores
com tanta paixão.

Luz Dos Olhos**Nando Reis**

Ponho os meus olhos em você
Se você está
Dona dos meus olhos é você
Avião no ar
Um dia pra esses olhos sem te ver
É como chão no mar
Liga o rádio à pilha, a TV
Só pra você escutar
A nova música que eu fiz agora
Lá fora a rua vazia chora

Pois meus olhos vidram ao te ver
São dois fã, um par
Pus nos olhos vidros para poder
Melhor te enxergar
Luz dos olhos para anoitecer
É só você se afastar
Pinta os lábios para escrever
A sua boca em minha

Que a nossa música eu fiz agora
Lá fora a lua irradia a glória
E eu te chamo, eu te peço: Vem!
Diga que você me quer
Porque eu te quero também!

Passo as tardes pensando
Faço as pazes tentando
Te telefonar
Cartazes te procurando
Aeronaves seguem pousando
Sem você desembarcar
Pra eu te dar a mão nessa hora
Levar as malas pro fusca lá fora?

E eu vou guiando
Eu te espero, vem?
Diga que você me quer
Porque eu te quero também
E eu te amo!
E eu berro: Vem!
Grita que você me quer
Que eu grito também!
Hei! Hei!?

E eu gosto dela
E ela gosta de mim
Eu penso nela
Será que isso não vai ter fim?

Relação:

No poema o poeta usa palavras rebuscadas, que descrevem o amor que sente. Conta de forma romântica a visão que tem de sua querida, exagerando nos elogios, como se não houvesse defeito algum. Descreve os olhos de sua amada e como ele se sente por não tê-la por perto, destacando sua saudade e idealizando uma mulher perfeita. Não disfarça seu sentimento de rejeição, porém não perde a esperança da concretização de seu amor, característica marcante nos poetas do romantismo brasileiro.

Não menos romântico, Nando Reis, trata seu amor de forma mais despojada e contemporânea, conta a visão dos próprios olhos, diferentemente do poeta que descreve os olhos de sua amada. Relata a angústia e saudade que sente quando não vê sua querida. Ambos vidrados, com um amor exagerado, *→ Absolutamente!* que não mostram outro caminho a não ser a dor e a saudade quando não estão com suas amadas. Na estrofe cinco e seis da música o autor se declara abertamente, mostrando sua paixão. Assim como o poeta nas estrofes dez e onze. Apesar de tudo, é possível notar que ambos estão fisicamente distantes de suas amadas.

☺ Está ótimo, Jaqueline! Se quiser complementar, pode falar um pouco mais das características gerais do romantismo.

Relação:

9,5
Arrasou!
😊

No poema, o poeta Gonçalves Dias (Escritor pertencente à primeira fase do romantismo brasileiro, nascido no Maranhão, tendo Ana Amélia Ferreira Vale como musa que servia de inspiração para suas obras, jovem moça com quem ele tentou se casar, porém não obteve sucesso devido ao preconceito, a família da moça rejeitou o pedido) usa palavras rebuscadas, que descrevem o amor que sente. Conta de forma romântica a visão que tem de sua querida, exagerando nos elogios, como se não houvesse defeito algum. Descreve os olhos de sua amada e como ele se sente por não tê-la por perto, destacando sua saudade e idealizando uma mulher perfeita. Não disfarça seu sentimento de rejeição, porém não perde a esperança da concretização de seu amor, característica marcante nos poetas do romantismo brasileiro.

Não menos romântico, Nando Reis, trata seu amor de forma mais despojada e contemporânea, conta a visão dos próprios olhos, diferentemente do poeta que descreve os olhos de sua amada. Relata a angústia e saudade que sente quando não vê sua querida. Ambos vidrados, com um amor exagerado, não mostram outro caminho a não ser a dor e a saudade quando não estão com suas amadas. Na estrofe cinco e seis da música o autor se declara abertamente, mostrando sua paixão. Assim como o poeta nas estrofes dez e onze. Apesar de tudo, é possível notar que ambos estão fisicamente distantes de suas amadas.

Carlos Drummond de Andrade

As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo,
 Não precisas ser amante,
 e nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
 é semeado no vento,
 na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 bastante ou demais a mim.
 Porque amor não se troca,
 não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 e da morte vencedor,
 por mais que o matem (e matam)
 a cada instante de amor.

Trecho da música "Êta amor" - Péricles

Êta amor tão inocente
 Êta amor insequente
 Esse amor que mata a gente
 Êta amor que não aprende
 Meu amor não se arrepende, meu amor não se defende
 Êta amor que vai com tudo, esse amor que abala o mundo
 Êta amor que vai na alma
 Êta amor que não se acalma.

Com certeza podemos notar que a poesia de Carlos Drummond e a música do Péricles falam de amor, mas o trecho da música descreve o amor dando suas características, e a poesia como o nome já diz são as razões do amor.

Emerson de cartas
 Castilho de livro
 livros de Aguiar
 Castro Alves
 Fausto
 G. P. de S. S.

De João Viter / A proposta era relacionar um poema da
 reginação romântica com uma obra atual. Drummond,
 apesar de ser apenas que viveu de 1901 é um po-
 eta moderno. Gostamos da música, você pode usar
 este para a prova de entender o amor. Ficaremos que
 você estava mais, só não esqueça o preço.

(Pinos do Castro Alves)
 (os olhos do leonador não são
 confidenciais, querido!)

MOREMA FIOR (CASTRO ALVES)

ELA TEM UMA GRAÇA DE PANTEIRA
 NO ANDAR BEM-COMPORTADO DE MEMBRA.
 NO MOLESO EM QUE VEM SEMPRE SE ESPERA
 QUE DEÍE REPENTE ELA LHE SAJA EM
 CIMA

A-MIM ME ENERVA O APOIO COM QUE
 ELA VIBRA

E QUE A MOTIVA DESDE DE MAMÃ.

- COMO É QUE PODE, DIGO-ME COM ESPANTO

TRECHO DA MÚSICA "LA VEM ELA" GRUPO REVELAÇÃO

ELA TEM UM JEITO TÃO GOSTOSO DE SAMBÃO
 UM CORPO PERFEITO QUE ENLANTA O OLHAR, PARECE
 QUE LATA TODOS QUE ESTÃO NO SALÃO, LEVE COMO
 A BRISA QUENTE COMO UM VULCÃO.

ANTONIO FREDERICO DE CASTRO NASCEU NA
 FAZENDA CABEZEIRAS, NASCIDO ^{EM} 14 DE MARÇO
 DE 1847. CASTRO ALVES É UM POETA BRASILEIRO,
 É O PATRONO DA CADENA NÚMERO 7 DA ACADEMIA
 BRASILEIRA DE LETRAS.

GRUPO REVELAÇÃO FORMADO POR 5 INTEGRANTES
 INCLUINDO ALEXANDRE DE PIARES QUE ATUALMENTE
 SEGUE CARREIRA SOLO (CANTOR E COMPOSITOR). O GRUPO
 SEGUE O RITMO SAMBISTA COM MÚSICAS DANÇANTES.

RELACIONANDO A MÚSICA PROPOSTA DO GRUPO
 REVELAÇÃO COM O POEMA DE CASTRO ALVES
 É PERCEPTÍVEL QUE AMBOS FALAM DE UMA
 MULHER DESCREVENDO-A USANDO METÁFORAS COMPARA-
 TIVAS. AMBOS FALAM DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS
 DAS MULHERES E SEUS ENANTOS QUE SEDUZEM
 OS HOMENS

Turma:2º

TRABALHO DE PORTUGUÊS

Música escolhida: AMOR ALÉM DA VIDA – Cezar e Paulinho

(...)Quantas vidas eu viver
Em todas vou amar você (...)

Eu sou a letra desta canção
Declaração de amor um dia prometida
E você a melodia preferida
Lê,lê, Lê, preciso te dizer
Que o meu amor por você
É amor além da vida

Poesia escolhida: TRINDADE – Álvares de Azevedo

(...) Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a mulher... (...) É fada que nos leva além da vida
Pálidos de langor!
A poesia é a luz da mocidade,
O amor é o poema dos sentidos,
A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...
Voltai, sonhos de amor e de saudade!

- As semelhanças para mim, são que os dois falam sobre um amor após a vida. Acho que muitos não entenderam o porquê do amor após a vida, mas para mim, quando Álvares fala “E a mulher (...) É fada que nos leva além da vida” ele está querendo dizer que o amor que ele sente por essa mulher irá ultrapassar até a morte, creio que quando o autor da poesia a escreveu ele estava contemplando a essa tal mulher, contemplando o amor. Já na música tem um trecho que diz assim “(...) Quantas vidas eu viver Em todas vou amar você (...) Que o meu amor por você é amor além da vida” vemos nessa parte bem claramente que também o autor da música está apaixonado, e que ele afirma que o seu amor irá além dessa vida! Uma das principais características do romantismo na música escolhida é a “ilusão” sobre o amor, mostrando apenas o seu lado bom, o seu lado mais bonito. E na música é que o Álvares enxerga a vida com um olhar que só enxerga o lado bom das coisas, isso até me lembra a Luneta Mágica, pois parece que o Álvares está com a luneta mágica que só enxerga coisas boas, da mesma forma que o autor da música que enfatiza muito o amor que sente!

Turma: 2ª

TRABALHO DE PORTUGUÊS

Música escolhida: AMOR ALÉM DA VIDA – Cezar e Paulinho

(...) Quantas vidas eu viver
Em todas vou amar você (...)

Eu sou a letra desta canção
Declaração de amor um dia prometida
E você a melodia preferida
Lê, lê, Lê, preciso te dizer
Que o meu amor por você
É amor além da vida

Poesia escolhida: TRINDADE – Álvares de Azevedo

(...) Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a mulher... (...) É fada que nos leva além da vida
Pálidos de langor!
A poesia é a luz da mocidade,
O amor é o poema dos sentidos,
A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltai, sonhos de amor e de saudade!

As semelhanças que encontrei na música e na poesia é que os dois falam de um amor após a vida, um amor que vai durar para sempre. Estão falando do amor à mulher amada, que nos parece ser incrivelmente extraordinária, que faz valer esse amor, pela qual o amor é algo incrível e sem dor, pela qual vale a pena lembrar até depois da morte!

> Isso na vida Eduardo, na relação são muito bon, mas também a demora apenas para das portas. O primeiro é que falta desenvolver, mas também muito pouco. Poderia falar sobre o romantismo e mas características. O outro é que temo a pena e não sinto um relação que você viu de "um amor após a vida". Pênia é o mesmo como encontrar esse poeta, seguindo e sempre trazer para mostrar essa relação.

Poema: "Pálida à luz" - Álvares de Azevedo.

Pálida a luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como adormecida por noite embalsamada,
Entre os murmúrios de amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela marejada das águas embalada!
Era um anjo entre murmúrios d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! e seu palpitante
Negros olhos as pálpebras abertas
Formas nuas no leito suspirando

mpô te vias de mim, meu anjo lindo!
Perdi - os votos eu não li chorando,
Perdi - nos sonhos sonhava e sonhando!

Trecho livro "Fallen" - Lauren Kate (publicado em 2009.)

"Ela levanta os olhos para ele. Seus olhos pareciam brilhantes também. Sua pele era dourada e, sob a luz, os olhos eram quase como a chuva. Ela chorou -

orientando um misto de confusão e vergonha, e uma tentação maior ainda - enquanto ele subia a margem de volta. Um raio de sol passou por entre as árvores e envolveu sua silhueta com um brilho radiante. Como a água cintilava sob a luz do sol, quase parecia que ele tinha asas."

Enzaio: Desta vez no trecho da obra de "Fallen" que o foco é voltado para a figura do homem, um pouco mística e meio singular, enquanto em "Pálida à luz" o foco é transmitido na figura feminina, pura e virginal. Ambas as obras tratam de amores ingênuos, mas sem deixar de ter por trás uma pitada de "paixão ardente". De certa forma também quem está observando cada figura - o homem e a moço - parecem ter certa dificuldade de se aproximar. Cada um observa seu amor de longe, como se não pudesse chegar perto - como se o amor fosse inatingível.

Nota-se nas duas obras o uso de comparações em metáforas relacionadas a fenômenos naturais, nos aspectos e características físicas dos observados.

Porém enquanto a menina de Fallen parece ter vergonha um estar distante, o narrador em "Pálida à luz" parece querer estar cada vez mais perto da mulher que ele observa.

Todas as duas obras parecem idealizações, porém de forma bem real, pois ambos indivíduos parecem depender bastante desta idealização, ^{resgando de} do ponto de mente.

Poema: "Pálida à luz" - Alvarez de Azevedo

Pálida a luz da lâmpada esbelta,
Sobre o leito de flores inclinata,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre os sussurros de amor ela dormia!

Fria a stringem de mar, uma espuma fina
Pela maré das águas embalada!
Fria um vento entre murmurios d'abrigada,
Que um sopro se batia e se aquecia!

Fria mais bela! o olho palpitando
Trêz olhos os palpítrios abrimos
Fermos olhos no leito esvalando

Mãe de olhos de mim, meu olho lindo!
Por ti - os olhos eu não chorando,
Por ti - nos olhos impetivos escurando!

Texto livro: "Fallen" - Lauren Kate

"Ela levantou os olhos para ele. Seus olhos pareciam brilhantes também. Sua pele via deitada e, sob a luz, os olhos eram quase como chumbo. Ela chorou - sentindo um misto de

confusão e nebulosidade, e uma tentação maior ainda - enquanto ele observa a margem de volta. Um raio de sol passou por entre as árvores e iluminou sua silhueta com um brilho radiante. Como a água contava com a luz do sol, quase parece que ele tinha asas."

Sublime e Azul-turquesa

Podemos destacar em ambas as obras características gerais do romantismo, como o clima sombrio de mistério, a sugestão de elementos místicos, o individualismo e a idealização.

Consequente período no trecho de "Falem" - uma obra de gênero romântico gótico/terror, escrita pelo americano Hawthorne em 1849 que se foca à volta de para a figura de homem, mais mística e singular, enquanto no poema do escritor romântico brasileiro Álvares de Azevedo "Pálido à luz" se foca a transmissão de atributos de figura feminina, pura e virgem.

As duas obras tratam de amores ingênuos, mas sem deixar de ter por trás uma pitada de "paixão ardente". De certa forma também quem está observando cada figura - o homem e o garoto - parecem ter medo de se aproximar, pois cada um observa seu amor de longe, como se não pudesse chegar perto - como se o amor fosse inatingível.

Há-se também o uso de comparações em metáforas, relacionadas a fenômenos naturais, nos aspectos e características físicas dos observados.

Porém enquanto a maioria em "Falem" parece ter reingenuidade em usar o termo, o narrador de "Pálido à luz" parece querer usar cada vez mais perto de mulher que ele observa.

Além de existir em ambas as obras idealizações, porém de forma bem real, pois os dois indivíduos parecem depender bastante de tal idealização, chegando a brincar até a morte.

Anexo 5 - Amostra de atividade: Paródia de poesia em grupo**Grupo 1: Os Romanos**

ROMA (Poema original: *Amor* de Álvares de Azevedo)

Odiemos! Estou de ódio morrendo.
A raiva preenchendo meu coração
Vivendo na angustia, a alma vazia
Solitária vagueia, a tristeza e a dor,
Tua teoria me sufoca.
Tuas lágrimas me mantem vivo.

Quero em teus lábios ver,
A súplica do desespero,
Ser seu pesadelo,
Doce ilusão que te assombra na noite vazia.

Minha doce donzela,
Minha alma dança de alegria
Em meio ao seu desespero
Como é doce a vingança!
Entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor.
Quero viver um momento.
Com Ódio e Vigor!

Grupo 2: Os anônimos

SEM TÍTULO (Poema original: *Se eu morresse amanhã* de Álvares de Azevedo)

Se eu morresse amanhã
As inimigas agradeceriam
Mas estou aqui

Forte no combate

Se eu morresse amanhã
 Nenhum glamour teria o meu futuro
 E eu perderia meu brilho único
 Se eu morresse amanhã

Que lástima! Oh que desgraça
 Se eu morresse amanhã
 Meu brilho não deixaria mais sua visão turva
 E não teria mais espaço para recalque no peito

Mas agora ainda não é hora
 Eu anseio pela vida
 Assim como ela anseia por mim
 E “se” ainda não é o bastante para me derrubar a glória.

Grupo 3: Gordinhos Salientes

A FATIA (Poema original: *O que é - Simpatia* de Casimiro de Abreu)

Fatia - é um tasco de um todo,
 Que engana a fome por um só momento,
 Depois que se engole o sente coração,
 A pressão é como fogo ardente,
 Bem juntos, unidos, presos,
 A dois lados do estômago ficam
 Abraçando-a

Fatia – tem dois lados
 As que nos banham de alegria,
 Por serem grandes,
 E as que parecem mangueiras do jardim de
 Tão finas que são,
 Depois de um pedaço nasce a tentação,

De quando grande, não há quem mate,
E que se gruda como um chiclete na alma.

É como alma gêmea, a fatia,
Fatia de bolo,
Fatia de pão,
São coisas angelicais,
Ao passar pela garganta, é como o paraíso.

Fatia – óh fatia
Pode ser boa ou pode ser ruim,
Pode ser como o aroma das flores,
Ou como o cheiro de um pum que saiu do
Bumbum,
Assim é preferível ficar de jejum, mas se
Não,
Ah fatia – é só gordice.

Anexo 6 - Slides utilizados durante as aulas

Romantismo e poesia brasileira: O começo de tudo

nossa terra
tem palmeiras
onde canta o
sabia



Um pouco de história...

Independência do Brasil

7 de setembro de 1822

1833 – grupo formado por
intelectuais e poetas:

Manuel de Araújo Porto-
Alegre, Francisco de Sales
Tôrres Homem, João Manuel
Pereira da Silva, Candido de
Azeredo Coutinho e
Domingos José Gonçalves de
Magalhães.



Independência do Brasil, François-René Moreaux 1844.

Nacionalismo e independência: construção de uma literatura brasileira;

1836 - publicação da revista Niterói, Revista brasileira de ciências, letras e artes, em Paris e Suspiros poéticos e saudades de Gonçalves Magalhães;

Antônio Gonçalves Dias

- ♪ Nasceu no município de Caxias no Maranhão em 1823;
- ♪ Viagem para Portugal em 1838 - Estudo de Direito em Coimbra;
- ♪ Canção do Exílio em 1843;
- ♪ Regresso ao Brasil em 1845;
- ♪ Em 1847 publicação de "Primeiros cantos";
- ♪ Em 1852 Gonçalves é nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros;
- ♪ Em 1862, por causa de uma doença, vai para a Europa;
- ♪ Faleceu em 3 de novembro de 1864, durante o naufrágio da embarcação navio Ville de Boulogne;





CANÇÃO DO EXÍLIO

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
 Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen,
 Kennst du es wohl?
 Dahin, Dahin!
 Möcht ich... ziehn!
 Goethe

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar - sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Hino Nacional

Do que a terra mais garrida
 Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,
 "Nossos bosques têm mais vida",
 "Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Canção do exílio

Casimiro de Abreu

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
 Meu Deus! não seja já;
 Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
 Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
 Respirando este ar;
 Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
 Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
 Do que a pátria não tem;
 E este mundo não vale um só dos beijos
 Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil;
 Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
 O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
 Meu Deus! não seja já!
 Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
 Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
 Tão lindo e tão azul!
 E a nuvem cor-de-rosa que passava
 Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
 As folhas por dossel;
 E ver se apanho a borboleta branca,
 Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
 Das tardes ao cair,
 E sozinho cismando no crepúsculo
 Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
 Meu Deus! não seja já;
 Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
 A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
 Dum clima tropical,
 E sentir, expirando, as harmonias
 Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
 Banhada do luar,
 E eu contente dormirei tranqüilo
 À sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
 Porque cedo morri,
 E eu sonho no sepulcro os meus amores
 Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
 Meu Deus! não seja já;
 Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
 Cantar o sabiá!

Canção do Exílio Facilitada

José Paulo Paes (1973)

lá?
 ah!
 sabiá...
 papá...
 maná...
 sofá...
 sinhá...
 cá?
 bah!



Desejo

E poi morir.
 Metastásio

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
 Sequer por um instante, nesta vida
 Amor igual ao meu!
 Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra encontre
 Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
 Que sinta o meu sentir;
 Uma alma que me entenda, irmã da minha,
 Que escute o meu silêncio, que me siga
 Dos ares na amplidão!
 Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
 Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem
 Num êxtase de amor!



As várias “Canções do exílio”

Canção do exílio (1843) Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Canto de regresso à pátria (1924) Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Nova Canção do Exílio (1945)
Carlos Drummond de Andrade

Um sabiá
na palmeira, longe.

Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Uma Canção (1962)
Mario Quintana

Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios,
Cada qual com sua hora
Nos mais diversos instantes...
Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?
Terra ingrata, ingrato filho,
Sob os céus da minha terra
Eu canto a Canção do Exílio!

Jogos florais (1974)
Cacaso

I
Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho
vira direto vinagre.

II
Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados
senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses
que se escreve
paçarinho?)

Versão de Jordana Cruvinel

Minha terra tem funkeiros
onde canta o MC
tem axé e sertanejo
não sei porque "tô" aqui

Nosso céu tem mais fumaça
nos enterros tem mais dores
nossas praças tem mais manos
nossos humanos sem valores

Se andar sozinho à noite
é pedir pra ser roubado
dos ladrões não tão discretos
quanto os que estão no senado

Não permita Deus que eu morra
sem conseguir o que almejei
mudar o circo dos horrores
onde quem tem dinheiro é rei

Sabiá (1968) Chico Buarque e Tom Jobim

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De um palmeira
Que já não há
Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queira
E anunciar o dia

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
E é pra ficar
Sei que o amor existe
Não sou mais triste
E a nova vida já vai chegar
E a solidão vai se acabar
E a solidão vai se acabar

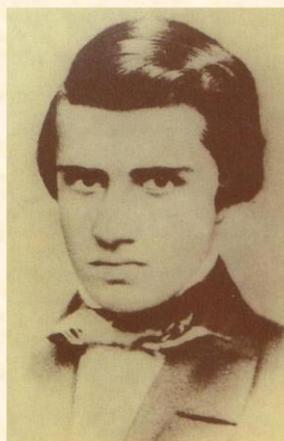
Poesia romântica e o tema do amor

Características

- Individualismo, subjetividade
- Sentimentalismo
- Desilusão, dúvida
- Inspiração, improvisação, espontaneidade
- Negativismo, melancolia

Álvares de Azevedo

- Manuel Antônio Álvares de Azevedo
- Nasceu em São Paulo, em 1831
- Fez os cursos primário e secundário no Rio de Janeiro, depois voltou a SP para fazer faculdade de direito em 1848
- Fundou a *Revista Mensal da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano* (1849)
- Faleceu em 1852, de tuberculose agravada por tumor na fossa ilíaca
- Entre 1848 e 1851 publicou alguns poemas, artigos e discursos



Pálida à luz

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando
Negros olhos as pálpebras abrindo
Formas nuas no leito resvalando

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou — é ela!...
Eu a vi... minha fada aérea e pura,
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas...
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! De certo ... (pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores!...
São versos dela... que amanhã decerto
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela... eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela!

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!

Casimiro de Abreu

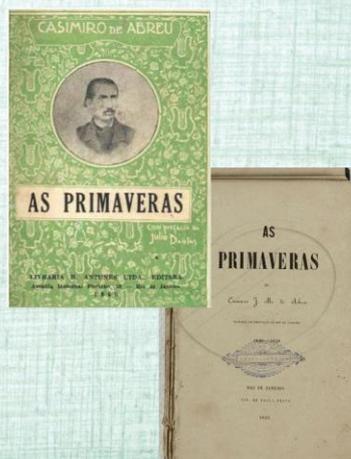
Biografia

- Casimiro José Marques de Abreu
- Nasceu em Barra de São João (RJ), em 1839
- Pais moravam separados e ele residia com a mãe
- Recebeu apenas instrução primária
- Em 1852, foi para o Rio praticar comércio, por vontade do pai
- Em 1853, viajou para Portugal, onde iniciou a atividade literária
- Aos 17 anos já publicava na imprensa portuguesa
- Voltou ao Rio em 1857
- Publicou "As primaveras" em 1859
- Morreu de tuberculose em 1860, seis meses após o pai



As primaveras (1859)

- Temas: a nostalgia da infância, a saudade da terra natal, o gosto da natureza, a religiosidade ingênua, o pressentimento da morte, a exaltação da juventude, a devoção pela pátria e a idealização da mulher amada
- Expressa emoções simples e ingênuas
- Poemas normalmente diurnos
- Sentimentalismo, amor e saudade
- Simplicidade na escrita junto com sentimentos exagerados



A valsa – Casimiro de Abreu

Tu, ontem, Na dança Que cansa, Voavas Co'as faces Em rosas Formosas De vivo, Lascivo Carmim; Na valsa Tão falsa, Corrias, Fugias, Ardente, Contente, Tranqüila, Serena, Sem pena De mim!	Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti! Quem dera Que sintas!... — Não negues, Não mintas... — Eu vi!...	Valsavas — Teus belos Cabelos, Já soltos, Revoltos, Saltavam, Voavam, Brincavam No colo Que é meu; E os olhos Escuros Tão puros, Os olhos Perjuros Volvias, Tremias, Sorrias, P'ra outro Não eu!	Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti! Quem dera Que sintas!... — Não negues, Não mintas... — Eu vi!...	Meu Deus! Eras bela Donzela, Valsando, Sorrindo, Fugindo, Qual silfo Risonho Que em sonho Nos vem! Mas esse Sorriso Tão liso Que tinhas Nos lábios De rosa, Formosa, Tu davas, Mandavas A quem ?!
---	---	---	---	--

Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti! Quem dera Que sintas!... — Não negues, Não mintas... — Eu vi!...	Calado, Sozinho, Mesquinho, Em zelos Ardendo, Eu vi-te Correndo Tão falsa Na valsa Veloz! Eu triste Vi tudo! Mas mudo Não tive Nas galas Das salas, Nem falas, Nem cantos, Nem prantos, Nem voz!	Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti! Quem dera Que sintas!... — Não negues Não mintas... — Eu vi!	Na valsa Cansaste; Ficaste Prostrada, Turbada! Pensavas, Cismavas, E estavas Tão pálida Então; Qual pálida Rosa Mimosa No vale Do vento Cruento Batida, Caída Sem vida. No chão!	Quem dera Que sintas As dores De amores Que louco Senti! Quem dera Que sintas!... — Não negues, Não mintas... Eu vi!
---	---	---	---	--

Romantismo e o tema da morte

Lord Byron (1788-1824)

- George Gordon Byron
- Poeta romântico inglês
- Obras exprimem pessimismo, melancolia, fuga da realidade, insatisfação, transgressão
- Ler Byron tornou-se moda entre os jovens no começo do século XIX



Não recues! De mim não foi-se o espírito...
Em mim verás - pobre caveira fria -
Único crânio que, ao invés dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a larva
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais vale guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
- Taça - levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do réptil.



Uma taça feita de um crânio humano Lord Byron

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros o espírito acender.
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fossos,
Pode do abraço te livrar da terra,
E ébria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dor ai repousa?
É bom fugindo à podridão do lado
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa!...

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Lembrança de morrer

Álvares de Azevedo

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não
[zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo....
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.—

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegi o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!

Se eu morresse amanhã – Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!

Adeus, meus sonhos! – Álvares de Azevedo

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! Votei meus pobres dias
À sina doida de um amor sem fruto,
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus?
Morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já não vejo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

Poesia social: Navio Negreiro de Castro Alves

Contexto Social

1840 – É decretada a maioridade de D. Pedro II;

1845 – O parlamento inglês aprova a Lei Bill Aberdeen que proibia o tráfico de escravos negros, dando poder à Inglaterra para abordar e aprisionar navios de países que tinham essa prática;

1850 – Lei Eusébio de Queirós: penas severas para o tráfico negreiro;
Desenvolvimento da economia brasileira através das produções do café no sudeste – procura de novos “escravos” e aparecimento de uma nova classe de senhores de engenho;

Urbanização (aparecimento de grandes cidades);



Aclamação de D. Pedro II, Debret, 1839.



Coroação de D. Pedro II, Manuel de Araújo Porto-Alegre, 1845.

1871 – Aprovada a lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquele ano;

1885 – A lei dos Sexagenários: lei que dava liberdade para os escravos com mais de 60 anos;

1888 – Lei Aurea: Abolição da escravatura;



Cana de açúcar, Portinari, 1938

Reflexos na literatura

Aves como o falcão, condor e albatroz se tornaram símbolos desse grupo de poetas (liberdade, capacidade de enxergar distante):

Poetas comprometidos com as ideias abolicionistas e republicanas - poesia social;



A visão da mulher na poesia é sensual, erótica e carnal – tocável;

O grotesco e o sublime – Vitor Hugo

Castro Alves

1847 – Antônio Frederico de Castro Alves nasce na Bahia;

1864 – Entra para a faculdade de Direito;

1866 – Se envolve com a atriz portuguesa Eugênia Câmara;

1868 – Castro Alves e Eugênia vão para São Paulo para encenar a peça Gonzaga, escrita pelo poeta um ano antes, fazem uma parada no Rio de Janeiro – José de Alencar e Machado de Assis; No mesmo ano, separa-se de Eugênia e sofre um acidente de tiro.

1869 – Passa por uma cirurgia e tem seu pé amputado;

1871 – Morre de tuberculose aos 24 anos na Bahia;



Castro Alves e a poesia social

O povo ao poder (1864)

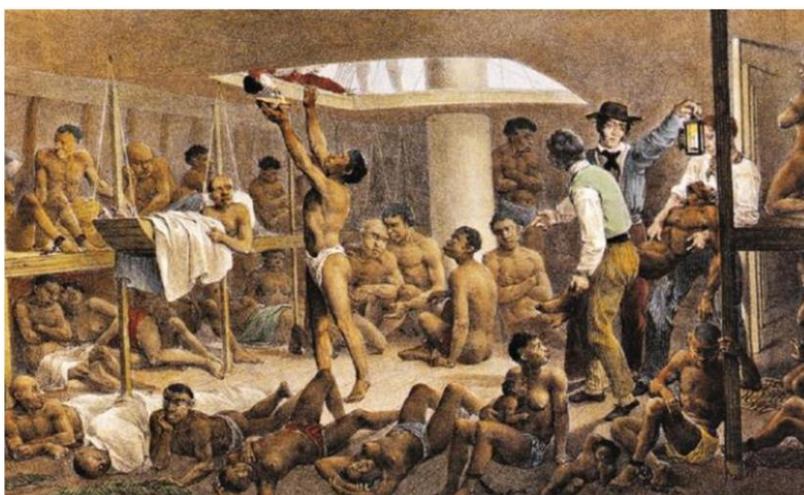
A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor!

[...]

Pois bem! Nós que caminhamos
Do futuro para a luz,
Nós que o Calvário escalamos
Levando nos ombros a cruz,
Que do presente no escuro
Só temos fé no futuro,
Como alvorada do bem,

Como Laocoonte esmagado
Morreremos coroados
Erguendo os olhos além.

Irmão da terra da América,
Filhos do solo da cruz,
Erguei as fronte altivas,
Bebei torrentes de luz...
Ai! Soberba população,
Dos nossos velhos Catões,
Lançai um protesto, ó povo,
Protesto que o mundo novo
Manda aos tronos e às nações.



Negros no fundo do porão de navio, Johann Moritz Rugendas, 1835

Canto I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

Douto: instruído, com sabedoria

Vagas: ondas

Ardentias: fosforescência, brilho

quando o mar está agitado

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Véleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruga pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

Procela: tormenta do mar, tempestade

Pélagos: Abismos

Pávido: Assustado

Meus oito anos (1857)

Casimiro de Abreu



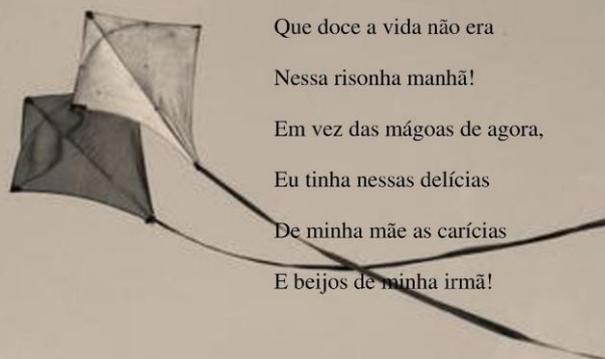
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

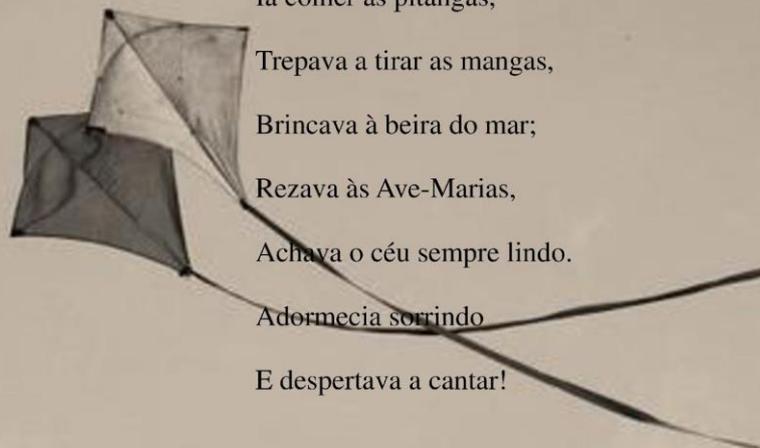


Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!



Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta o peito,
 — Pés descalços, braços nus —
 Correndo pelas campinas
 A roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!



Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

.....
 Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!

— Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 A sombra das bananeiras
 Debaixo dos laranjais!



Estrutura poética

Oh!/que/sau/da/des/que/**te**/nho

Da**au**/ro/ra/da/mi/nha/**vi**/da,

Da/mi/nh**ain**/fân/cia/que/**ri**/da

Que**os**/a/nos/não/tra/zem/**mais**!

Que**a**/mor,/que/so/nhos,/que/**flo**/res,

Na/que/las/tar/des/fa/**guei**/ras

À/som/bra/das/ba/na/**nei**/ras,

De/bai/xo/dos/la/ran/**jais**!

Co/mo/são/be/los/os/**di**/as

Do/des/pon/tar/dae/xis/**tên**/cia!

— Res/pi/**raa**/al/**mai**/no/**cên**/cia

Co/mo/per/fu/mes/a/**flor**;

O/mar/é/ — /la/go/se/**re**/no,

O/céu/ — /um/man/**toa**/zu/**la**/do,

O/mun/doum/so/nho/dou/**ra**/do,

A/vi/da/ — /um/hi/no/**d'a**/mor!



Meus oito anos – Oswald de Andrade

Oh que saudades que eu tenho

Da aurora de minha vida

Das horas

De minha infância

Que os anos não trazem mais

Naquele quintal de terra

Da Rua de Santo Antônio

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões

Da cocaína da infância

Nos banhos de astro-rei

Do quintal de minha ânsia

A cidade progredia

Em roda de minha casa

Que os anos não trazem mais

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais

Anexo 7 – Fotos

Imagens referentes à apresentação das paródias feitas pelos grupos:





Anexo 8 – Fotos

Alunos realizando aquecimento de voz e corpo



Alunos realizando a dinâmica de confiança